



Universidade de Aveiro
2007

Dep. de Electrónica, Telecomunicações e Informática
Departamento de Línguas e Culturas
Secção Autónoma de Ciências da Saúde

**Luís Fernando
Pinto Salema**

Consciência e caracterização fonética de variação dialectal em Português Europeu

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Fala e da Audição, realizada sob a orientação científica do Doutor António Joaquim da Silva Teixeira, Professor Auxiliar do Departamento de Engenharia Electrónica, Telecomunicações e Informática da Universidade de Aveiro e da Doutora Lurdes de Castro Moutinho, Professora Associada do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Professor Doutor Nelson Fernando Pacheco da Rocha
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

vogais

Professora Doutora Maria Antónia Mota
Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Professor Doutor António Joaquim da Silva Teixeira (Orientador)
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Lurdes de Castro Moutinho (Co-orientadora)
Professora Associada da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Entre 1994 e 1999, frequentei a Licenciatura em Ensino de Português, Latim e Grego, na Universidade de Aveiro. Durante esses cinco anos, a porta dos docentes desta casa esteve sempre aberta. Foram eles que me ensinaram a ser professor, fomentaram o meu gosto pela investigação, valorizaram o meu percurso e com altas palavras me animaram, durante essa caminhada. Aqui fica expresso o meu sentimento de gratidão.

Manifesto o meu agradecimento a todos os professores do primeiro curso de Mestrado em Ciências da Fala e da Audição. Muito obrigado à Dra. Ana Martins da Silva, com quem descobri a Neurofisiologia, à Professora Andreia Hall, pela sua infinita paciência, ao ensinar-me Estatística, à Professora Rosa Lúcia Coimbra, com quem aprofundei os meus conhecimentos de Linguística, e aos Professores Ana Mendes e Luís Jesus, pelas oportunidades que me deram para divulgar os trabalhos que com eles realizei.

Expresso a mais profunda gratidão aos Professores António Teixeira e Lurdes Moutinho, enquanto docentes da parte curricular do Mestrado e como meus orientadores. Com eles, aprendi a perseverar, a não desistir e a explorar novos campos de investigação e de conhecimento, que julgava vedados. Os Senhores Professores António Teixeira e Lurdes Moutinho esperaram sempre que eu desse um pouco mais do que aquilo que eu julgava poder dar. Estou-lhes grato pela confiança que em mim depositaram e por terem sido os mais dedicados conselheiros e amigos.

Sinto-me, ainda, obrigado ao Leopoldo, à Ana Gomes, à Helena Teixeira, à Guida e ao Guillermo, pela sua preciosa ajuda. Entre os amigos, cumpre-me destacar a Amparo e o Zé, que há tantos anos estão presentes nos momentos mais importantes da minha vida. Sem a sua generosidade, o seu conforto e o seu carinho, este trabalho teria sido mais espinhoso.

Estendo os meus agradecimentos aos colegas de Mestrado (especialmente ao Américo, companheiro de tantos trabalhos), à D. Orquídea e à D. Lúcia, do Departamento de Línguas e Culturas, à D. Beatriz, da Biblioteca Municipal de Estremoz, e aos meus alunos de Castelo de Paiva e de Portimão que comigo partilharam e partilham o entusiasmo pela Fonética, pela língua e pela literatura portuguesas e, ainda, pelo Latim e pelo Grego.

Obrigado, também, aos informantes e ouvintes, que colaboraram na recolha do *corpus* e nos testes perceptuais, pois, sem eles, este trabalho não existiria. Por último, agradeço aos meus avós, à tia Teresa e aos meus pais, por tudo aquilo que não cabe nesta página de agradecimentos.

palavras-chave

Consciência dialectal, dialectologia, ditongos, fonética experimental, Português Europeu, produção e percepção da fala.

resumo

O Português Europeu (PE) falado em Portugal Continental apresenta particularidades que estão na génese de diferentes propostas de categorização dialectal. Partindo dessas propostas, revisitadas na primeira parte deste trabalho, elaboraram-se dois testes perceptuais. Os testes permitiram verificar que os fenómenos de ditongação/monotongação foram os que mais contribuíram para a identificação e discriminação correctas de seis variantes dialectais do PE. Da análise dos resultados obtidos nos testes perceptuais concluiu-se, ainda, que a ausência de um determinado fenómeno também é utilizada em tarefas de categorização dialectal, como as solicitadas no âmbito desta pesquisa.

Para estudar os fenómenos citados, desenhou-se um *corpus* e procedeu-se à sua gravação, nas regiões do Minho e do Alentejo. Com base na segmentação e na análise do *corpus* recolhido, foram apurados os valores da duração e das duas primeiras formantes, que confirmaram a presença de variação, quer entre as duas regiões, quer em relação à variante central do PE. Os resultados mostraram uma tendência para a redução do ditongo [6j], no Alentejo, e para o alongamento da vogal [E], nas duas regiões estudadas. Contudo, este último fenómeno apresenta configurações distintas.

Os resultados agora obtidos, quer nos estudos de percepção, quer nos de produção, atestam a permanência e a riqueza da variação fonética regional do PE.

keywords

Dialectal consciousness, dialectology, diphthongs, experimental phonetics, European Portuguese, speech production and perception.

abstract

European Portuguese (EP) spoken in continental Portugal presents some particularities that account for different dialectal categorization proposals. From these proposals, which were revisited on the first part of this work, two perceptual tests were made. These tests allowed us to verify that the diphthongization/monothongization phenomena were the ones that contributed the most to the correct identification and discrimination of six EP dialectal varieties. The analysis of the results obtained on the perceptual tests led to the conclusion that the absence of a given phenomenon may also be functional in dialectal categorization tasks, such as the ones required on the scope of this research.

In order to assess the distinctive value of the mentioned phenomena, a corpus was designed and recordings were made in Minho and Alentejo regions. Based on the segmentation and analysis of the collected corpus, duration values and the first two formants values were extracted which confirmed the existence of variation, both between the two regions and in relation to the EP central variant. Results showed a tendency to the reduction of the diphthong [6j], in Alentejo, and to the prolonging of vowel [E], in the two studied regions. However, the latter phenomenon presents distinct configurations.

The results thus obtained, both in the perception and production tests, account for the existence and richness of phonetic regional variation in EP.

palabras clave

Conciencia dialectal, dialectología, diptongos, fonética experimental, Portugués Europeo, producción y percepción del habla.

resumen

El Portugués Europeo (PE) hablado en el Portugal continental presenta particularidades en las que se encuentra la génesis de diferentes propuestas de clasificación dialectal. Partiendo de esas propuestas, examinadas en la primera parte de este trabajo, se elaboraron dos tests de percepción. Estos tests permitieron verificar que los fenómenos de diptongación/monoptongación fueron los que más contribuyeron a la identificación y discriminación correctas de seis variantes dialectales del PE. Del análisis de los resultados obtenidos en las pruebas de percepción, se concluyó además que la ausencia de un determinado fenómeno también es utilizada en tareas de clasificación dialectal, como las solicitadas en el ámbito de este trabajo.

Para estudiar los fenómenos citados, se diseñó un *corpus* y se procedió a su grabación en las regiones portuguesas de Miño y Alentejo. En base a la segmentación y el análisis del *corpus* recogido, fueron delimitados los valores de duración y de las dos primeras formantes, que confirmaron la presencia de variación tanto entre las dos regiones como en relación a la variante central del PE. Los resultados mostraron una tendencia a la reducción del diptongo [6j] en Alentejo, y una tendencia a la prolongación de la vocal [E] en las dos regiones estudiadas. Sin embargo, este último fenómeno presenta configuraciones distintas.

Los resultados ahora obtenidos, tanto en los estudios de percepción como en los de producción, manifiestan la existencia y la riqueza de la variación fonética regional del PE.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. Considerações preliminares	1
2. Motivações	2
3. Objectivos da dissertação	3
4. Estrutura da dissertação	4
5. Opções metodológicas e sua justificação	5

CAPÍTULO I - AS VARIANTES DIALECTAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU CONTINENTAL

1. Introdução	9
2. Língua, norma e variação	10
3. A relatividade dos conceitos de «língua» e de «dialecto»	14
4. Revisão bibliográfica sobre as variantes dialectais do PE continental falado	17
4.1 - J. Leite de Vasconcellos e a classificação dos dialectos do PE continental	19
4.2 - M. de Paiva Boléo e os falares de Portugal Continental	22
4.3 - A classificação dos dialectos portugueses, segundo Lindley Cintra	28
4.4 - A divisão dialectológica de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz	34
4.5 - Alguns estudos de dialectologia, na actualidade	39
5. Conclusões	41

CAPÍTULO II - PERCEPÇÃO DAS VARIANTES DIALECTAIS DO PE CONTINENTAL

1. Introdução	43
2. Justificação dos fenómenos a incluir nos <i>corpora</i> dos testes perceptuais	44
3. Teste de Identificação	
3.1 - Material linguístico seleccionado	47
3.2 - Construção do teste	48
3.3 - Aplicação do teste	51
3.4 - Resultados	52
3.5 - Discussão	60
3.6 - Considerações finais	66
4. Teste de discriminação	
4.1 - Material linguístico seleccionado	67
4.2 - Construção do teste	68
4.3 - Aplicação do teste	70
4.4 - Resultados	71
4.5 - Discussão	82
4.6 - Considerações finais	88
5. Conclusões	88

CAPÍTULO III - A VARIAÇÃO DE [6j] E [E] NO PE FALADO NO MINHO E NO ALENTEJO

1. Introdução	93
2. Constituição do <i>corpus</i> a gravar	95
3. Procedimentos adoptados na escolha do <i>corpus</i>	
3.1 - Informantes	99
3.2 - Gravação	100

3.3 - <i>Software</i> utilizado na gravação, na segmentação e na etiquetagem do <i>corpus</i>	101
4.Resultados	
4.1 - Duração	104
4.2 - Formantes	106
4.2.1 - Resultados para o ditongo [6j]	108
4.2.2 - Resultados para a vogal [E]	110
5. Discussão	111
5.1 - Ditongo [6j]	112
5.2 - Vogal [E]	115
6. Conclusões	117
CAPÍTULO IV - CONCLUSÃO	
1. Síntese do trabalho realizado	119
2. Principais resultados e conclusões	120
3. Sugestões de continuação	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Há um modo de falar a língua portuguesa, mau e viciado, ao qual podemos chamar dialecto rústico, e dele usa a gente ignorante, rústica e incivil, e dele é necessário desviar aos meninos bem criados.

Jerónimo Contador de Argote (1725)

1. Considerações preliminares

Lembro-me de, ainda adolescente, ter visto, pela primeira, vez o filme *My Fair Lady*, realizado por George Cukor. Desse filme, guardo, até hoje, a imagem de Eliza Doolittle, personagem interpretada por Audrey Hepburn. Eliza, detentora de uma pronúncia que denuncia a sua condição humilde, começa a receber aulas do professor Higgins, um foneticista que, através da utilização de técnicas experimentais, consegue corrigir a maneira de falar da personagem. Com essa idade, eu mal sabia o que era a Fonética, mas já reconhecia a importância de falar correctamente a minha língua. O interesse pelas questões ligadas às línguas foi crescendo, condicionando o percurso académico que viria a traçar.

Mais tarde, na Universidade, viria a reencontrar a Fonética, deslindando que o âmbito desta disciplina ultrapassa aquela dimensão prescritiva que o filme em mim inculcara. Recordo-me que, nessa época, a Fonética foi uma descoberta: era uma matéria que se caracterizava pela maior objectividade e me obrigava a «mexer» noutros saberes.

O contacto mais próximo com esta área dos Estudos Linguísticos aconteceu quando acompanhei a recolha dos *corpora* para os projectos «AMPER» e «Fonética Aplicada ao Processamento da Fala: as Nasais do Português», no interior do Alentejo e

do Algarve. Nessas recolhas, aquela «gente ignorante, rústica e incivil» de que fala a epígrafe mostrava o que de mais autêntico existe na cultura de um povo e constitui uma das suas maiores riquezas: a maneira como cada um fala a sua língua, de acordo com a origem geográfica.

Durante a parte curricular do Mestrado em Ciências da Fala e da Audição, confirmei o carácter multidisciplinar que atribuíra à Fonética, quando era estudante da licenciatura, aliado, agora, aos procedimentos de carácter experimental. No momento da escolha de um tema para a dissertação, a decisão há muito estava tomada: um estudo no âmbito da variação linguística, que implicasse o recurso aos métodos e às técnicas da Fonética Experimental.

2. Motivações

A variação diatópica da língua portuguesa constitui uma das suas riquezas. Contudo, com a generalização do acesso à escolaridade e com a forte centralização e litoralização que caracterizam o nosso país, o dialecto padrão influencia, cada vez mais, a maneira de falar de cada um. O Português Europeu (PE) continental, apesar de ser falado numa área geográfica restrita, apresenta especificidades, ao nível fonético, cuja existência pode ser posta em causa, pelas razões atrás enunciadas. Para impedir o desaparecimento dessas especificidades e perpetuar esse legado cultural e linguístico, importa descrever e analisar a variação regional do PE continental falado, assunto de que poucas abordagens se têm ocupado. Se nos restringirmos ao domínio da Fonética Experimental, verifica-se que esses estudos são ainda mais parcos.

O interesse pelo Português continental falado, pela variação linguística e pelo carácter multidisciplinar da Fonética estão na génese desta dissertação. A possibilidade de realizar trabalho de campo e de fazer análise experimental foram outros factores aliciantes para o desenvolvimento desta reflexão. Por último, o facto deste trabalho se inserir no âmbito de uma das linhas de investigação do Centro de Línguas e Culturas (CLC), da Universidade de Aveiro, constituiu outra motivação importante para a sua concretização. O presente estudo enquadra-se na colaboração entre o grupo de Sinal do IEETA (Instituto de Engenharia Electrónica e Telemática de

Aveiro) e a linha de investigação do CLC, dedicada ao tratamento computacional da variação linguística.

3. Objectivos da dissertação

Partindo das motivações atrás enunciadas, gizaram-se os propósitos desta dissertação, que tem como objectivos centrais discutir e analisar os principais fenómenos fonéticos que caracterizam a variação dialectal do PE continental.

O trabalho pretende confrontar alguns aspectos da Dialectologia e da Geografia Linguística portuguesas com materiais de fala recolhidos e com a aplicação de testes perceptuais. Pretende-se, assim, obter um conhecimento mais pormenorizado da variação linguística do PE continental falado e verificar se os fenómenos fonéticos que têm sido apontados como diferenciadores, pelos linguistas, o são, de facto, para o falante comum da língua portuguesa. De acordo com o que atrás se referiu, traçaram-se, ainda, os seguintes objectivos mais específicos:

1. Avaliar a consciência dialectal, em falantes de PE, através da aplicação de testes perceptuais;
2. Aprofundar o estudo dos dialectos do PE continental, recorrendo a métodos e a técnicas utilizados no domínio da Fonética Experimental;
3. Efectuar um estudo acústico que permita obter um conhecimento mais aprofundado de duas variantes dialectais do PE, partindo dos testes perceptuais e da gravação de um *corpus* próprio.

A concretização destes objectivos implica a realização de um conjunto de tarefas. Para além da revisão bibliográfica, o plano traçado requer a selecção de *corpora* para a construção de testes de percepção e a elaboração dos mesmos. Depois da sua aplicação e da análise e discussão dos resultados, tomam-se opções metodológicas, relativamente ao estudo dos fenómenos que contribuem para a

caracterização das variantes dialectais do PE falado no território de Portugal Continental. Essa abordagem exige a análise de material de fala, gravado, especificamente, para este trabalho, em duas regiões do continente, implicando a constituição de um *corpus* específico que possa contemplar os fenómenos fonéticos que se pretendam estudar. O facto de se seleccionarem, apenas, duas regiões é legitimado pelos resultados dos testes perceptuais e por não ser possível proceder à recolha do *corpus*, em várias regiões do país (e à sua análise detalhada), no período de tempo disponível para a realização deste trabalho.

4. Estrutura da dissertação

Esta dissertação espelha as diferentes tarefas realizadas para alcançar os objectivos traçados. Depois da Introdução, o trabalho está estruturado em quatro capítulos, divididos num número variável de secções.

O capítulo I inclui uma revisão bibliográfica dos estudos de dialectologia e de geografia linguística referentes à Língua Portuguesa europeia. Depois de uma breve introdução, esse capítulo inicia-se com uma secção dedicada à abordagem da temática da variação linguística e da complexidade que a caracteriza. De seguida, procede-se a algumas precisões de carácter terminológico, relativamente aos conceitos de «dialecto», de «língua» e de outros que lhes estão próximos. A quarta secção deste capítulo resume as diferentes propostas de classificação das variantes dialectais do PE continental falado e os fenómenos fonéticos que as fundamentam. Para cada uma das regiões delimitadas, são referidos os fenómenos mais importantes, na óptica de cada autor, não havendo a preocupação de inventariar, exhaustivamente, todas as características peculiares de uma região dialectal. O capítulo surge enriquecido com mapas que permitem um maior esclarecimento das ideias enunciadas, nos diferentes estudos convocados para a revisão bibliográfica.

O capítulo II centra-se na construção e na aplicação de dois testes perceptuais (de identificação e de discriminação), bem como na análise e na discussão dos resultados obtidos. Os testes, elaborados a partir de material linguístico já gravado, disponível no Laboratório de Fonética do Departamento de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro, pretendem avaliar a consciência dialectal de alguns falantes

do PE. Neste capítulo, também é explicitada a metodologia seguida na escolha dos *corpora*, assente num conjunto de fenómenos, cuja selecção também se fundamenta. De acordo com os resultados obtidos nestes testes, será seleccionado um fenómeno fonético (ou conjunto de fenómenos) que se revele produtivo para a identificação/distinção dos diferentes dialectos do PE. Refira-se, mais uma vez, que neste trabalho apenas serão considerados os dialectos do território de Portugal Continental.

No capítulo III, faz-se a análise acústica do(s) fenómeno(s) fonético(s) seleccionado(s), após a aplicação da metodologia explicitada no capítulo II. Essa tarefa será desenvolvida através do recurso a técnicas da Fonética Experimental, tendo como matéria-prima um *corpus* especificamente elaborado e gravado para os objectivos visados neste trabalho. A constituição desse *corpus* e os procedimentos adoptados na sua recolha integram, igualmente, o terceiro capítulo desta dissertação.

No capítulo final, o quarto, serão apresentadas uma síntese do trabalho, as principais conclusões e algumas propostas para trabalhos futuros.

Uma lista de referências bibliográficas, contendo as fontes consultadas, durante a realização deste trabalho, e os anexos apresentados complementam a informação veiculada no corpo da dissertação.

5. Opções metodológicas e sua justificação

Em cada um dos capítulos, fundamentam-se algumas opções metodológicas mais específicas. No entanto, há outras, de carácter mais geral, que importa aqui esclarecer. Relativamente ao capítulo I, optou-se por fazer uma revisão dos principais estudos sobre variação linguística regional do PE continental, centrada nos seus autores. Uma vez que cada linguista apresenta propostas de classificação com terminologias díspares, considerou-se que esta seria a melhor forma de traçar um panorama geral, sobre essa temática, preterindo-se uma caracterização assente na designação dos dialectos ou na nomenclatura administrativa e geográfica. A apresentação das conclusões de cada autor não invalida o cotejo das mesmas, ao longo da exposição, e será seguida de uma síntese, onde se referem os aspectos que unificam as diferentes classificações e descrições apresentadas.

Na elaboração dos testes perceptuais, descrita no capítulo II, como já se referiu, seleccionou-se material de fala gravado e disponível no Laboratório de Fonética do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. O intervalo de tempo disponível para a realização desta dissertação justifica a opção tomada. Com efeito, a constituição de um *corpus* e a deslocação às diferentes regiões, para o gravar, não seriam compatíveis com os constrangimentos temporais subjacentes ao cumprimento dos prazos que regem estes trabalhos de índole académica. O *corpus* foi gravado no decurso do projecto «Fonética Aplicada ao Processamento da Fala: as Nasais do Português», tendo sido desenhado em função dos objectivos nele visados. No entanto, considerou-se que esse *corpus* poderia ser adequado para o estudo de vários fenómenos de variação linguística que caracterizam o Português falado, no território de Portugal Continental, dada a sua cobertura regional. Uma vez que as gravações efectuadas incluem, apenas, produções de informantes do Continente, não foram contempladas, neste estudo, as variantes dialectais dos Açores e da Madeira. A escolha dos fenómenos que presidiram à selecção dos *corpora* para a elaboração dos testes encontra-se fundamentada no capítulo que lhes é dedicado, bem como todas as tarefas realizadas durante e após a sua aplicação.

A selecção dos fenómenos a estudar, no capítulo III, foi determinada pelos resultados obtidos nos testes perceptuais. Para o estudo desses fenómenos, organizou-se um *corpus* específico, que implicou a realização de gravações, nas regiões seleccionadas (Minho e Alentejo). Nesta parte da dissertação, explicita-se a metodologia adoptada, na gravação, na segmentação e na análise acústica do sinal de voz, e apresentam-se as principais conclusões decorrentes de tais procedimentos.

Ao longo do trabalho, as transcrições fonéticas são feitas utilizando a notação SAMPA (*Speech Assessment Methods - Phonetic Alphabet*, Anexo 1, apresentado no final desta dissertação), mesmo aquando da citação de textos que, na sua versão original, incluam transcrições feitas noutros alfabetos. Sempre que tal aconteça, serão elaboradas notas esclarecedoras das alterações introduzidas.

Todos os procedimentos que envolvam análises estatísticas terão como ferramenta auxiliar o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*, versão 11.5). A análise do sinal acústico, a sua segmentação e as respectivas anotações serão realizadas com o programa SFS (*Speech Filing System*), desenvolvido

por Mark Huckvale, do University College of London, que pode ser obtido no *site* <http://www.phon.ucl.ac.uk/resource/sfs>. Ao longo do trabalho, serão referidos outros programas informáticos utilizados em tarefas mais específicas.

CAPÍTULO I

AS VARIANTES DIALECTAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU CONTINENTAL

1. Introdução

A mudança e a variação das línguas constituem uma área complexa dos Estudos Linguísticos. Sobre elas, muito se tem escrito: a maior parte das gramáticas e dos livros de Linguística Geral dedica sempre algumas páginas a estas questões (Aitchison, 1993; Azevedo, 2005; Castro, 1991; Cunha e Cintra, 1994; Faria *et al.*, 1996; Fromkin e Rodman, 1993; Iordan, 1982; Maingueneau, 1997; Mateus e Villalva, 2006; Mateus e Nascimento, 2005; Mateus *et al.*, 2003; Mateus *et al.*, 1994; Mota, 2001; Peres e Móia, 1995; Pisoni e Remez, 2005; Saussure, 1978)¹. A estes escritos, juntam-se estudos mais específicos, que ora adoptam uma perspectiva diacrónica, ancorada na História da Língua, ora resultam de uma abordagem sincrónica, radicada na Sociolinguística, na Dialectologia, na Etnografia ou na Geografia Linguística.

Ao ser falada, qualquer língua passa por processos de variação, que ocorrem ao longo da história e durante a vida dos sujeitos que a utilizam. Esta concepção de língua como instrumento de comunicação social maleável e diversificado é relativamente recente (Cunha e Cintra, 1994). Talvez por isso, o estudo da variação e da mudança constitua um dos campos da Linguística que mais se tem desenvolvido, nos últimos anos. Para este desenvolvimento contribui, certamente, a multiplicidade de abordagens que essas questões possibilitam. Estudar a variação e a mudança de uma língua implica, hoje, a manipulação de um conjunto de saberes que ultrapassa o âmbito restrito dos diferentes níveis de análise linguística. À fonética, à morfologia e/ou à sintaxe, juntam-se quadros conceptuais, métodos e técnicas filiados na

¹ Indicam-se, apenas, algumas referências que foram consultadas, para este estudo, sem a preocupação de elaborar uma lista exaustiva de bibliografia, pois não é esse o âmbito desta dissertação.

História, na Neurologia, na Psicologia, na Sociologia, na Geografia, na Estatística e, mais recentemente, no tratamento computacional das línguas.

2. Língua, norma e variação

Uma língua não é um sistema linguístico unitário. Ela é um conjunto de sistemas linguísticos, ou seja, um diassistema (Cunha e Cintra, 1994), no qual se inter-relacionam diferentes gramáticas (Mota, 2001). São essas relações que contribuem para a extrema complexidade que caracteriza o estudo de uma língua e da sua variação. Com efeito, os procedimentos teóricos e metodológicos que esse tipo de análise requer «exigem que a língua seja idealmente encarada como um sistema estável composto de subsistemas também gramaticalmente estáveis em relação aos quais todas as variantes registadas, de natureza fonética, fonológica, morfológica, sintáctica, semântica, lexical, inter-accional e pragmática, podem ser contrastadas.» (Mateus *et al.*, 2003, p. 33).

O linguista depara-se, assim, com o paradoxo de ter de assumir como estável um sistema (ou um conjunto de sistemas, para se ser mais preciso) que está longe de o ser. Como se vê, a variação é algo inerente a qualquer língua e atravessa-a, transversalmente, podendo tocar todos os seus domínios. Para além disso, essa variação é, também ela, múltipla: ocorre no tempo (diacrónica), no espaço (diatópica), entre camadas sócio-culturais (diastrática) e entre os diferentes tipos de modalidade expressiva (diafásica). Esta aparente desordem não «impede ou destrói a coesão e a unidade maior de um sistema linguístico.» (Castro, 1991, p. 7). Na verdade, a existência de variantes, dentro de um dado sistema, e de variedades nacionais de uma mesma língua, como acontece com o Português, atestam a amplitude e a flexibilidade da mesma, constituindo uma mais-valia e uma prova da sua riqueza e da sua vivacidade.

Qualquer variante de uma língua apresenta um carácter sistemático – daí há pouco se ter escrito «aparente desordem» - e passa por fenómenos de desestabilização do(s) sistema(s), decorrentes dos diversos tipos de inovação linguística postos em prática pelos falantes. As variantes resultam da associação do núcleo de características centrais dessa língua – lexicais, sintácticas e/ou fonéticas,

por exemplo – a um conjunto de características particulares que pode envolver um ou mais desses níveis. Essas características têm de apresentar alguma estabilidade, ao longo de um período razoável de tempo, e serem sustentadas por uma comunidade linguística minimamente representativa (Peres e Mória, 1995). Para a Linguística, todas as variantes têm idêntico interesse e dignidade pois todas são sistemas organizados à luz de uma gramática própria (Cunha e Cintra, 1994; Mota, 2001; Peres e Mória, 1995), não existindo variantes melhores ou piores, mais ou menos correctas.

No entanto, o facto de a língua estar ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade que a fala motiva a existência de uma avaliação e de uma hierarquização social, das diferentes variantes. A língua padrão goza de um maior prestígio quando comparada com as demais variantes. Ela «actua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade» (Cunha e Cintra, 1994, p. 4). Para a definição da língua padrão têm sido utilizados vários critérios, que não os estritamente linguísticos. Razões de índole política e administrativa, a par da tradição histórica de optar pela variante linguística sustentada pelos grupos mais letrados, são, *grosso modo*, os factores que determinam a «elevação» de uma variante à categoria de norma ou padrão (Cunha e Cintra, 1994; Mateus e Nascimento, 2005; Peres e Mória, 1995; Saussure, 1978, Teixeira, 2006). A estas razões, deve acrescentar-se uma outra «de grande peso que tem a ver com o património cultural escrito» (Peres e Mória, 1995, p. 39). Esse património é produzido numa variante que, embora apresente alguma margem de variação e de inovação, possui características precisas que se mantiveram ao longo da história, ficando «normalizadas». O carácter normativo dessa variante impõe-se às outras, fazendo dela a variedade dos que falam a língua «correctamente». O padrão tende, por isso, a ser mais resistente à mudança, embora não lhe escape. É este equilíbrio de forças (de inovação e de tradição, esta última exercida pela língua padrão) que garante a unidade de qualquer idioma e evita o seu fraccionamento (Cunha e Cintra, 1994; Saussure, 1978).

Como se referiu, a variedade normativa ou padrão tende a «sobrepôr-se» às outras, não por razões linguísticas mas por factores extra-linguísticos. É essa variedade que o ensino, a comunicação social, o texto jurídico e oficial e o tratamento computacional privilegiam, mantêm, divulgam e incutem, de forma mais ou menos explícita, nos membros de uma comunidade linguística. No caso da língua portuguesa europeia, tal variante, designada por «norma-padrão» (Mateus e Nascimento, 2005;

Mateus *et al.* 2003; Mateus *et al.*, 1994), «norma culta» (Cunha e Cintra, 1994) ou «variante central do Português Europeu» (Peres e Mória, 1995), é sustentada pelos grupos mais escolarizados de uma faixa do litoral-centro, compreendida entre Lisboa e Coimbra.

Durante muitos anos, o estudo da Língua Portuguesa (e da maior parte das línguas) centrou-se nessa variedade normativa, ignorando as outras variantes que, como se viu, por razões de prestígio social e cultural, constituíam desvios à norma. Cada língua era vista como algo estático e uniforme e, por isso, a inovação e a variação eram coarctadas por leigos e estudiosos. A variação linguística era, não poucas vezes, menosprezada, quer socialmente, quer pela comunidade académica, que dela raramente se ocupava e, se o fazia, adoptava uma postura correctiva ou, se quisermos, normativa e prescritiva.

As variações fonéticas são as mais fáceis de observar (e de ouvir) porque, na vida quotidiana, a comunicação oral detém o primado sobre a mensagem escrita. Esta centralidade da língua falada está intimamente ligada à génese da Linguística e os estudos realizados, na área da Fonética, conduziram a resultados e a conclusões que muito contribuíram para a consolidação daquela como ciência. O desenvolvimento desta área dos Estudos Linguísticos surge associado a preocupações de ordem prática, também elas normativas e prescritivas: o ensino das línguas e a ortoépia, a maneira correcta de falar. A obra *Pigmeleão*, de George Bernard Shaw, datada de 1912, ilustra essa dimensão prescritiva que caracterizou os primórdios da Fonética. Nela, o professor Higgins, um estudioso dos fenómenos fonéticos, não esconde o seu desdém por todos aqueles que, segundo ele, empobrecem a sua nobre língua (o Inglês), com as mudanças fonéticas praticadas nas diferentes regiões. Higgins é capaz de distinguir o sotaque dos diversos bairros londrinos e até o de ruas específicas. Ao ouvir Eliza Doolittle, uma vendedeira de flores, pensa que cada sílaba por ela pronunciada contribui para a condenação da pobre mulher.

Esta capacidade do professor Higgins, que conseguia identificar o local de origem do falante, através da sua pronúncia, comprova, ainda que de forma um tanto exagerada, a existência de elementos que contribuem para a percepção da variação linguística. No estudo da variação da língua falada, a Fonética e a Sociolinguística ponderam um conjunto de factores, que se encontra esquematizado, na Figura 1:

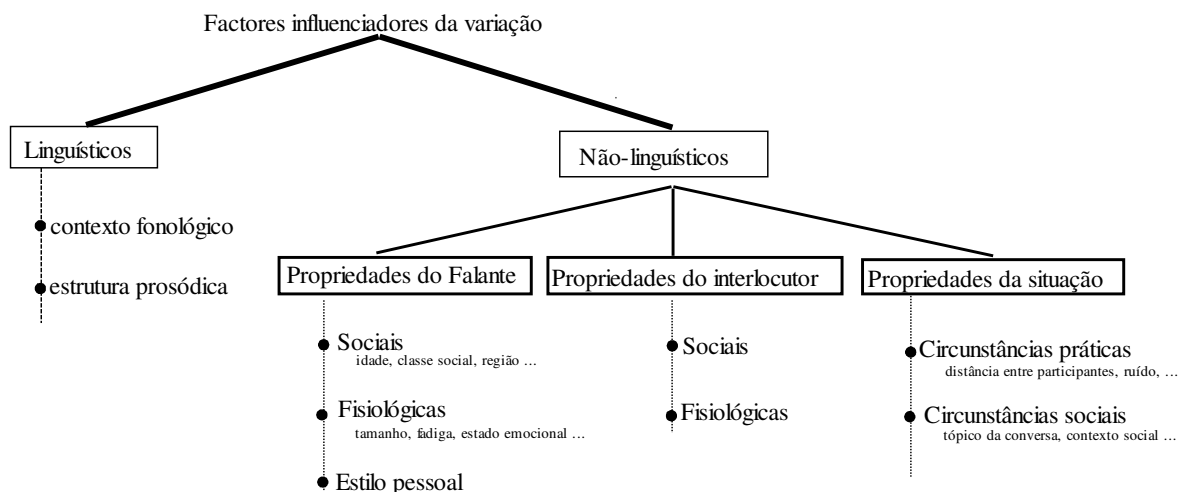


Figura 1: Factores que contribuem para a variação fonética (figura adaptada e traduzida a partir de <http://www.lotpublications.nl/publish/articles/000059/bookpart.pdf>).

Os factores que determinam a existência de diferenciação na camada fonética de uma língua são, entre outros, de ordem geográfica, de ordem sócio-cultural (obviamente associados a factores mais primários como o grau de instrução ou o estatuto económico) e de ordem intrínseca aos interlocutores. Como seria de esperar, os diversos factores não actuam isoladamente, determinando variantes de origem exclusivamente geográfica, social ou outra. Esses factores, muitas vezes, interagem originando, por exemplo, «diferentes variantes de motivação sócio-cultural adentro de uma variante cuja uniformidade é resultante de factores geográficos» (Peres e Mória, 1995, p. 34). Se, de início, o estudo das línguas ignorava essas variações, actualmente, as abordagens realizadas reconhecem o papel destes factores na variação linguística e a sua importância na produção e na percepção da fala.

Numa comunidade de falantes, as variantes regionais contribuem para a existência dos diferentes tons (e sons) que matizam a mesma língua. Essas variantes surgem frequentemente associadas a uma área geográfica particular e congregam um feixe de diferenças que não se limita à variação fonética, podendo alargar-se à sintaxe e ao léxico, por exemplo.

Em síntese, a variação é uma propriedade que caracteriza qualquer língua e manifesta-se sincrónica e diacronicamente, assumindo-se, neste caso, como mudança linguística. Estes dois tipos de variação encontram-se intimamente ligados,

sendo as variantes dialectais, no presente, uma forma de acesso ao passado da língua e fonte de mudanças futuras. Entre essas variantes dialectais, distingue-se o dialecto padrão, que tem justificações sócio-políticas, históricas, pedagógicas e comunicativas.

Apesar de ser uma língua bastante homogénea, há muitos séculos que é reconhecida a existência de variações diatópicas, no Português Europeu. Essas variações manifestam-se, sobretudo, através de traços fonéticos e lexicais que permitem distinguir diferentes variedades regionais da língua portuguesa.

Esta dissertação centra-se na abordagem da variação dialectal, no PE continental, ao nível das realizações fonéticas, procurando identificar os aspectos peculiares das diferentes regiões seleccionadas. Antes de se proceder à caracterização das variantes dialectais do Português falado no território de Portugal Continental, seguem-se algumas precisões de carácter terminológico, em torno do conceito de dialecto e de outras designações que lhe são sinónimas ou contíguas.

3 – A relatividade dos conceitos de «língua» e de «dialecto»

Na introdução deste capítulo, referiu-se que a variação linguística é uma área complexa. Essa complexidade advém do conjunto de variáveis a que o linguista tem de lançar mão para estudar um determinado fenómeno. Do ponto de vista teórico e metodológico, a delimitação de conceitos revela-se, igualmente, complexa e problemática porque, por vezes, assenta em pressupostos que ultrapassam a esfera linguística. Para além disso, é inegável que a diversidade de correntes e de escolas originou uma multiplicidade de terminologias que ora se torna cómoda, ora suscita dúvidas, dificultando o estudo de um determinado facto linguístico.

Apesar de ser uma palavra utilizada com frequência, quer pela Linguística, quer por outras áreas do saber, o vocábulo «dialecto» não apresenta uma definição que reúna consenso. Para alguns linguistas, os dialectos são as formas características que uma língua assume regionalmente (Alvar, 1961; Cunha e Cintra, 1994; Ferreira *et al.* 1996; Fromkin e Rodman; 1993; Mateus e Nascimento, 2005, Mateus e Villalva, 2006), podendo haver tantos dialectos como lugares (Saussure, 1978). Outros, adoptando uma perspectiva de teor sociolinguístico, alargam o raio de acção do

conceito, referindo que o dialecto é cada uma das subdivisões que se pode aplicar a uma determinada língua, tomando por critério a região geográfica ou a camada social a que os falantes pertencem (Azevedo, 2005; Chambers e Trudgill, 1988; Dubois et al., 1978). Nesta acepção o conceito de dialecto integra, também, a noção de sociolecto².

Para Cunha e Cintra (1994), os dialectos são as configurações que uma mesma língua adopta, em cada região, não importando a sua maior ou menor proximidade, em relação à língua padrão ou, melhor dizendo, em relação ao dialecto padrão, designação que nos parece mais precisa. Com efeito, a «língua padrão» a que os dois linguistas aludem constitui, também ela, um exemplo da variação dialectal (Azevedo, 2005; Mateus e Villalva, 2006). Esta definição, contudo, levanta uma questão a que também importa responder: como se distingue uma língua de um dialecto?

O conceito de língua acaba por ser uma noção político-institucional. A língua é um sistema linguístico abstracto que, como salientam Ferreira et al. (1996) «por razões políticas, económicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para os seus falantes.» (p. 482). Ora, uma vez que esta definição de língua surge alicerçada em factores de ordem não-linguística, uma língua pode deixar de o ser, passando a receber o estatuto de dialecto. Simultaneamente, um dialecto pode impor-se em relação àqueles que lhe são contíguos e passar a ser considerado uma língua. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Latim. A supremacia de Roma, sobre as populações de língua indo-europeia do Lácio, provocou a substituição dessas línguas (que passaram a dialectos) pelo Latim de Roma que, de dialecto, entre muitos outros, passou a ser o *primus inter pares*, ganhando o estatuto de língua. Depois de ter sido adoptado como a língua da legislação, da religião, da literatura e da civilização, em geral, o Latim tornou-se mais «fixo» e mais resistente à mudança. Foram as razões de foro político, económico e administrativo que ditaram essa sobreposição do Latim, aos outros dialectos, tal como acontece, actualmente, com os dialectos padrão da generalidade das línguas modernas.

² Nesta dissertação, opta-se pela primeira definição. Esta apresenta um valor mais restritivo e revela-se mais funcional, num estudo centrado na variação regional.

Como salienta Alvar (1961), podem receber a designação de dialectos «as estruturas linguísticas, simultâneas de outra que não alcançam a categoria de língua» (p. 57). Assim sendo, do ponto de vista linguístico, não existem diferenças de valor entre «língua» e «dialecto»; existem diferenças de estatuto, sendo o dialecto «uma variedade de um determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente como Língua.» (Ferreira et al., 1996, p. 482). «Língua» e «dialecto» são, pois, designações que se inter-relacionam e, como se tem referido, para a sua definição, contribuem, essencialmente, factores extra-linguísticos, sendo, por isso, difícil dizer em que consiste a diferença entre ambos (Ferreira et al., 1996; Saussure, 1978). Os dialectos são formas de uma mesma língua, que partilham uma mesma gramática básica, mas apresentam diferenças sistemáticas que permitem a sua distinção, face ao tal dialecto definido como padrão. Para além disso, o dialecto tende a ser usado numa área geográfica mais restrita do que a língua padrão (Alvar, 1961; Fromkin e Rodman, 1993).

Alguns linguistas estabelecem, ainda, uma distinção entre «dialecto» e «falar». O dialecto apresenta uma delimitação geográfica concreta e apresenta semelhanças com outros da mesma origem (Alvar, 1961). Em relação ao conceito de falar, Alvar (1961) argúi que este é a peculiaridade expressiva de uma região, que não possui o grau de coerência alcançado pelo dialecto, porque, na actualidade, já não apresenta realizações escritas, limitando-se a uma existência oral. Dentro deste conceito, cabem os falares regionais e locais (com menor amplitude geográfica), estes com pequenas diferenças, embora se situem dentro da mesma região.

Em Portugal, relativamente aos conceitos que têm vindo a ser abordados, existem entendimentos diferentes que ilustram a diversidade de perspectivas assumidas, pelas diferentes escolas. Assim, para Lindley Cintra, a distinção entre os termos «dialecto» e «falar» assenta em factores territoriais: o dialecto refere-se a uma zona e o falar apenas a uma localidade. M. Paiva Boléo também distingue estes dois conceitos, mas centra-se em razões de teor estritamente linguístico. Os dialectos encontram-se mais distanciados entre si e da língua padrão; os falares apresentam um menor grau de afastamento. No *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* (1962) Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva defendem a existência dos dialectos

mirandês, rioronês e guadramilês³, rotulando as demais variações como falares ou subfalares.

Conscientes de que a delimitação destes conceitos não é unânime, nesta dissertação, utilizam-se como sinónimos os termos «dialecto» e «variante dialectal» para fazer referências à variação regional, pondo-se de parte o conceito de «falar» e outros que dele derivam. Opta-se, ainda, pelas designações «variante central do PE» (Peres e Móia, 1995) e «dialecto padrão» como sinónimas de «variedade normativa», «norma-padrão», «norma-culta» ou «Português padrão». Tal opção justifica-se pelo facto de essa variante também consubstanciar um dialecto que, por mera convenção, ou, se quisermos, por razões sociolinguísticas, goza de um estatuto superior. Estas opções terminológicas não invalidam a utilização dos termos preconizados nos estudos dos diferentes autores, sempre que sejam citados ou que a eles se aluda.

As diferenças de pronúncia são aquelas que melhor permitem estabelecer uma distinção entre as diferentes variantes dialectais do PE (Ferreira *et al.*, 1996; Mateus e Nascimento, 2005). Essa diversidade resulta de um fenómeno linguístico natural que é a mudança dos sons. As pronúncias regionais nada têm de incorrecto, resultando do maior ou menor equilíbrio existente entre as forças de conservação e de inovação linguística, determinadas, muitas vezes, por factor exógenos à própria língua. São essas variações na pronúncia que ocupam a última secção deste capítulo, dedicada à caracterização fonética das variantes dialectais do PE continental.

4 – Revisão bibliográfica sobre as variantes dialectais do PE continental falado

As diferentes variantes dialectais do PE têm vindo a sofrer influências da variante central da língua devido a factores como a expansão dos *media*, o crescente grau de escolarização das populações e a maior facilidade de comunicação, que põe em contacto falantes de diferentes áreas geográficas e de diferentes dialectos. Neste processo, o nível fonético parece ser o menos afectado, pois, muitas vezes,

³ O mirandês era considerado o único dialecto do português, devido ao seu grande afastamento em relação à variante central do PE. A distância que os separa decorre do facto de o mirandês ser um dialecto de uma língua diferente, o asturiano ou asturo-leonês. Em 1997, o mirandês foi considerado, oficialmente, uma língua minoritária. O rioronês e o guadramilês constituem variantes dialectais dessa antiga língua do reino de Leão, não constituindo, por isso, variantes do PE, embora sejam faladas no território de Portugal Continental.

conseguimos identificar a região de origem de um determinado falante, através da pronúncia. Contudo, este ponto de vista resulta, quase integralmente, da experiência que se tem enquanto falante e ouvinte da língua, pois o acervo de estudos para avaliar o estado e a sobrevivência dos dialectos do PE é muito selectivo e fragmentado. Ainda hoje, quando se abordam as questões da dialectologia, do ponto de vista fonético, as obras pioneiras nessa área continuam a ser as que apresentam um carácter mais sistematizado e abrangente.

Apesar de, no século XVI, os primeiros gramáticos portugueses, como Fernão de Oliveira, João de Barros e Duarte Nunes de Leão, se terem ocupado da variação linguística, declarando a existência de especificidades fonéticas⁴ e lexicais, entre outras, só no século XVIII começam a surgir obras mais aprofundadas sobre a variação regional do PE. Em 1725, nas *Regras da Língua Portuguesa*, Jerónimo Contador de Argote apresenta um diálogo, entre um mestre e um discípulo, que aborda tópicos tão diversos como a noção de dialecto, os factores que fomentam e justificam a variação linguística e as grandes áreas dialectais da Língua Portuguesa. Nesse diálogo, define-se dialecto como «o modo diverso de falar a mesma língua» e surgem já referidos cinco dialectos locais do PE: o da província da Estremadura, o de Entre Douro e Minho, o da Beira, o do Algarve e o de Trás-os-Montes. Nessa obra, Contador de Argote estabelecia, assim, uma divisão que, nos seus traços mais gerais, ainda hoje se mantém⁵.

Contudo, é no último quartel do século XIX que começam a surgir estudos mais fundamentados sobre as variantes dialectais da língua portuguesa. O primeiro, datado de 1883, deve-se a Gonçalves Viana, que se ocupou dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa, partindo do dialecto de Lisboa. A publicação do primeiro *Mapa Dialectológico do Continente Português*, por José Leite de Vasconcellos, dez anos mais tarde, e do trabalho *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, do mesmo autor, em 1901, constituem os primeiros estudos de Geografia Linguística, realizados em Portugal. Já em pleno século XX, destacam-se a recolha de

⁴ Esses gramáticos aludem já a determinados fenómenos fonéticos que, ainda hoje, permitem caracterizar e diferenciar algumas variantes dialectais do PE, em confronto com o dialecto padrão. A monotongação, tida como própria do Sul, e a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, no Norte, são, apenas, alguns deles (Castro, 1991).

⁵ Para a leitura integral deste interessante e esclarecedor diálogo consulte-se Castro (1991, pp. 42-45). O texto de Contador de Argote, de uma maneira muito sintética, inventaria alguns traços fonéticos diferenciadores que ainda hoje, como se verá, mantêm a sua vitalidade.

falares portugueses, coordenada por Manuel de Paiva Boléo, e o panorama global das grandes áreas dialectais galego-portuguesas, traçado por Luís Filipe Lindley Cintra (1971 (1983)), autor que ainda deu à estampa uma colecção de estudos de dialectologia (1983). Também Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, na terceira edição da *Gramática da Língua Portuguesa*, apresentam um capítulo dedicado à dialectologia, com uma proposta de classificação das variantes dialectais do PE⁶.

A caracterização das variantes dialectais do português falado no território do continente, apresentada neste capítulo, assenta em alguns dos estudos atrás referidos⁷. Nela, perseguem-se, essencialmente, as características fonéticas gerais, ou seja, aquelas que são próprias de áreas geográficas mais amplas e que apresentam propriedades pertinentemente diferenciadoras, relativamente a outras variantes. A maioria dos autores supra-citados admite a existência de traços exclusivos de determinadas localidades, que não são aqui contemplados. Em suma, pretende-se identificar um conjunto de peculiaridades que permita estabelecer contrastes relevantes entre as diferentes variantes, nunca perdendo de vista os procedimentos de carácter experimental adoptados noutros momentos deste estudo, tais como a realização de testes perceptuais, com vista à identificação dessas variantes, por um grupo de falantes do PE.

4.1 – J. Leite de Vasconcellos e a classificação dos dialectos do PE continental

As primeiras propostas para classificar, de forma sistematizada, as variantes dialectais do território de Portugal Continental são da autoria de Leite de Vasconcellos. Através de um mapa dialectológico (que teve duas versões) e de uma tese de doutoramento, apresentada à Universidade de Paris, o autor identifica e caracteriza as grandes divisões dialectais do território de Portugal Continental. O

⁶ Esta proposta resulta de uma outra, inserta na segunda edição da gramática, datada de 1961. No texto de Cintra (1971), surgem apontadas algumas críticas à proposta inicial, que não deverão ser consideradas na versão final da mesma, que consta da terceira edição da obra. Esta foi publicada, também, em 1971, pouco depois da *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses*.

⁷ Os estudos realizados por Leite de Vasconcellos constituíram o ponto de partida para a presente caracterização, pois são os primeiros a apresentar um carácter mais sistematizado, relativamente à definição e à delimitação das variantes dialectais do PE continental.

mapa, de 1893-97, é reeditado, posteriormente, em 1929, com algumas modificações. Nesse lapso de tempo, surgiu a *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901), que permitiu aprofundar o trabalho apresentado no mapa e, certamente, contribuiu para a reestruturação do mesmo, alguns anos mais tarde. É com base na obra atrás referida que se fará a caracterização dos quatro dialectos que o autor preconizou. A Figura 2 mostra uma parte do Mapa elaborado por Leite de Vasconcelos, referente às províncias do Baixo Alentejo e do Algarve.

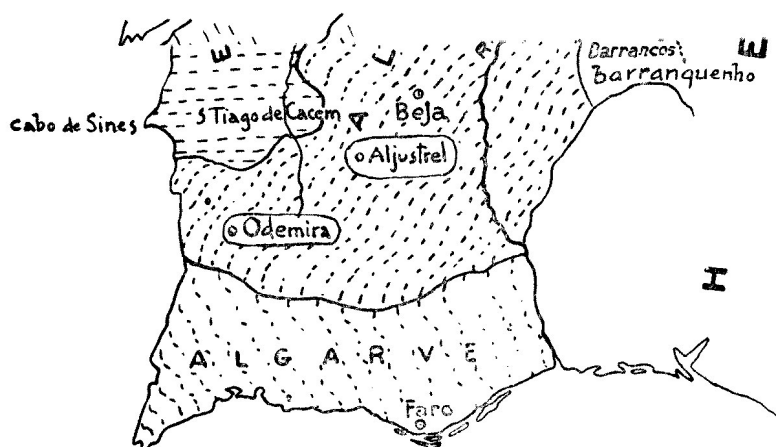


Figura 2: Pormenor do Mapa dialectológico do Continente português (disponível em http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bvc/opusculos/vol04/opusculos04_791_796.pdf).

O primeiro dialecto a ser referido pelo linguista é o interamnense, falado na antiga província de Entre Douro e Minho (distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto) e em algumas localidades do distrito de Viseu, como Resende e Cinfães. Dentro deste dialecto mais vasto, o autor distingue os subdialectos alto-minhoto, baixo-minhoto (que inclui as variedades de Póvoa de Varzim e do Porto) e baixo-duriense. Pondo aqui de parte as características específicas destas sub-regiões dialectais, a «confusão» entre /b/ e /v/, ou seja, a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, surge como fenómeno que as unifica.

O segundo dialecto proposto por Leite de Vasconcellos recebeu a designação de dialecto transmontano. O autor subdivide-o em raiano, alto duriense e ocidental e central. Junto à raia, verifica-se a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ e, em grande parte da província, estabelece-se a diferenciação fonética entre /S/, /Z/,

/s/ e /z/, que correspondem, na escrita, aos grafemas s- inicial e -ss-; -s- intervocálico; c ^{e, i} e -ç- e z, em posição inicial ou medial, respectivamente. Para além disso, como observa o autor, assiste-se a uma realização fonética generalizada da africada /tS/: «(...) partout *ch* (=tch) existe à côté de *x*» (Vasconcellos, 1901 (1987), p. 124).

Relativamente ao terceiro dialecto, o beirão, o dialectólogo estabelece uma divisão tripartida, semelhante à realizada para a região dialectal de Trás-os-Montes: alto-beirão, baixo-beirão e ocidental. Para além disso, defende que em toda a beira se confunde /b/ com /v/, mas distingue-se <ch> (/tS/) e <x> (/S/). Do subdialecto alto-beirão fazem parte os concelhos de Resende e de Cinfães que se situam, assim, numa zona de transição entre aquele subdialecto e o dialecto interamnense. Aliás, para Leite de Vasconcellos, o beirão faz a transição entre os dialectos do Norte e do Sul, co-existindo, nessa área, fenómenos próprios de ambas as regiões. Por exemplo, em algumas localidades, mantém-se o sistema de quatro sibilantes; noutras, esse mesmo sistema surge simplificado em duas.

Para designar os dialectos das províncias a sul do Mondego, Leite de Vasconcellos utiliza o termo meridional. Dele fazem parte os subdialectos estremenho, alentejano e algarvio. Nesta vasta área dialectal, os falantes distinguem a oclusiva oral bilabial vozeada da fricativa lábio-dental não-vozeada. Há, igualmente, um sincretismo fonético em relação às representações gráficas <ch> e <x>, realizadas, a maior parte das vezes, como [S]. No dialecto meridional, as fricativas ápico-alveolares /S/ e /Z/ são sempre substituídas pelas fricativas dentais [s] e [z], de acordo com a relação grafia/fonia, típica do dialecto padrão. Curiosa é a referência que o autor faz ao tratamento dado aos ditongos, pelos falantes dessas províncias, que manifestam uma certa «(...) répugnance à l'égard des diphtongues (...)» (Vasconcellos, 1901 (1987), p. 125). Para ilustrar essa «repugnância», é apresentado como exemplo o advérbio de negação [n6~w~] (*não*), realizado [n6~], nessas regiões dialectais.

O linguista refere-se, ainda, à palatalização das vogais /o/ e /u/, nas regiões do Alto Alentejo e do Barlavento algarvio, e ao falar de Barrancos, que estudou com mais pormenor, na parte final da sua vida. Apesar das fortes influências do espanhol, o núcleo mais importante da gramática barranquenha apresenta características bem portuguesas (Vasconcellos, 1901 (1987)) e, por isso, a variedade de Barrancos pode integrar-se no dialecto meridional e no subdialecto alentejano. Relativamente à região

dialectal de Lisboa, o autor opina que, devido ao seu carácter cosmopolita e à sua intensa actividade cultural e científica, não pode servir de base para a realização de estudos dialectológicos.

A tese de doutoramento de Leite de Vasconcellos assume um papel importante, quer na Dialectologia portuguesa, quer no âmbito das investigações realizadas pelo autor. Como se disse, esse texto foi antecedido da publicação de um mapa dialectológico e precedeu a divulgação de um outro. Estes estudos apresentam em comum a referência aos quatro dialectos. Diferem, apenas, no que diz respeito aos subdialectos e às variedades, que recebem designações diferentes, porque são submetidas a uma reavaliação dos seus limites territoriais. De facto, as propostas classificatórias deste linguista são bastante influenciadas pela organização administrativa do território continental. A delimitação dos dialectos, baseada nessa organização territorial e num número de fenómenos bastante elevado, acaba por apresentar vários níveis de hierarquização, que nem sempre se revelam funcionais. No entanto, o rigor utilizado na descrição dos fenómenos e na sua circunscrição geográfica revelou-se fundamental para o desenvolvimento de outros estudos sobre a variação regional e, como se verá, constitui um ponto de referência para futuras propostas de classificação dos dialectos do PE.

Em suma, as principais características diferenciadoras definidas pelo autor – aquelas que presidem à delimitação dos quatro dialectos – têm sido retomadas por outros estudiosos. A ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, a pronúncia das sibilantes e os fenómenos de monotongação, preceituados por Leite de Vasconcellos, ainda hoje surgem apontados como particularidades que permitem distinguir os falantes do Norte e do Sul, em geral, e os de algumas regiões de âmbito geográfico mais restrito.

4.2 – M. de Paiva Boléo e os falares de Portugal Continental

O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal (1959-1962), gizado pelas mãos de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva constitui outro contributo importante para o estudo da dialectologia portuguesa. Neste, os autores fazem uma distinção entre dialectos, falares e variedades, adoptando uma perspectiva diferente

da utilizada por Leite de Vasconcellos. Boléo e M. H. Santos Silva reconhecem como dialectos o mirandês, o rioronês e o guadramilês, considerando «falares» todas as outras variantes, que correspondem, *grosso modo*, aos dialectos propostos por Leite de Vasconcellos. Estes autores defendem a existência de seis falares, que se dividem em subfalares e variedades. Para a sua definição, contribui um conjunto de traços gerais, comuns a uma região, os traços limitados a uma sub-região e os traços comuns a uma zona limítrofe. Na inventariação destes traços, revelaram-se de grande importância os materiais recolhidos e compilados pelos autores, através do ILB, o Inquérito Linguístico Boléo. Este inquérito, empreendido pelo professor da Universidade de Coimbra, em 1942, foi enviado, por correspondência, a professores primários e a padres de várias aldeias e vilas portuguesas, tendo sido utilizado pelos seus alunos da Faculdade de Letras, em trabalhos de recolha dialectológica. A Figura 3 mostra uma parte do mapa dialectológico desenhado pelos linguistas da escola de Coimbra.

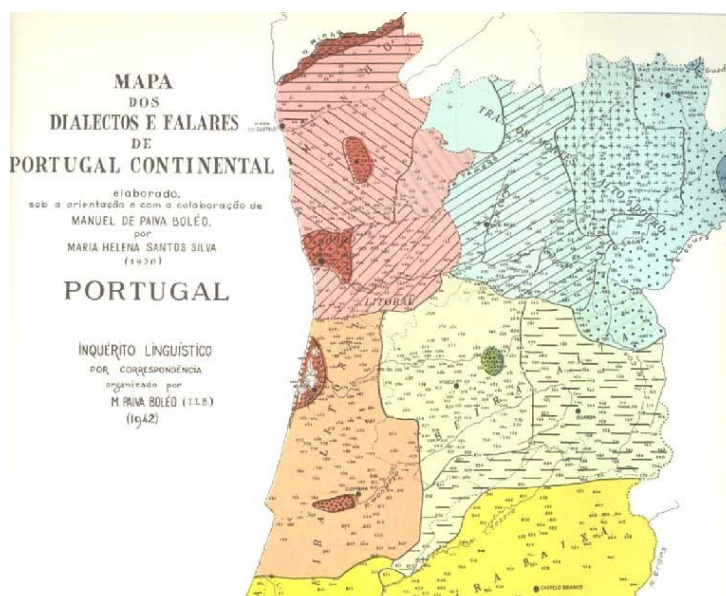


Figura 3: Pormenor do «Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental», da autoria de Paiva Boléo e M. H. Santos Silva (figura disponível on-line em [http:// www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biografias/pboleo.html](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biografias/pboleo.html)).

No norte do país, os autores apontam a existência do falar minhoto, que apresenta como característica geral a abertura da vogal tónica antecedita de consoante nasal, que lhe confere traços de oralidade: a palavra *semana* ([s@´m6n6]), por exemplo, surge realizada como [s@´man6]. Os autores entendem que ocorre, também, a ditongação da vogal tónica nasal final [6~] em [6~w~], como na palavra [ir´m6~]>[ir´m6~w~] (*irmã*), havendo, neste caso, uma quase coincidência entre a forma masculina e feminina do nome. Na pronúncia deste ditongo, a vogal nasal surge com um timbre ligeiramente aberto. O falar minhoto caracteriza-se, ainda, pela manutenção de uma pronúncia antiga em <-om> ([o~]), em vez do ditongo nasal <-ão> ([6~w~]) evidente, por exemplo, na palavra *pão*, [p6~w~] > [po~]. Em várias regiões do Minho, opinam os autores, dá-se uma ditongação crescente, estranha ao dialecto padrão: [´boluS]>[´bw6luS] (*bolos*).

Para a delimitação da zona do falar minhoto, não se consideraram pertinentes, do ponto de vista fonético, a vulgarmente designada «troca do [v] pelo [b]», por se tratar de um facto comum ao falar transmontano e a outros falares, nem o [s] e o [z] reversos, comuns aos falares beirão e de Trás-os-Montes. Boléo e M. H. Santos Silva estabelecem uma divisão deste falar em quatro subfalares (minhoto central, minhoto oriental, alto minhoto e baixo minhoto), que apresentam algumas particularidades na realização do sistema vocálico⁸. Este falar minhoto corresponde, de uma maneira geral, ao dialecto interamnense, proposto por Leite de Vasconcellos. No entanto, os linguistas de Coimbra preferem a designação «minhoto» pelo facto de algumas das suas características se estenderem a sul do Douro, a concelhos como Espinho, Castelo de Paiva e, em parte, Arouca, para além dos já apontados por Leite de Vasconcellos (Resende e Cinfães).

Outro falar referido por estes linguistas é o transmontano que, de acordo com os autores, apresenta características menos vincadas do que o minhoto. No entanto, são inventariados quatro traços gerais diferenciadores. Um deles é a mudança de [6], antes de uma consoante nasal, para [e]: [p@S´t6n6S]>[p@S´ten6S] (*pestanas*). Outro é a existência do [s] e [z] reversos, em palavras como *seis* e *vasilha*, assim produzidos: [SejS] e [b6´ZiL6]. A estes dois, acresce-se um traço comum ao minhoto central: a

⁸ Por se tratarem de traços mais específicos, não são aqui elencados, tal como se referiu, aquando da explicitação das opções metodológicas que norteiam esta dissertação. A caracterização pormenorizada destes subfalares surge em Boléo (1974, p. 327-330).

paragoge vocálica nas palavras terminadas, graficamente, em -z ([n6´riZ@], em vez de [n6´riS], realização própria da variante central do PE). Por último, é de realçar a abertura das vogais [e] e [o], em casos em que aparecem fechadas no dialecto padrão (por exemplo, [k6´bes6]>[k6´bEs6]– *cabeça*). A maior parte das características enunciadas é comum aos subfalares minhoto central e oriental, territórios geograficamente contíguos. O procedimento adoptado para o falar minhoto – a sua subdivisão – estende-se ao falar transmontano, onde se distinguem os transmontanos ocidental, central e oriental⁹.

O falar beirão caracteriza-se pela existência de [s] e [z] reversos, que se concretizam nas diferentes realizações fonéticas das palavras *passo* e *paço*, ou seja, [´paSu] e [´pasu], respectivamente. A pronúncia das consoantes fricativas assume uma importância central na individualização dos dialectos da região interior das beiras, não só para estes autores, mas também para Leite de Vasconcellos, como já se viu, e para linguistas como Lindley Cintra, como adiante se verá. Tal como acontece no dialecto de Trás-os-Montes, na Beira Interior, assiste-se à inserção de um [e] paragógico nas palavras que, na escrita, terminam com -z. Para Paiva Boléo e M. H. Santos Silva, neste falar ocorre a ditongação do [e], em palavras como *treze* ([´trez@]>[´trewz@], processo que já aparece no transmontano, embora raramente, e nas zonas mais próximas do beirão. Regista-se, ainda, a passagem de [6~] a [e~] ou a [E], na palavra *manhã*: [m6´J6~] (variante central do PE) >[m6´Je~] ou [m6´JE], no falar beirão, pronúncia comum ao transmontano. O facto de alguns traços do falar transmontano se estenderem a certas regiões da Beira originou a subdivisão do falar beirão em ocidental e oriental¹⁰.

Paiva Boléo e M. H. Santos Silva admitem, também, a existência do falar do Baixo Vouga e Mondego, que abrange a maior parte dos distritos de Aveiro e de Coimbra. Segundo estes linguistas, é o que mais carece, nos seus traços gerais, de particularidades fonéticas vincadas. Por outras palavras, a distinção deste falar faz-se pela negativa, ou seja, pela ausência de sinais característicos do beirão, bem como de outros falares. Há, contudo, realizações fonéticas que se limitam a determinadas localidades, que os autores agrupam nos subfalares dos campos do Mondego e de Aveiro (Boléo, 1974, p. 332-333). Ao defenderem a existência deste falar, os autores

⁹ Os traços específicos destes subfalares encontram-se em Boléo (1974, p. 330-331).

¹⁰ Para a caracterização e distinção destes dois subfalares, veja-se Boléo (1974, p. 331-332).

distanciam-se de Leite de Vasconcellos (1901 (1987)), que considerava a região central do território de Portugal Continental (correspondente à Beira Interior e à Beira Litoral) uma unidade linguística, ainda que subdividida em três áreas, que correspondiam, *grosso modo*, às províncias da Beira Alta, Beira Baixa e Beira Litoral. Esta última designação surge como pouco adequada, aos olhos de Boléo e de M. H. Santos Silva, pois, entre os habitantes dessa região, não existe a consciência colectiva de pertencerem à Beira. Por este motivo, os autores optam por uma designação do falar centrada no nome dos principais rios que atravessam aquela parte do país.

Tendo em conta estas observações, as variantes dialectais desta região serão aquelas que se encontram mais próximas do dialecto padrão que abarca a região do litoral centro, compreendida entre Lisboa e Coimbra. As diferenças que se verificam, em algumas localidades, relativamente à variante central do PE, poderão dever-se ao facto de toda esta região centro prefigurar uma zona de transição, como os próprios autores asseguram e como já argüíra Leite de Vasconcellos. Desta zona de transição faz ainda parte o falar de Castelo Branco e Portalegre.

O falar de Castelo Branco e Portalegre caracteriza-se pela passagem frequente do [a] a [E] (por exemplo, [Zi´ad6]>[Zi´Ed6] – *geada*. Na Beira Baixa e no Alto Alentejo, o ditongo [6j] já se reduz a [e], como é próprio dos falares do sul ([6´zet@], em vez de [6´z6jt@] – *azeite* -, realização típica da variante central do PE). Paiva Boléo (1961 (1974)) definiu a isófona que estabelece a distinção entre as regiões dialectais em que o ditongo se realiza e em que surge monotongado. Essa linha inicia-se na parte que fica ao sul da zona constituída pelo rio Mondego e Serra da Estrela, continua até ao rio Zêzere, e prolonga-se, seguindo uma orientação quase idêntica à do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, até ao concelho de Torres Vedras.

A região dialectal de Castelo Branco e Portalegre apresenta algumas particularidades, no sistema vocálico, que a individualizam: o [i] pretónico soa como [@]: r[@]beira; o [6~] recebe, com frequência, um [j] paragógico: manh[6~j~]; o ditongo [6~w~] realiza-se muitas vezes como [Ew]: [iSkuri´dEw] (*escuridão*) e o [u] fonético final (representado por <o>, na escrita), passa, com frequência, a [@]: *cinc*[@] (*cinco*). O [s] e o [z] reversos, bem como a paragoge, que ocorre nos falares mais a norte, surgem circunscritos a uma pequena zona de fronteira com o dialecto beirão. Os autores separam este falar em dois subfalares (o de Castelo Branco e o de Portalegre), indicando um conjunto de traços específicos para cada um deles (Boléo,

1974, p. 333-334). Leite de Vasconcellos considerou estes falares como uma subdivisão do beirão, na primeira edição do seu mapa dialectológico, datada de 1893-97. Na segunda, de 1929, separou-os, incluindo o primeiro no beirão e o segundo no meridional. Esta alteração constitui mais um argumento para justificar o facto de nos situarmos numa zona de transição, entre duas grandes áreas dialectais e que, por isso, suscita maiores dúvidas, relativamente à sua delimitação.

Por último, os autores referem-se à existência do falar meridional, que abarca toda a metade sul do território de Portugal Continental (Estremadura, Alentejo e Algarve). A «repugnância» em relação aos ditongos, nestas regiões, atrás defendida por Leite de Vasconcellos, parece confirmar-se com os estudos de Paiva Boléo e M. Helena Santos Silva. Com efeito, como defendem estes linguistas, o ditongo [ɔj], tónico ou átono, reduz-se a [e] e, paralelamente, dá-se a monotongação do ditongo [ow] em [o]. Nas regiões meridionais, o [ə] final passa, frequentemente, a [i] - [ˈsɛtə]>[ˈsɛti] (sete) - e o [i], em sílaba inicial ou pretónica, converte-se em [ə], como na palavra *figueira* ([fəˈgɛrɐ]). Nesta região meridional, ocorre, igualmente, um processo de paragoge, principalmente nas palavras terminadas em [E]: [pɛj] – pé.

Nesta grande área dialectal, os autores distinguem o falar do Alentejo (que ainda subdividem em alto-alentejano e baixo-alentejano) e o do Algarve. O subfalar do Baixo Alentejo constitui uma zona de transição entre os subfalares alentejano e algarvio, que surgem caracterizados pormenorizadamente (Boléo, 1974, p. 336-341).

Feito o inventário das características próprias dos vários falares e analisado o mapa elaborado pelos dois autores, desenham-se, nitidamente, um «norte» e um «sul» linguísticos, embora seja difícil estabelecer, unanimemente, onde acaba um e começa o outro. Essa distinção será, seguramente, condicionada pelo fenómeno que se elege. Por exemplo, quando a delimitação da fronteira entre os dialectos assenta na redução do ditongo [ɔj] a [e], a importância da região do Mondego e do Zêzere revela-se capital. Contudo, se nos centrarmos na ausência de oposição fonológica entre [b] e [v], essa linha divisória assume uma configuração diferente. Ela assemelha-se a um V, com o seu vértice a tocar as margens do Tejo e os extremos situados a norte de Aveiro, junto à costa, e nos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Mogadouro, no interior transmontano.

A proposta de classificação elaborada por estes autores apresenta uma forte influência da nomenclatura geográfica, que ora parece revelar-se cómoda, ora implica a necessidade de se proceder à divisão em subfalares e em variedades, dentro dos mesmos. Desta classificação, importa reter o facto de a zona centro surgir como uma área de transição e de surgirem agrupados, por um lado, os falares do Baixo Vouga e do Mondego e, por outro, os de Castelo Branco e Portalegre. Relativamente aos traços considerados, a realização fonética das consoantes fricativas sibilantes, a inexistência da oposição /b/ / /v/ e o tratamento dado aos ditongos surgem como os mais relevantes para a distinção dos diferentes dialectos.

4. 3 - A classificação dos dialectos portugueses, segundo Lindley Cintra

De acordo com os estudos dialectológicos realizados por Lindley Cintra, podem ser identificados, em Portugal Continental, do ponto de vista fonético, dois grandes grupos de dialectos: o do português setentrional e o do português centro-meridional (Cintra, 1971 (1983)). Para cada dialecto, o autor admite algumas subdivisões, mas uma linha transversal, que passa a Norte de Aveiro e abaixo de Castelo Branco assume magna importância. Essa linha imaginária, que atravessa o território de Portugal Continental, no sentido noroeste-sudeste, corresponde à isoglossa que permite distinguir os dois grupos de dialectos¹¹. Nas regiões a norte dessa linha, ocorrem realizações ápico-alveolares para os fonemas /s/ e /z/ ([S] e [Z]), que se contrapõem às predorsodentais ([s] e [z]) características das regiões situadas a sul.

¹¹ Cintra (1971, pp. 107-108) descreve assim o traçado da isoglossa diferenciadora: «[...] uma linha que parte, no Oeste, da região da Ria de Aveiro, próxima da foz do rio Vouga, desce de aí em direcção ao rio Mondego que atravessa a montante de Coimbra, mas ao sul do Caramulo, de Seia e de São Romão, de aí caminha ao rio Zêzere, contornando pelo sul os maciços mais altos da Serra da Estrela que, na sua parte meridional, não parece contribuir para a formação de qualquer limite linguístico importante, atravessa o referido rio a jusante de Ourondo e segue em direcção ao leste, ao sul da serra da Gardunha, até atingir a fronteira política, depois de deixar, a norte, Monsanto, e , a sul, Alcains, a própria cidade de Castelo Branco e todas as povoações ao sul do distrito como, por exemplo, o Rosmaninhal. »

A Figura 4 ilustra as subdivisões estabelecidas, dentro de cada grupo de dialectos:



Figura 4: Proposta de classificação dos dialectos do PE continental, segundo Lindley Cintra (mapa adaptado de Cintra (1971), por Segura e Saramago (2001), acessível em <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/geografia/mapa02.html>).

No conjunto dos dialectos setentrionais, distinguem-se os transmontanos e alto-minhotos, por um lado, e os baixo-minhotos, durienses e beirões, por outro. Nos dialectos centro-meridionais, Cintra considerou duas regiões, com características próprias: o Centro-Litoral (correspondendo, administrativamente, à Estremadura e a parte das Beiras) e o Centro-Interior e Sul (que engloba as províncias do Ribatejo, parte da Beira Baixa, a totalidade do Alentejo e do Algarve). O autor defende, ainda, a existência de três regiões subdialectais que apresentam características peculiares

bem diferenciadas: o Baixo Minho e Douro Litoral, parte da Beira Baixa e do Alto Alentejo e parte do Barlavento Algarvio¹².

Para estabelecer esta divisão, Cintra seleccionou um conjunto de traços relevantes e fortemente diferenciadores. Na Figura 5, surgem assinalados alguns traços fonéticos que permitiram ao autor obter uma sistematização e uma classificação dos dialectos falados no território de Portugal Continental.

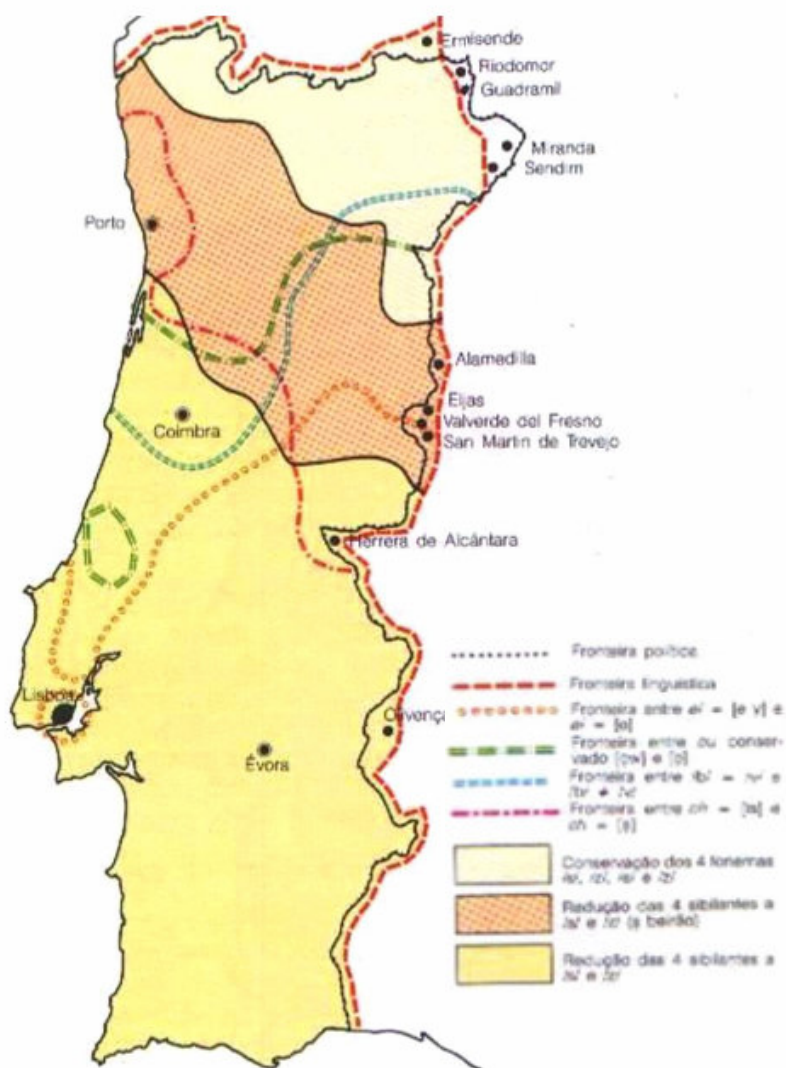


Figura 5: Alguns traços fonéticos que permitem distinguir as variantes dialectais do PE continental, segundo Lindley Cintra (mapa inserto no *Atlas de Portugal* (1988). Selecções do Reader's Digest, p. 71).

¹² Cintra considera, ainda, a existência do grupo dos dialectos galegos. Apesar de partilharem a mesma origem com os do PE, os dialectos galegos não são falados dentro das fronteiras administrativas do território de Portugal Continental e, por isso, não são aqui contemplados. Também não serão caracterizadas as variantes dialectais raianas, como as de Ermisende, Alamedilla, Olivença ou Barrancos. As três primeiras não integram o território de Portugal Continental. A última constitui um exemplo de uma variante fronteiriça, que apresenta influências de outro sistema linguístico. No entanto, como já se referiu, ela pode ser integrada no grupo de dialectos do sul, como defende Leite de Vasconcellos, ou centro-meridionais, de acordo com a nomenclatura de Cintra (1971).

Os dialectos setentrionais caracterizam-se pelo desaparecimento da oposição fonológica entre /b/ e /v/ em proveito de /b/, que surge pronunciado, quer como oclusiva, quer como fricativa. Este fenómeno (popularmente descrito como «a troca do v pelo b») é próprio do Norte do país e tido como característica fortemente dialectal. Como salienta o linguista, a ausência dessa distinção fonológica e a consciência que dela têm os falantes estão na base de atitudes hipercorrectivas, que fazem surgir um v em palavras onde o mesmo não deveria existir. No mapa da Figura 5, é possível distinguir a região em que tal fenómeno acontece, demarcada pela linha azul, constituída pelo Minho, pelo norte da província de Trás-os-Montes, pelo Douro e por partes da Beira Litoral e da Beira Interior (nomeadamente, o distrito de Viseu).

Neste grupo de dialectos, existem as fricativas áptico-alveolares /S/ e /Z/, vulgarmente conhecidas como o -s- beirão, graficamente representadas com <ss> e <s> (por exemplo, [´aS6] em vez de [´as6] (assa), do dialecto padrão, e [´az6] > [´aZ6] (asa). Este traço é característico da região interior das beiras e do Norte de Portugal Continental e, como já se referiu, constitui o grande critério diferenciador dos dois grandes grupos de dialectos propostos por Lindley Cintra.

As regiões setentrionais, do ponto de vista fonético, caracterizam-se, ainda, pela conservação do ditongo /ow/, representado <ou>, na escrita, e [ow] ou [6w], foneticamente, em palavras como [´owru] (*ouro*). Este fenómeno fonético é um regionalismo caracteristicamente nortenho, que surge assinalado no mapa da Figura 5 com uma linha verde tracejada que, partindo da região de Aveiro, segue para sul, até às proximidades de Viseu e acompanha o rio Douro, até à fronteira. Nos dialectos centro-meridionais (onde se inclui o dialecto padrão) esse ditongo surge reduzido a [o]: [´oru] (*ouro*).

Outra particularidade fonética dos dialectos setentrionais é a oposição entre a africada /tS/, (graficamente representada por <ch>) e a fricativa palatal /S/, que corresponde, em termos de grafia, ao <x>. Assim, palavras como *chapéu*, realizadas [S6´pEw], no outro grupo de dialectos, pronunciam-se [tS6´pEw], numa região a norte e a leste de uma linha que liga a parte mais oriental do rio Tejo ao curso inferior do rio Douro, ou seja, é a região interior das montanhas do Alto Minho, de Trás-os-Montes e das duas Beiras interiores. Esta pronúncia, no entanto, é quase exclusiva dos habitantes mais idosos da região delimitada que, segundo Mateus (2003), tem vindo a ser cada vez mais restrita.

No Português Setentrional, como ilustra a Figura 4, distinguem-se os dialectos transmontanos e alto-minhotos dos baixo-minhotos, durienses e beirões. O que individualiza o primeiro destes grupos é a existência de um sistema complexo de quatro sibilantes: /S/, /Z/, /s/ e /z/, ou seja, duas consoantes com articulação ápico-alveolar – uma vozeada e uma não-vozeada – e duas consoantes com articulação predorsodental – também uma vozeada e outra não-vozeada. Essas quatro consoantes correspondem a representações gráficas distintas. No que diz respeito às ápico-alveolares, «as correspondências com os grafemas são as seguintes: o [S] corresponde ao s- inicial de palavra e a -ss- gráficos; o [Z] corresponde a -s- intervocálico gráfico. As predorsodentais têm as correspondências seguintes: o [s] corresponde a c ^{e, i} e a -ç-; o [z] corresponde a z gráfico em posição inicial ou medial.» (Ferreira et al., 1996, p. 494). Este sistema de quatro sibilantes permanece em parte do Alto Minho, na maior parte de Trás-os-Montes, numa pequena parte a norte do distrito da Guarda, junto à fronteira com Espanha e em alguns pontos dispersos da Beira Alta (Ferreira et al., 1996)¹³. A região que engloba o Baixo Minho, o Douro Litoral e grande parte da Beira Alta manteve, apenas, as duas sibilantes ápico-alveolares (uma vozeada e outra não-vozeada).¹⁴

Os dialectos centro-meridionais apresentam a substituição das consoantes fricativas ápico-alveolares /S/ e /Z/ pelas dentais [s] e [z]. Para além disso, neles, verifica-se a redução do ditongo /ow/ a [o], atrás exemplificada, e a perda do segundo elemento do ditongo representado, na escrita, por <ei>, que fica, assim, reduzido a [e], embora, na região de Lisboa, surja como [6j]. Tal acontece em palavras como *ribeiro*, que conhecem as seguintes realizações: [Ri´bejru] (no Centro-Litoral); [Ri´beru] (no Centro-Interior e no Sul) e [Ri´b6jru], em Lisboa. Este último fenómeno distingue, assim, duas grandes regiões, dentro desta área dialectal mais ampla: o Centro-Litoral, que mantém o ditongo (realizado [ej] ou [6j]) e o Centro-Interior e o Sul, regiões onde ocorre a redução do mesmo. Para esta distinção, contribui o traçado de

¹³ Ferreira et al. (1996) exemplificam, desta forma, a pronúncia típica dessas regiões: «Assim, uma palavra como *segar* ‘cortar os cereais, a erva’ pronuncia-se com [S] – [S@´gar], diferentemente de *cegar* ‘perder a vista’, pronunciado com [s]– [s@´gar]. Também *coser* é pronunciado com [Z], ou seja, [ku´Zer], diferentemente de *cozer*, pronunciado com [z] – [ku´zer].» (p. 494). As transcrições fonéticas, assinaladas a negrito, não constam do texto citado. Substituíram-se os símbolos fonéticos utilizados, no original, pelos do alfabeto SAMPA.

¹⁴ «[...] Nesta área [a dos dialectos baixo-minhotos, durienses e beirões], *passo* e *paço* pronunciam-se da mesma maneira: [´paSu]; *coser* e *cozer* também coincidem na pronúncia em [ku´Zer].» (Ferreira et al., 1996, pp. 494-495). Nas transcrições fonéticas, substituíram-se os símbolos constantes do texto original, pelos equivalentes na notação SAMPA.

uma isófona que acompanha, quase paralelamente, o curso do Tejo, alguns quilómetros a norte do rio, desde a fronteira política com Espanha até à região de Torres Vedras, junto ao litoral. O traçado desta linha não se afasta grandemente da isófona proposta por Paiva Boléo (1961 (1974)).

Nesta proposta de classificação, Lindley Cintra individualizou três sub-regiões dialectais: uma no âmbito dos dialectos setentrionais, outra no seio dos dialectos centro-meridionais e uma terceira que se situa na Beira Baixa e no Alto Alentejo, que acaba por fazer parte das duas grandes divisões, embora a sua abrangência geográfica seja maior na área dos dialectos centro-meridionais. Esta região caracteriza-se pela realização palatalizada das vogais.

Dentro do grupo dos dialectos baixo-minhoto, duriense e beirão, o autor distingue a região do Baixo Minho e Douro Litoral, que integra a cidade do Porto. Os traços característicos desta zona registam-se no âmbito do sistema vocálico. Aqui, assiste-se à ditongação das vogais tónicas fechadas [e] e [o] (em [je] e [wo] ou [w6]) e à conservação da terminação [o~], que o dialecto padrão realiza como [6~w~], aspectos já inventariados noutras investigações dialectológicas (Boléo (1961 (1974))).

Na região subdialectal do Barlavento algarvio verifica-se uma alteração no timbre das vogais acentuadas. As vogais anteriores são mais abertas, a vogal central [a] sofre um processo de velarização e a vogal [u] surge palatalizada, com uma sonoridade semelhante à do /u/ francês. Esta palatalização do [u] ocorre, igualmente, na região subdialectal da Beira Baixa e do Alto Alentejo. Nesta área do território de Portugal Continental, ocorre, ainda, a palatalização das vogais [a] e [o], a labialização das vogais [e] e [E] e a queda da vogal final [u], grafada <o>, quando não acentuada, ou a sua redução a [@] (por exemplo [´kOpu] > [´kOp] ou [´kOp@] – copo). Este último facto linguístico também se verifica no Barlavento do Algarve¹⁵.

Em síntese, para Lindley Cintra, as sibilantes são o principal traço caracterizador da proveniência regional de um falante do Português Europeu

¹⁵ Por se tratarem de regiões subdialectais, faz-se uma caracterização menos minuciosa das mesmas, conforme se referiu no início desta secção. Para mais pormenores acerca das características individualizadoras destas três regiões veja-se Casteleiro (1975), Cintra (1971, 1983), Cunha e Cintra (1994) e Ferreira *et al.* (orgs.) (1996). Ao lado destes estudos de carácter mais geral, destacam-se outros, centrados nos caracteres específicos dessas variantes ou de localidades insertas no seu âmbito geográfico. Referem-se, seguidamente, alguns desses trabalhos, para cada uma das regiões subdialectais. Baixo Minho e Douro Litoral: Paiva (2005); Rodrigues (2003); Barlavento Algarvio: Andrade (1992); Segura da Cruz (1989, 1987); Maia (1975); Beira Baixa e Alto Alentejo: Baptista (1967); Buescu (1961); Carreiro (1948).

continental, que fica completa com a junção de outros traços fonéticos, como a pronúncia da oclusiva bilabial vozeada e a conservação ou não dos ditongos [ow] e [6j]. No conjunto de características próprias dos dialectos setentrionais, não encontramos nenhuma comum aos dialectos centro-meridionais, onde se inclui o dialecto padrão. Estes comungam da maior parte das características, havendo, no entanto, um elemento separador: a manutenção do ditongo [6j]. O padrão de Lisboa, tendo seguido os dialectos do sul na redução do ditongo [ow], adopta um comportamento distinto relativamente à realização daquele ditongo. O autor distingue, ainda, três regiões subdialectais, que apresentam particularidades, sobretudo ao nível do sistema vocálico, no Baixo-Minho e Douro Litoral, no Barlavento Algarvio e na região de Castelo Branco-Nisa-Portalegre. A primeira caracteriza-se pela ditongação dos sons [e] e [o]; as outras distinguem-se, no seio do grupo de dialectos em que surgem integradas, pela palatalização da vogal tónica [u]. Tal como nas propostas de Leite de Vasconcellos e de M. de Paiva Boléo e M. H. Santos Silva, há uma clara distinção entre o norte e o sul, revelando-se este último mais homogéneo nas suas características.

4.4 – A divisão dialectológica de Pilar Vázquez Cuesta e M. A. Mendes da Luz

A revisão da bibliografia existente sobre as classificações dos dialectos portugueses do Continente não ficaria completa sem a referência ao trabalho destas duas autoras, inserto na sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1971 (1980)). Na esteira de Leite de Vasconcellos e de Paiva Boléo, Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz traçam um perfil do Português falado na Península Ibérica, distinguindo três zonas dialectais: o Norte, o Centro e o Sul, sem isolarem regiões menores, dentro delas. Trata-se, pois, de uma classificação bastante funcional, ainda que, por vezes, pareça mais assente em critérios geográficos do que propriamente linguísticos. Tal facto torna-se por de mais evidente quando se isola o Centro do território de Portugal Continental, mas não se lhe aponta uma característica individualizadora, face ao Norte e ao Sul. As autoras, contudo, alegam que se trata de uma zona de transição, como já haviam observado Leite de Vasconcellos (1901

(1987)), os linguistas da escola de Coimbra (Boléo e Silva, 1961 (1974)) e até Lindley Cintra (1971 (1983)), como já se viu. Nessas três grandes áreas, existem variedades dialectais ou falares, os termos privilegiados pelas autoras.

O falar da região Norte (constituída pelas províncias do Minho, do Douro e de Trás-os-Montes) caracteriza-se pelo seu pendor arcaizante. Prova disso, é a manutenção de dois pares de sibilantes muito parecidas – [S], [Z], [s] e [z], fenómeno fonético apontado por todos os estudiosos como altamente diferenciador das variantes dialectais do PE. Este sistema de quatro sibilantes subsiste na maior parte de Trás-os-Montes, na parte alta do Minho e numa parcela da Beira Alta. Em todo o Sul, grande parte do Centro, no Douro e no resto do Minho e das Beiras existe, apenas, um par de sibilantes.

Outro traço profundamente arcaizante é a manutenção da africada [tS], que as autoras circunscrevem às províncias do Minho, de Trás-os-Montes, da Beira Alta e de quase toda a Beira Baixa, sobretudo na sua parte oriental. Os limites não se afastam muito dos traçados por Lindley Cintra, embora este autor seja mais preciso, na sua definição. Para as linguistas, esta pronúncia mantém-se, sobretudo, nas palavras associadas à vida rural ou naquelas que apresentam uma maior carga afectiva. A manutenção do ditongo arcaico [uj], em palavras como *chuva*, realizadas [´Sujv6], por oposição a [´Suv6], no dialecto padrão, constitui outra característica da área dialectal nortenha, que se estende a quase toda a região Centro.

Mais uma vez, a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ surge referida como um traço dialectal tipicamente setentrional mas que, para as autoras, se estende a grande parte da região Centro, chegando a tocar a província do Ribatejo, tal como Paiva Boléo e M. H. Santos Silva preconizaram (1961 (1974)). No Norte, escapa a este fenómeno uma faixa no sudoeste do Alto Douro e, no Centro, uma estreita faixa costeira e a parte mais oriental da Beira Baixa.

Continuando a inventariar os fenómenos fonéticos do PE falado no Norte, as autoras referem um a que nem sempre é reconhecido o seu acentuado cariz regional, do nosso ponto de vista. Trata-se da intercalação de um [j] semiconsonântico, entre duas vogais orais, que ficam em hiato, fenómeno associado às regiões Norte e Centro de Portugal Continental. A um falante do Sul, expressões como [6j´agw6] (*a água*) soam como tipicamente nortenhas. Pilar Vázquez Cuesta e Maria A. Mendes da Luz referem que esta iotização surge em cidades como Coimbra e é feita por pessoas de

todas as classes sociais. Este fenómeno não foi delimitado com precisão, por nenhum linguista, mas, como se referiu, dá um grande contributo para a distinção desses «norte» e «sul» linguísticos, ainda que as fronteiras entre ambos flutuem.

A forma como alguns ditongos são realizados é igualmente apontada como típica dos falares do Norte e do Centro. O ditongo [6~w~] surge com realizações mais arcaicas, em [o~w~], no Baixo Minho, Baixo Douro e parte da Beira e surge, até, reduzido a [u], sofrendo, simultaneamente, uma desnasalização, no Minho, em Trás-os-Montes e na Beira Litoral. Nestas regiões, as formas da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito simples do modo indicativo dos verbos *fugir* e *estar*, por exemplo, podem soar [fu´Ziru] e [Sti´vEru], em contraste com [fu´Zir6~w~] e [Sti´vEr6~w~], da variante central do PE.

À semelhança de outros linguistas (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983)), as autoras da *Gramática da Língua Portuguesa* salientam a «ditongação incipiente» de [e] e de [o], em palavras como *pêra* e *Porto*: [´pjer6] e [´pwortu], numa zona nortenha, desde o Porto a Guimarães, Ponte de Lima, Barcelos e Póvoa de Varzim. Estudos recentes, da autoria de Paiva (2005), apoiados em análises espectrais, confirmam a existência dessa ditongação, na variante dialectal do Porto.

A pronúncia aberta das vogais que antecedem as consoantes nasais surge, aos olhos das autoras, como outra característica que denuncia a procedência nortenha de um falante do PE (das regiões do Minho e do Douro Litoral), à semelhança do preconizado noutros estudos já referidos (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983)). Indo ao encontro dos linguistas de Coimbra, as autoras advogam que, em posição final, a nasal tónica, representada, graficamente por <-ã>, se realiza, foneticamente, através do ditongo [6~w~]. Estas realizações ocorrem no Minho, no Douro Litoral (regiões, já apontadas nos estudos realizados sob a égide de Boléo) e em alguns pontos da região de Castelo Branco e do Baixo Alentejo. Ocorre, também, a ditongação do [a] tónico nasal, em posição medial, como ilustra a pronúncia de palavras como *branca* ([´bra~w~k6], realizada [´br6~k6], no dialecto padrão).

O território do Centro (correspondente às Beiras) constitui, como já se referiu, uma área de transição. Muitas das características apontadas pelas autoras, para a região dialectal do Norte, estendem-se a grande parte do Centro e aí co-habitam com traços da região meridional. Uma delas é a palatalização do [u] tónico, que abrange parte da Beira Baixa e do Alto Alentejo e todo o ocidente do Algarve, com pontos

isolados na Beira Litoral e no Ribatejo. Foi esta palatalização que permitiu a Lindley Cintra isolar as regiões subdialectais de Castelo Branco e Portalegre, por um lado, e do Barlavento Algarvio, por outro. As especificidades do vocalismo destas regiões, descritas por Leite de Vasconcellos, Paiva Boléo, M. H. Santos Silva e Lindley Cintra, são também reconhecidas por Pilar Vázquez Cuesta e M. A. Mendes da Luz. Estas autoras aludem ao «complicado processo de harmonização vocálica» (Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971 (1980), p. 62), característico de parte da Beira Baixa e do Alto Alentejo, e à maior abertura das vogais, na parte ocidental e central do Algarve.

A zona dialectal do Sul (que abarca a Estremadura, o Alentejo, o Ribatejo e o Algarve) inclui a variante dialectal de Lisboa, considerada pelas autoras como o dialecto padrão. O primeiro fenómeno que as autoras apontam como caracteristicamente meridional é a realização do [e] átono final como [i]. Ao contrário do Norte, em que os ditongos se mantêm e até surgem em palavras que, na sua forma escrita, não os incluem, no Sul, regista-se uma tendência para a monotongação, quebrada, apenas, pela pronúncia de Lisboa, que conserva o ditongo <ei> gráfico, realizando-o [6j].

Ainda no Sul, realça-se a pronúncia uvular da vibrante múltipla [R], descrita como típica da região de Setúbal. Essa pronúncia, opinam as autoras, estende-se, muitas vezes, à vibrante simples. Do nosso ponto de vista, é precisamente nessa extensão que reside a peculiaridade dessa realização fonética já que, actualmente, a pronúncia uvular da vibrante múltipla parece estar a generalizar-se a todo o Sul. Para todas as regiões, as autoras apontam, ainda, outras características, mais específicas, que não foram aqui inventariadas. Muitas circunscrevem-se a áreas geográficas restritas; outras são comuns a várias regiões e, por isso, revelam-se menos importantes para o estudo que se pretende realizar.

Na proposta destas autoras, não há, como já se disse, a preocupação de delimitar, ao pormenor, o âmbito geográfico das diferentes variantes dialectais do PE continental. A metodologia seguida procurou descrever (e conseguiu-o, do nosso ponto de vista) os fenómenos que permitem caracterizar as três grandes áreas preconizadas, desde o início. Os resultados deste estudo mostram, claramente, a oposição existente entre o Norte e o Sul, com uma vasta região entre eles. Essa região central, que corresponde, *grosso modo*, às províncias das Beiras, ora mantém a

tendência conservadora, típica do Norte, ora adopta o comportamento inovador, característico do Sul.

Uma vez distinguidas estas três áreas, é certo que, dentro delas, haverá especificidades, como perfilham as autoras, ao aludirem a unidades geográficas e administrativas mais restritas com particularidades fonéticas. Ao procederem desta forma, Pilar Vázquez Cuesta e M. A. Mendes da Luz adoptam o ponto de vista que parece ancorar na ideia saussuriana de que «(...) só há caracteres dialectais naturais, não há dialectos naturais; ou, o que é o mesmo, há tantos dialectos como lugares.» (Saussure, 1978, p. 331). Por outras palavras, nem sempre há uma fronteira linguística precisa entre os dialectos, dependendo esta do conjunto de fenómenos que se considerou para a sua definição. Para além disso, as fronteiras linguísticas e administrativas nem sempre são coincidentes, nem entre países e línguas, nem entre as diferentes áreas dialectais de um mesmo idioma. O facto destas fronteiras serem fluidas torna a classificação proposta pelas autoras legítima e funcional.

A caracterização que estas linguistas elaboraram comprova a maior heterogeneidade dos falares do Norte, face aos do Sul, evidente no maior número de particularidades inventariadas. Essa maior heterogeneidade advém de factores como a maior proximidade com o galego e o maior isolamento geográfico que caracterizou, no passado, esta região, relativamente ao resto do país. Por se tratar de um território mais afastado de Lisboa, esteve sempre menos exposto à acção coerciva da variante central do PE. Para essa heterogeneidade contribuem, também, factores demográficos, como a maior densidade populacional e as formas de povoamento.

Nos capítulos seguintes, o trabalho a desenvolver centra-se na assunção de seis grandes regiões, que correspondem, em traços gerais, a outras tantas divisões administrativas do país. Essas regiões distribuem-se pelas três grandes áreas dialectais preconizadas pelas autoras: Minho e Trás-os-Montes (Norte); Beira Interior e Beira Litoral (Centro, a tal zona de transição); Alentejo e Algarve (Sul). De resto, são estas as regiões consideradas para as recolhas de *corpora*, no Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Esta centralidade do factor geográfico é apenas aparente. Mais importantes do que a designação da variante dialectal são os traços linguísticos que caracterizam uma determinada região ou localidade, situada num limite geográfico que não pode ser ignorado e que se revela funcional, em estudos desta natureza.

4.5 – Alguns estudos de dialectologia, na actualidade

Tendo como ponto de partida a proposta de classificação dos dialectos portugueses, elaborada por Lindley Cintra, um grupo de investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa tem procedido à inventariação das peculiaridades dialectais do Português Europeu, quer no território de Portugal Continental, quer nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. No mapa da Figura 6, encontram-se assinaladas as localidades do território do continente, seleccionadas pelos investigadores desse grupo, para realizar gravações dos *corpora* destinados ao estudo da variação regional do PE.

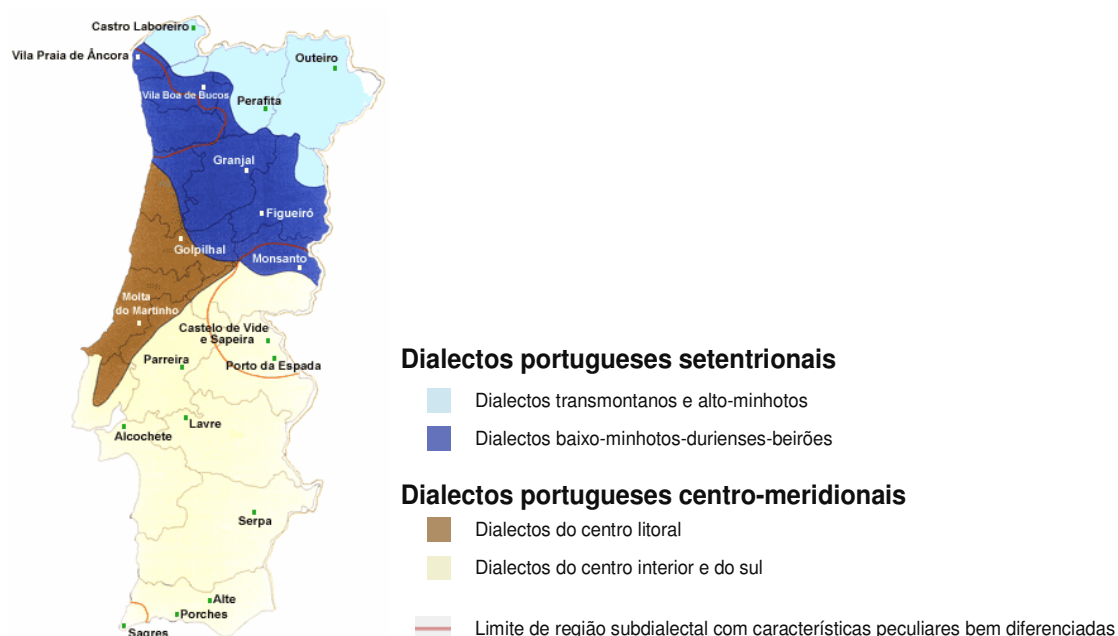


Figura 6: Mapa dos dialectos de Portugal Continental, segundo Lindley Cintra, e locais de gravação seleccionados pelo grupo de investigadores do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (mapa disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/geografia/mapa06.html>).

Na Universidade de Aveiro, também se têm desenvolvido trabalhos sobre a variação linguística do PE, centrados nos aspectos prosódicos. Esses estudos enquadram-se num projecto que envolve várias universidades europeias, o *Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman* (AMPER), cuja coordenação geral cabe ao Centro de Dialectologia da Universidade de Grenoble e, em Portugal, à Universidade

de Aveiro. A pesquisa situa-se no domínio da fonética experimental e visa a construção de um atlas que contemplará, para além das variedades do Português Europeu e do Português Brasileiro, outras de línguas como o italiano, o francês e o espanhol (Moutinho *et al.*, 2001). Em relação ao PE, a equipa de investigadores de Aveiro procedeu, até à data, à gravação de um *corpus*, nas regiões do Minho, de Trás-os-Montes, da Beira Interior, da Beira Litoral, do Alentejo e do Algarve, conforme ilustra a Figura 7.

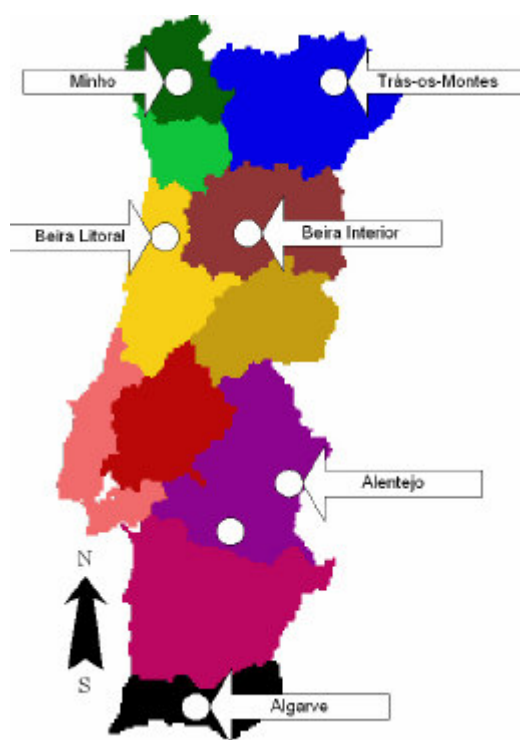


Figura 7: Locais de gravação seleccionados pelo grupo de investigação do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, para o estudo da variação regional (mapa disponível em http://www.ii.ua.pt/cidlc/gcl/files/publicacoes/4LREC_2004.pdf).

Ainda na área da Fonética, na Universidade de Aveiro, investigadores provenientes de áreas diversas têm desenvolvido vários trabalhos, centrados em aspectos específicos da variação regional, como o estudo das vogais nasais do PE (Teixeira *et al.*, 2003; Teixeira, 2000), a síntese de fala, tendo em conta as particularidades dialectais do Português (Paiva, 2005) e o valor dos constituintes prosódicos, para a distinção das diferentes variantes dialectais do Português Europeu,

através da constituição de equipas multidisciplinares que integram linguistas e engenheiros (Moutinho *et al.* 2005, 2001).

5. Conclusões

Partindo das diferentes propostas de caracterização apresentadas importa, agora, joeirar todos os traços apontados e sistematizar as principais conclusões. O Português Europeu, falado no território de Portugal Continental, caracteriza-se por uma grande homogeneidade, embora todos reconheçam a existência de particularidades fonéticas que permitem distinguir um conjunto de variantes dialectais. Essas variantes podem ser agrupadas em duas grandes áreas: o Norte, que apresenta características mais arcaicas e uma maior diversidade fonética, e o Sul, mais homogêneo e inovador. Independentemente das nomenclaturas utilizadas, esta distinção é transversal, estando presente, de forma bem explícita, nas obras de referência dedicadas à dialectologia e à geolinguística, em Portugal.

Entre o Norte e o Sul, o Centro constitui uma zona de transição. Se, em relação a estas grandes divisões há um consenso generalizado, o mesmo não se pode dizer em relação à sua delimitação, dependendo esta dos fenómenos fonéticos que estejam a ser convocados. Nesta área central, o interior apresenta características que o distinguem do litoral (nomeadamente, a pronúncia dos sons sibilantes), que está mais próximo do dialecto padrão. De resto, a faixa litoral, compreendida entre Lisboa e Coimbra surge identificada como a variante central do PE, podendo esta estender-se até ao distrito de Aveiro, pois Paiva Boléo e M. H. Santos Silva (1961 (1974)), ao caracterizarem o falar do Baixo Vouga e Mondego, dizem que o mesmo apresenta poucas particularidades, do ponto de vista fonético. Há, ainda, uma grande coincidência de opiniões relativamente às realizações fonéticas que individualizam as regiões do Baixo Minho e do Douro Litoral (região Porto-Braga), de Castelo Branco e Portalegre e do Barlavento Algarvio.

Acima das divisões efectuadas e das nomenclaturas adoptadas, encontra-se um feixe de características que é comumente referido para caracterizar as diferentes variantes dialectais. A abertura das vogais seguidas de consoantes nasais (sobretudo no Minho), a ausência de oposição entre /b/ e /v/ (em todo o Norte e

grande parte do Centro), o sistema de fricativas mais complexo (sobretudo, no interior norte e centro), a monotongação (no Sul) e a palatalização das vogais (em Castelo Branco, Portalegre e no Barlavento Algarvio) surgem como os fenómenos fonéticos mais importantes para o estudo da variação regional.

Como se referiu no início deste capítulo, o estudo da variação linguística levanta um conjunto de problemáticas e implica um rol de opções que, por vezes, se revela polémico. Com maior ou menor interferência da Geografia, da História e/ou da Etnografia, a diversidade linguística permite diferentes perspectivas de investigação. Estas, longe de se excluírem, complementam-se e esclarecem-se mutuamente, contribuindo para um melhor entendimento dos factos linguísticos.

No capítulo que se segue, procura-se avaliar, através de testes perceptuais, o contributo de alguns fenómenos fonéticos atrás referidos, para a distinção dos dialectos do PE continental.

CAPÍTULO II

PERCEPÇÃO DE VARIANTES DIALECTAIS DO PE CONTINENTAL

1. Introdução

A categorização perceptual dos dialectos não tem sido objecto de estudos aprofundados mas, recentemente, alguns investigadores têm recorrido a um conjunto diversificado de metodologias para avaliar a forma como os indivíduos percebem, distinguem, categorizam e avaliam os diferentes dialectos da sua língua materna (Clopper, 2004; Clopper e Pisoni, 2004; Clopper e Pisoni, 2005; Kerswill e Williams, 2002; Nielsen e Hay, 2006). Clopper e Pisoni (2005), ao abordarem a percepção da variação regional, fazem um inventário de diferentes métodos e técnicas utilizados na categorização e na percepção dos dialectos. A multiplicidade de procedimentos e a pluralidade das abordagens concorreram para a existência de um leque de resultados bastante díspares, no que diz respeito à correcta categorização perceptual dessa variação, assente em factores de índole geográfica. Contudo, as investigações realizadas permitiram concluir que a variação linguística resultante das diferenças regionais é algo de que a generalidade dos ouvintes e dos falantes de uma língua se apercebe.

Relativamente à Língua Portuguesa, desconhecem-se estudos sobre a variação linguística assentes na categorização dos dialectos, recorrendo à aplicação de testes perceptuais. Os olhares sobre a paisagem dialectal portuguesa recaem, sobretudo, na percepção que os linguistas têm desses mesmos dialectos, quer através de inquéritos linguísticos, quer do seu contacto *in loco*, com os falantes, quer, ainda, de procedimentos experimentais que visam a determinação de parâmetros acústicos e a análise dos traços prosódicos. Muitos desses estudos objectivam a determinação das peculiaridades dialectais de cada região, mas neles raramente é solicitada a categorização dos vários dialectos do PE continental, através de testes de percepção.

Para se obterem dados mais precisos acerca dessa consciência dialectal (Mase, 1999, cit. por Clopper, 2004), no decurso deste trabalho, aplicaram-se dois testes perceptuais. O processo que presidiu à concepção e à implementação desses testes e a análise dos resultados obtidos constituem a essência deste capítulo.

Apesar da grande similitude das variantes dialectais do PE continental, a nível fonético, existem características sentidas pelos falantes de uma dada proveniência como típicas de outra. Diariamente, nas relações inter-pessoais, mesmo quem não tem formação específica, na área da Linguística, consegue identificar, com maior ou menor precisão, a origem geográfica do seu interlocutor. Que factores contribuem para esse reconhecimento? O que permite a um falante do Sul distinguir um do Norte e vice-versa? Será que as particularidades apontadas pelos linguistas, ao longo dos anos, continuam a ser importantes, na percepção da variação regional?

Num momento em que, como já se referiu, tantos factores contribuem para a crescente uniformização linguística interna (as vias de comunicação, a escola, a televisão, a rádio...) importa avaliar a permanência e a sobrevivência das variantes dialectais do PE continental e, simultaneamente, a consciência que os falantes têm dessa diversidade, em termos fonéticos.

2. Justificação dos fenómenos a incluir nos *corpora* dos testes

No primeiro capítulo, procedeu-se a uma caracterização das variantes dialectais do PE continental, partindo da bibliografia existente. No entanto, os fenómenos apresentados como próprios de cada variante não contribuem da mesma forma para a sua distinção. Feito o inventário dessas características peculiares, procedeu-se à triagem daquelas que melhor poderão contribuir para a identificação e para a diferenciação das variantes dialectais do território de Portugal Continental. Assim, à luz da revisão bibliográfica efectuada, escolheram-se seis fenómenos caracterizadores das três grandes áreas dialectais do continente português (Norte, Centro e Sul):

1. a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/;
2. a monotongação do ditongo [6j] (grafado <ei>);¹⁶
3. a existência de um sistema de quatro sibilantes [S], [Z]; [s] e [z];
4. a existência de um [i] paragógico;
5. a abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal;
6. a abertura da vogal [e] / [o].

A sobrevivência de um sistema de quatro sibilantes e a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ surgem como características individualizadoras da região Norte. A monotongação do ditongo [6j] e a existência do [i] paragógico são tidas como típicas do Sul, ainda que, relativamente a estes fenómenos, seja necessário realçar as diferenças existentes na região de Lisboa. Consideraram-se, ainda, mais dois fenómenos, relacionados com o sistema vocálico, que podem surgir em várias regiões, nomeadamente no Minho e no Algarve. Alguns destes fenómenos, conforme se viu, na revisão bibliográfica, estendem-se, ora de Norte para Sul (como é o caso dos referidos em 1. e em 3.) ora do Sul para o Norte (como é o caso do referido em 2.), daí a zona central de transição (correspondente às Beiras) ter sido, igualmente, contemplada, no momento em que se procedeu à selecção dos fenómenos atrás elencados.

Num trabalho desta natureza, a escolha dos fenómenos a estudar reveste-se sempre de alguma complexidade. Os critérios adoptados radicam no maior valor distintivo e na recorrência com que surgem apontados nas fontes consultadas. Para a escolha desses fenómenos, contribuiu, também, o *corpus* seleccionado para os testes de percepção, que não foi especificamente elaborado para os objectivos desta

¹⁶ O dígrafo <ei> realiza-se [6j], foneticamente, sobretudo na região de Lisboa, resultando de um processo de dissimilação (Cintra, 1983; Ferreira *et al.*, 1996; Mateus *et al.*, 2005; Mateus *et al.*, 1991), como acontece na palavra *areia* [6r´6j6]. Esta dissimilação é fruto de um processo de centralização da vogal [e], em sílaba acentuada, diante da semivogal [j]. A tendência para dissimilar os elementos constitutivos do ditongo (sobretudo em Lisboa, embora tal comportamento se estenda a outras regiões da variante central do PE continental) reduz o perigo de fusão da vogal com a glide, daí a capital do país constituir uma ilhota de conservação do ditongo, na vasta região meridional que tende a reduzi-lo a [e] (Cintra, 1983). Nas restantes variantes dialectais, esse ditongo surge com a pronúncia [ej] (resultante da influência da ortografia, como salienta Cintra (1983)), ou aparece monotongado, no Sul, com a pronúncia reduzida a [e]. Por comodidade terminológica, o fenómeno de redução deste ditongo surge referido, nesta dissertação, como «monotongação do ditongo [6j]», embora se deva ter sempre em mente que essa pronúncia, geralmente, é a que ocorre na variante central, havendo, contudo, outras que constituem exemplo da riqueza da variação regional da nossa língua.

dissertação. O mesmo surgiu no âmbito do projecto «Fonética Aplicada ao Processamento de Fala: as Nasais do Português». Equacionou-se, ainda, a possibilidade de utilizar outro acervo de gravações, existente no Laboratório de Fonética do Departamento de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro – o *corpus* gravado para o projecto «AMPER – Atlas Prosódico Multimédia das Variedades Românicas». No entanto, este não inclui palavras que contenham ditongos, o que invalidou, desde logo, a sua escolha, dada a importância do ditongo [6j], atestada pela consulta bibliográfica.

A recolha do *corpus*, realizada no âmbito do projecto atrás referido, decorreu nas regiões do Minho, de Trás-os-Montes, da Beira Litoral, da Beira Interior, do Alentejo e do Algarve, conforme ilustra a Figura 7, atrás apresentada. Em cada região, foram gravadas produções de quatro informantes (dois do sexo masculino e dois do sexo feminino), que obedeciam ao seguinte perfil: eram naturais e residentes da localidade escolhida e possuíam habilitações literárias nunca superiores ao nono ano de escolaridade ou equivalente. Aos informantes foram solicitadas duas repetições do *corpus*. Nas gravações, foi utilizado um computador portátil e o sinal foi captado através de um microfone *Shure SM48*, directamente para o disco duro. No decurso das gravações, utilizaram-se estímulos visuais que permitiram ao informante produzir as palavras pretendidas, evitando-se, assim, a sua leitura. Quer a gravação, quer a segmentação, foram feitas com o programa *SFSWin*. As tarefas atrás descritas foram realizadas durante o desenvolvimento do projecto a que se aludiu, pelo que o *corpus* chegou às nossas mãos já segmentado e anotado¹⁷.

¹⁷ Para mais informações, veja-se Teixeira *et al.*, 2003.

3 - Teste de identificação

3.1 - Material linguístico seleccionado

Na escolha das palavras a incluir no teste perceptual de identificação, procurou-se seleccionar *itens* passíveis de incluir realizações fonéticas que ilustrassem os fenómenos atrás inventariados. O *corpus* encontra-se especificado na Tabela I que dá conta, simultaneamente, dos fenómenos fonéticos que se pretendem estudar, em cada uma das palavras. Em anexo, apresenta-se um conjunto de tabelas com todas as palavras que constituíam o *corpus* do projecto «Fonética Aplicada ao Processamento de Fala: as Nasais do Português» (Anexo 2).

Tabela I Lista de palavras incluídas no teste e fenómeno fonético considerado.	
Fenómenos	Palavras
ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/.	tambor banco
monotongação do ditongo [6j].	candeeiro candongueiro
existência de um sistema de quatro sibilantes [S], [Z]; [s] e [z].	segunda província
existência de um [i] paragógico.	estendal limpar
abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal.	conta dente
abertura da vogal [e] / [o].	pandeireta tambor

Para cada fenómeno fonético contemplado, seleccionaram-se duas palavras. No entanto, um só vocábulo pode conter um conjunto de sons pertinente para o estudo de um outro fenómeno inventariado. Por exemplo, na palavra *dente*, para além da abertura da vogal nasal, pode ocorrer a paragoge de um [i]. Em palavras como

esta, distanciamo-nos de Paiva Boléo e M. H. Santos Silva (1961 (1974)), que defendem a ocorrência de um outro fenómeno fonético: a passagem do [ə] a [i], em posição final inacentuada. Do nosso ponto de vista, este último fenómeno é a paragoge do [i], que pode ocorrer, no Sul, em palavras como *limpar* – também inserta no *corpus* – materializam a mesma realização fonética ([li~'pari], realizada [li~'par], na variante central do PE continental). Na verdade, na maior parte das situações, no PE falado no Continente, a vogal final [ə] não se realiza, foneticamente. No fundo, é como se a palavra terminasse num som consonântico. Assim, nas variantes dialectais do Sul, foneticamente, o [ə] não é realizado e é introduzido o tal [i] paragógico, à semelhança do que acontece a seguir a uma consoante líquida. A formulação elaborada pelos linguistas de Coimbra «substituição do [ə] por [i]» resulta, sobretudo, da associação entre a escrita e a fala, que estabelecem, entre si, uma relação que nem sempre é unívoca.

A correspondência entre uma palavra e um determinado fenómeno revela-se útil, do ponto de vista metodológico, para o tratamento dos resultados do teste, embora, na realização falada, um mesmo vocábulo possa ilustrar uma multiplicidade de particularidades fonéticas características de uma dada região dialectal.

3.2 – Construção do teste

A selecção do *corpus* foi feita a partir da leitura das listas de palavras insertas no relatório interno, relativo ao projecto atrás referido (Teixeira et al. 2003), apresentadas em anexo (Anexo 2). Para a sua selecção, não se procedeu a uma audição prévia. Este procedimento evitou que fossem seleccionados registos sonoros com realizações fonéticas que, *a priori*, contivessem o fenómeno a estudar. Os *ítems* escolhidos da totalidade do *corpus* gravado poderão confirmar a existência de determinados fenómenos fonéticos mas estes também poderão não ocorrer, de acordo com a especificidade dos informantes. Como o que se pretende é estudar a existência ou não de determinados fenómenos fonéticos e avaliar o seu contributo para a distinção das variantes dialectais, considerou-se que este procedimento conferiria ao teste um maior grau de fiabilidade. A leitura atenta do relatório atrás referido permitiu obter informações acerca do material gravado e a consequente

exclusão de ficheiros que não reunissem os requisitos técnicos necessários ao teste perceptual (gravações com mais ruído ou com um volume de som muito ténue, por exemplo). Para cada região dialectal, escolheram-se as realizações de um informante do sexo masculino, cujo perfil se encontra especificado na Tabela II.

<p>Tabela II</p> <p>Perfil dos informantes seleccionados para o <i>corpus</i> do teste de identificação</p>					
Nome	Idade	Sexo	Nível de escolaridade	Local de Origem	Região
JQM	42	M	frequência 5º ano	S. Miguel de Machede	Alentejo
JLM	69	M	4ª classe	Vale de Parra	Algarve
JRD	82	M	3ª classe/4ª classe adulto	S. Pedro do Sul	Beira Interior
PRQ	33	M	9º ano inacabado	Aveiro	Beira Litoral
ALS	61	M	4ª classe	Sequeiros	Minho
DRO	81	M	4ª classe	Podence	Trás-os-Montes

Escolhidas as palavras e o leque de informantes, seleccionaram-se os ficheiros, gravados em formato *SFS*. De seguida, procedeu-se à conversão dos mesmos em ficheiros *wav*, aplicando o comando *sfs2wav*, ao sinal de voz gravado. Por último, procedeu-se à normalização dos mesmos, em ambiente *Matlab*. Para a construção do teste, e uma vez preparados os estímulos, utilizou-se um programa desenvolvido pelo orientador, em linguagem *Tcl/Tk*, que foi adaptado para este fim. Inicialmente, foram copiados, para um directório, os ficheiros de som, já convertidos e normalizados. Depois, para que fosse possível obter informação acerca da consistência das respostas de cada ouvinte e uma maior quantidade de avaliações, definiu-se o número de vezes que cada estímulo deveria ser apresentado – quatro.

A linguagem de programação utilizada permitiu a construção de um teste que gerasse, automaticamente, os resultados, logo após a sua conclusão, e a futura exportação dos mesmos para o programa de tratamento estatístico *SPSS* (*Statistical Package for the Social Sciences*). O programa seleccionado para a construção do teste

possibilitou, também, a obtenção de informações acerca da consistência e da coerência das respostas dadas¹⁸.

Na concepção do teste, houve a preocupação de criar uma interface de fácil utilização para os ouvintes. Num teste de identificação, os intervenientes, depois de ouvirem um estímulo, têm de o rotular, seguindo as orientações dadas (*forced choice test*) ou sem qualquer condicionamento para a resposta (*open response test*). O teste elaborado era de resposta fechada constituindo, por isso, um exemplo da primeira modalidade atrás referida. Durante a realização do teste, os ouvintes teriam de responder à pergunta «De que região é o falante?». A Figura 8 ilustra a interface concebida.

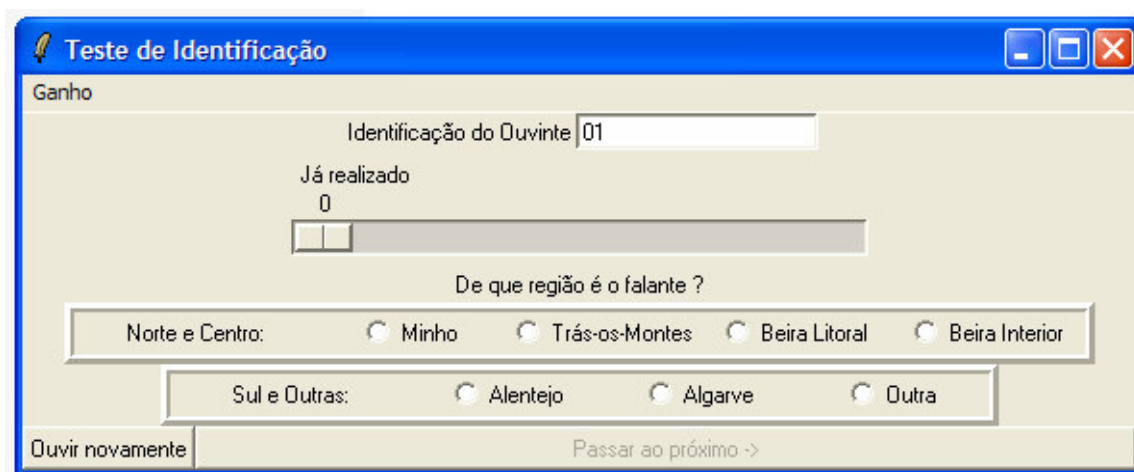


Figura 8: Interface concebida para o teste de identificação.

Para a pergunta formulada, disponibilizavam-se seis hipóteses de resposta, que correspondiam às regiões onde foi efectuada a recolha do *corpus*. Considerou-se, ainda, uma sétima opção, para o caso de os ouvintes entenderem que as realizações apresentadas não eram pertença de informantes das regiões propostas, embora o *corpus* não incluísse gravações de outros locais. Ouvido o estímulo, os indivíduos teriam de seleccionar a região de origem do falante, mediante um «clique», com o botão do rato, junto da hipótese que considerassem adequada.

¹⁸ É possível encontrar mais informações acerca da construção de testes, utilizando o programa *Tcl/Tk*, em Teixeira e Vaz (2000).

A repetição do estímulo era possível, sempre que o utilizador o desejasse, bastando, para isso, pressionar, com o botão do rato, a expressão «Ouvir novamente». Só depois de o ouvinte identificar cada estímulo é que o computador reproduzia o seguinte, através da utilização do comando «Passar ao próximo». A repetição dos estímulos obedeceu a uma ordem aleatória, ditada pelo programa informático que sustenta o teste. Cada fenómeno fonético seleccionado foi testado 240 vezes, perfazendo um total de 1440 estímulos (6 fenómenos X 2 palavras X 5 ouvintes X 4 repetições X 6 regiões).

O teste foi alvo de uma aplicação experimental, em dois ouvintes com perfis diversos, tendo um deles formação na área da Linguística. Efectuou-se uma análise preliminar das respostas obtidas, concluindo-se que os resultados dos dois ouvintes foram bastante diferentes e que a identificação da região dialectal, depois de ouvido o estímulo, nem sempre se revelou fácil.

3.3 – Aplicação do teste

À luz dos resultados decorrentes da aplicação experimental, considerou-se pertinente a constituição de dois grupos de ouvintes, em que o elemento diferenciador fosse a existência ou não de formação académica, na área da Linguística. Dos cinco ouvintes recrutados para a realização do teste, todos eles com formação universitária, dois eram detentores de graus académicos, na área das Línguas e Literaturas e os restantes nas áreas da Geografia, da Biologia e da Física e Química. Os indivíduos tinham idades compreendidas entre os 29 e os 45 anos, sendo todos naturais e residentes da região Centro-litoral do país (Estremadura/Beira Litoral, distritos de Leiria, Coimbra e Aveiro). Nenhum deles sofria de problemas de audição. A origem geográfica dos ouvintes permite considerá-los como falantes da variante central do PE continental ou de localidades limítrofes, que não apresentam características fonéticas altamente diferenciadoras, face a essa variante.

O teste foi realizado no Laboratório de Fonética, do Departamento de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro, no caso dos indivíduos com formação superior na área das línguas. Os restantes ouvintes responderam ao teste em suas casas. A aplicação do teste foi feita individualmente, com a utilização de auscultadores, e

contou, sempre, com a supervisão de alguém detentor de formação em Linguística. As condições ambientais que envolveram a realização do teste caracterizavam-se por um nível de ruído baixo a moderado.

3.4 – Resultados

O tratamento dos resultados realizou-se através do *software* estatístico *SPSS*. Utilizaram-se *menus* que permitiram o cruzamento de variáveis e a obtenção de tabelas e de gráficos, com resultados estatísticos descritivos. Apresentam-se, de seguida, os dados mais representativos, fruto dos procedimentos adoptados. Na Figura 9, surgem, sob a forma de um gráfico circular, as percentagens totais de respostas certas e erradas.

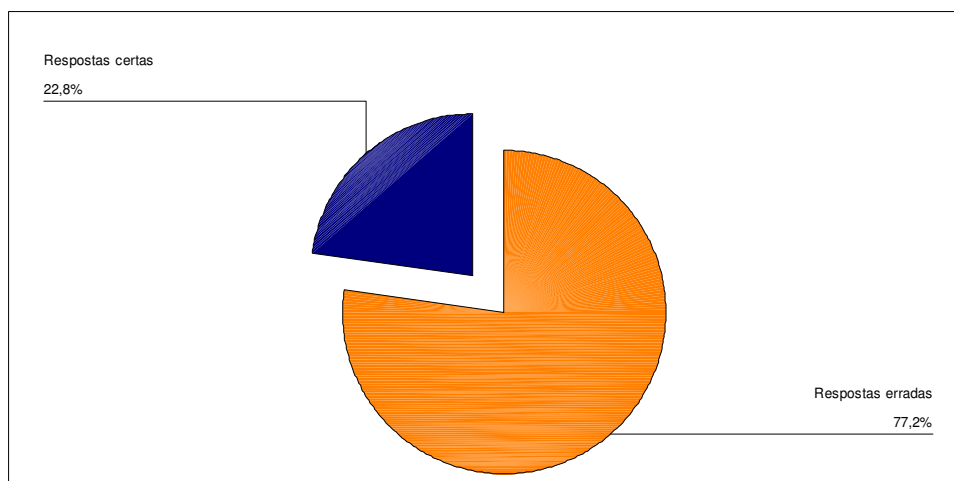


Figura 9: Percentagens totais de respostas certas e erradas.

Para avaliar a consistência dos resultados obtidos, teve-se em conta o número de respostas de cada ouvinte e a sua relação com as diferentes regiões contempladas no teste. Se o ouvinte fosse consistente, ao responder, concentraria as suas opções sempre na região que estava em causa. No entanto, como confirma a Figura 10, registou-se uma elevada pulverização das respostas. Por exemplo, quando as realizações dos informantes eram da Beira Litoral, o ouvinte 1 identificou-as, predominantemente, como sendo dessa região, mas surgem também rotuladas como podendo pertencer a qualquer outra. Em síntese, o ouvinte deu quase sempre a

mesma resposta, traduzindo-se o seu desempenho num resultado pouco consistente. Este comportamento estendeu-se aos cinco ouvintes que realizaram as provas perceptuais. Não havendo consistência nas respostas dadas por cada um dos indivíduos, considerou-se desnecessário o apuramento de um valor para a consistência entre os diferentes ouvintes. Para cada um dos ouvintes, obtiveram-se gráficos semelhantes ao que a seguir se apresenta, a título exemplificativo:

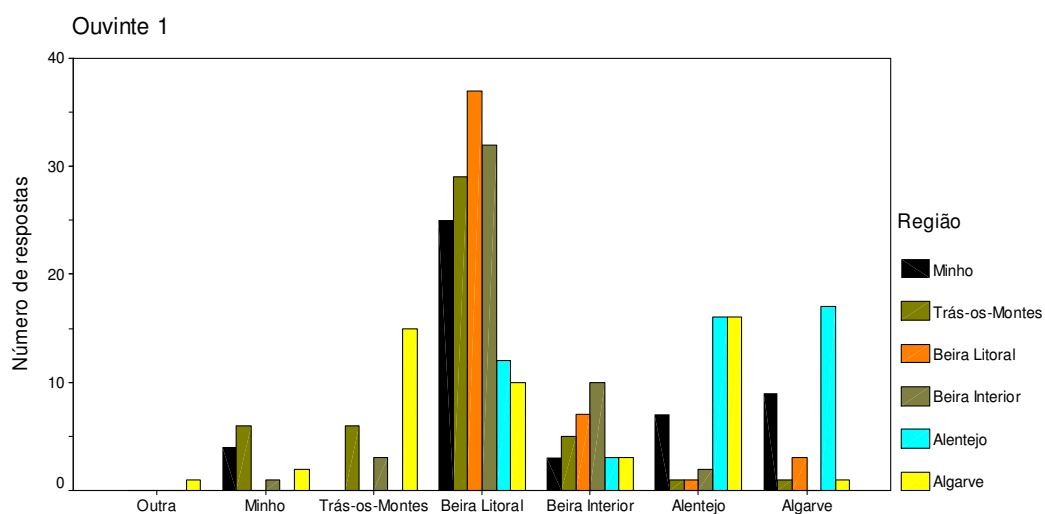


Figura 10: Gráfico para avaliar a consistência das respostas de um dos ouvintes.

A Tabela III inclui um sumário das respostas dadas, distribuídas pelas sete opções disponibilizadas na interface do teste. Nela, surge assinalado o número de respostas e a respectiva percentagem, relacionando-se a região dialectal do falante com a resposta dada pelo ouvinte. Para a generalidade das regiões, a percentagem de acertos foi baixa, havendo apenas uma em que mais de metade dos estímulos apresentados foi identificada correctamente.

Tabela III:

Número e percentagem de respostas, considerando a região do falante e a resposta do ouvinte.

			RESPOSTA DO OUVINTE						
			OUTRA	MINHO	TRÁS-OS-MONTES	BEIRA LITORAL	BEIRA INTERIOR	ALENTEJO	ALGARVE
REGIÃO DO FALANTE	MINHO	Núm. de respostas	3	37	19	45	33	57	46
		Percent. de respostas	1,3%	15,4%	7,9%	18,8%	13,8%	23,8%	19,2%
	TRÁS-OS-MONTES	Núm. de respostas	3	34	44	45	44	48	22
		Percent. de respostas	1,3%	14,2%	18,3%	18,8%	18,3%	20,0%	9,2%
	ALGARVE	Núm. de respostas	13	17	50	59	34	45	22
		Percent. de respostas	5,4%	7,1%	20,8%	24,6%	14,2%	18,8%	9,2%
	ALENTEJO	Núm. de respostas	10	31	22	47	39	42	49
		Percent. de respostas	4,2%	12,9%	9,2%	19,6%	16,3%	17,5%	20,4%
	BEIRA INTERIOR	Núm. de respostas	6	21	57	51	54	27	24
		Percent. de respostas	2,5%	8,8%	23,8%	21,3%	22,5%	11,3%	10,0%
BEIRA LITORAL	Núm. de respostas	12	20	18	130	34	13	13	
	Percent. de respostas	5,0%	8,3%	7,5%	54,2%	14,2%	5,4%	5,4%	

O número de respostas correctas foi maior sempre que os intervenientes no teste ouviram realizações fonéticas do informante da Beira Litoral (54,2%). As restantes regiões apresentaram um número bastante inferior de respostas certas, destacando-se o Algarve, aquela que os ouvintes perceberam como a mais difícil de identificar (9,2% de identificações correctas). As regiões da Beira Interior (22,5%) e de Trás-os-Montes (18,3%) surgiram em segundo e terceiro lugares, respectivamente, tendo em conta o número de respostas correctas. O Alentejo, com 17,5% de respostas certas, e o Minho, com 15,4%, integram-se no grupo de dialectos mais difíceis de identificar pelos ouvintes que realizaram o teste de percepção.

Os números e as percentagens assinalados a vermelho referem-se às respostas correctas, sendo os demais referentes às identificações incorrectas, ou seja, àquelas em que a região seleccionada pelo ouvinte não coincidiu com a do falante. É de salientar que os ouvintes consideraram que a maior parte dos estímulos apresentados pertencia ao informante da Beira Litoral.

Apurou-se a percentagem total de respostas certas, tendo em conta os diferentes fenómenos seleccionados. Apesar de as diferenças serem pouco acentuadas, a monotongação do ditongo [6j] foi o fenómeno fonético que mais contribuiu para a identificação correcta das seis regiões dialectais, como ilustra a Figura 11.

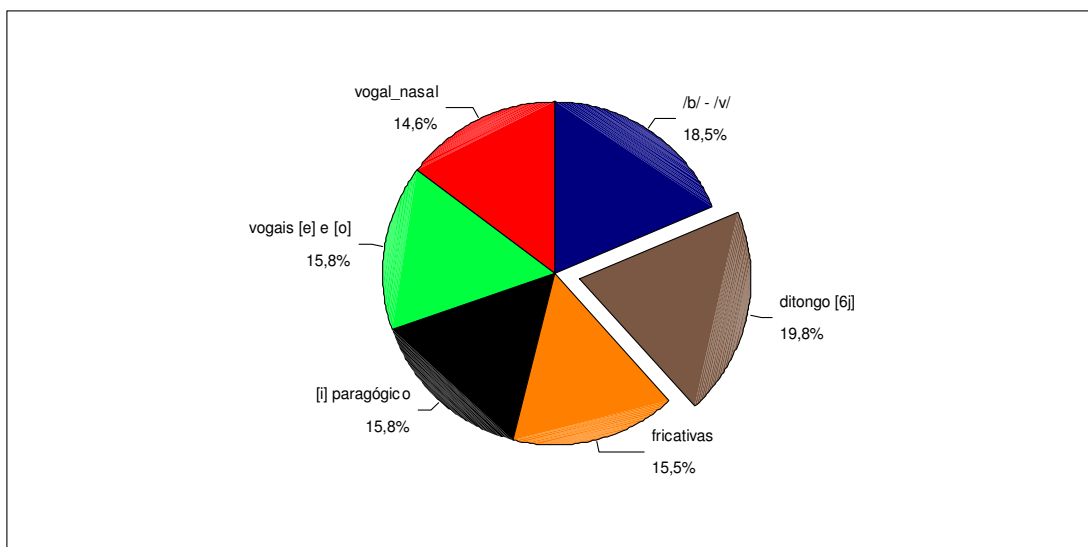


Figura 11: Distribuição das percentagens totais de respostas certas, para cada um dos fenômenos fonéticos¹⁹.

A partir da lista de palavras seleccionada para o teste e dos fenômenos fonéticos em estudo, realizaram-se análises estatísticas para apurar quais os fenômenos convocados pelo ouvinte, para cada uma das regiões, no momento da sua identificação.

Os gráficos da Figura 12 mostram a percentagem de respostas correctas, para cada um dos fenômenos fonéticos, em cada uma das regiões. O valor máximo esperado, por fenómeno, seria 100%, na eventualidade de o ouvinte identificar, correctamente, todos os estímulos, de uma determinada variante dialectal, referentes ao fenómeno em estudo.

¹⁹ Devido às limitações impostas pelo software estatístico utilizado, não é possível fazer uma legendagem pormenorizada dos gráficos em que se mostram os resultados apurados, para cada um dos seis fenômenos fonéticos considerados neste estudo. Por esse motivo, os gráficos que resultam da utilização desse software surgem, por vezes, com uma legenda mais simplificada. Nesta nota, estabelece-se uma correspondência entre essas legendas mais simplificadas e aquelas que incluem uma informação mais pormenorizada. Assim, a legenda /b/ - /v/ refere-se ao fenómeno da ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/; sempre que surgir a legenda ditongo [6j] (ou ditongo) o fenómeno que se pretende estudar é a monotongação do ditongo [6j]; a formulação [i] paragógico (ou paragoge) refere-se ao fenómeno fonético da existência de um [i] ou [j] paragógico, dependendo do seu contexto de ocorrência. A manutenção de um sistema complexo de quatro sibilantes surge, por vezes, legendado com a etiqueta fricativas (ou fricativa); a legenda vogal_nasal refere-se à maior abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal e, por último, a expressão vogais [e] e [o] (ou vogal média) é a legenda simplificada do fenómeno de abertura da vogal [e] / [o]. Para uma maior clareza, optou-se pela elaboração de uma legenda pormenorizada da figura, sempre que se considerou pertinente, prevalecendo esta última sobre a que se encontra inserta no gráfico.

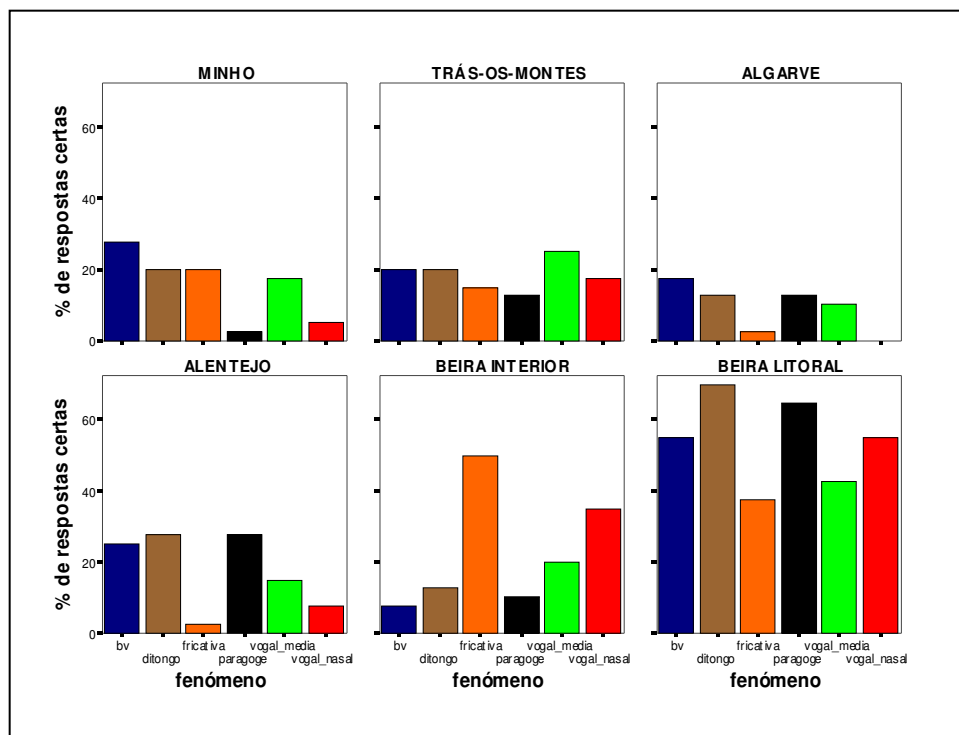


Figura 12: Percentagem de respostas certas, para cada um dos fenómenos fonéticos, por região. As barras referem-se, da esquerda para a direita, aos seguintes fenómenos: 1) ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/; 2) monotongação do ditongo [6j]; 3) existência de um sistema de quatro sibilantes; 4) existência de um [i] paragógico; 5) abertura da vogal [e]/[o] e, por último, 6) abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal).

Nas regiões dialectais do Minho e do Algarve, a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ foi o *item* que alcançou um maior número de respostas correctas (28% e 18%, respectivamente). Em relação ao dialecto de Trás-os-Montes, o fenómeno fonético que obteve mais respostas certas foi a abertura da vogal [e]/[o] (25%). A monotongação do ditongo [6j] e a existência de um [i] paragógico foram os fenómenos fonéticos que obtiveram uma maior percentagem de respostas correctas, na região do Alentejo (28%). A existência de um sistema de quatro sibilantes surge como o fenómeno fonético determinante para a identificação do dialecto da Beira Interior sendo, igualmente, aquele que obteve o maior número de acertos (50% das palavras seleccionadas para o estudo do sistema de sibilantes foram identificadas, correctamente, pelos ouvintes). O dialecto da Beira Litoral é o que apresenta a maior percentagem de respostas certas, em cada um dos fenómenos, sendo a

monotongação de [6j] (70%) e a existência de um [i] paragógico (65%), realizações atípicas deste dialecto, as que reuniram um maior número de identificações correctas.

Todos os dialectos apresentam um fenómeno fonético com um maior número de respostas correctas mas as percentagens andam bastante próximas, como deixa antever a Figura 13. Esta inclui gráficos de barras, com intervalos de confiança referentes às médias das respostas correctas, para todos os fenómenos fonéticos e para cada uma das regiões dialectais. O facto de os limites dos diferentes intervalos de confiança se sobreporem não permite considerar a existência de um fenómeno fonético determinante para a distinção das diferentes regiões dialectais, embora se registem pequenas variações nos valores obtidos.

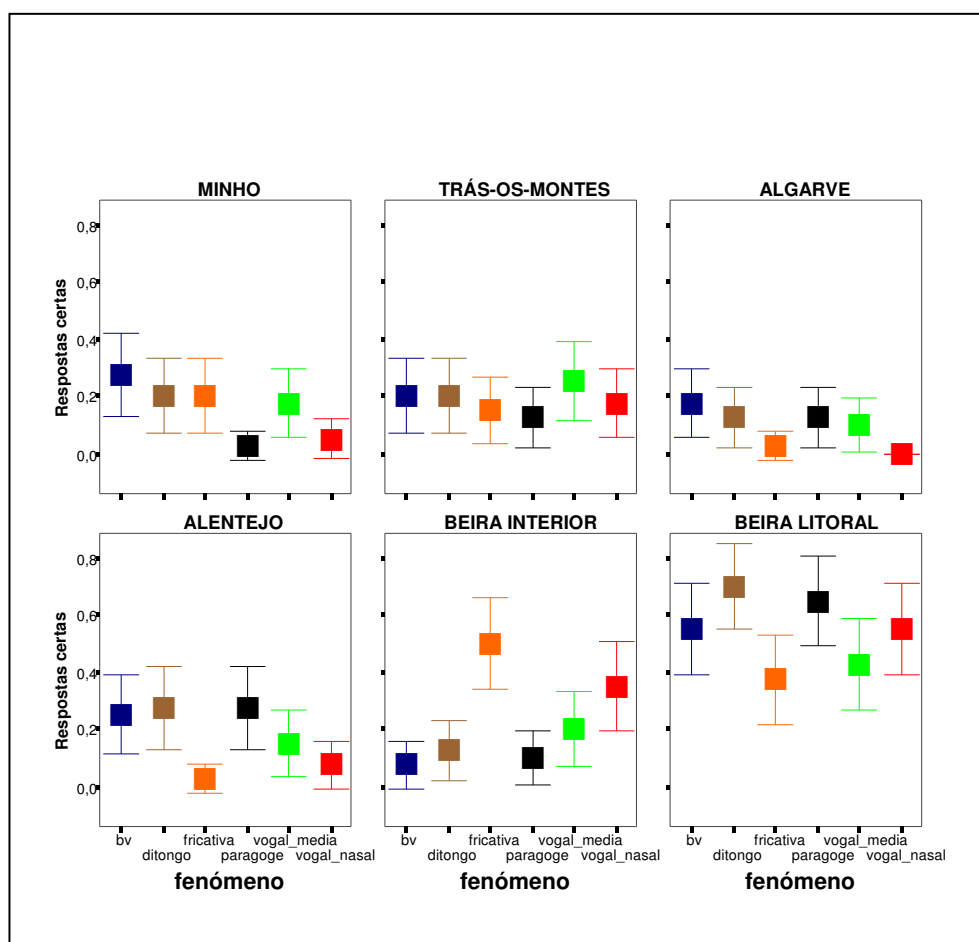


Figura 13: Gráficos de barras com os intervalos de confiança de 95%, referentes à média das respostas correctas, por regiões, para cada um dos fenómenos (as barras apresentadas, da esquerda para a direita, referem-se aos fenómenos: 1) ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/; 2) monotongação do ditongo [6j]; 3) existência de um sistema de quatro sibilantes; 4) existência de um [i] paragógico; 5) abertura da vogal [e]/[o] e, por fim, 6) abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal).

Considerou-se, ainda, a totalidade de respostas certas de cada uma das regiões dialectais. Dentro delas, determinou-se a percentagem de acertos para cada um dos fenómenos. A Figura 14 inclui os gráficos com os resultados obtidos.

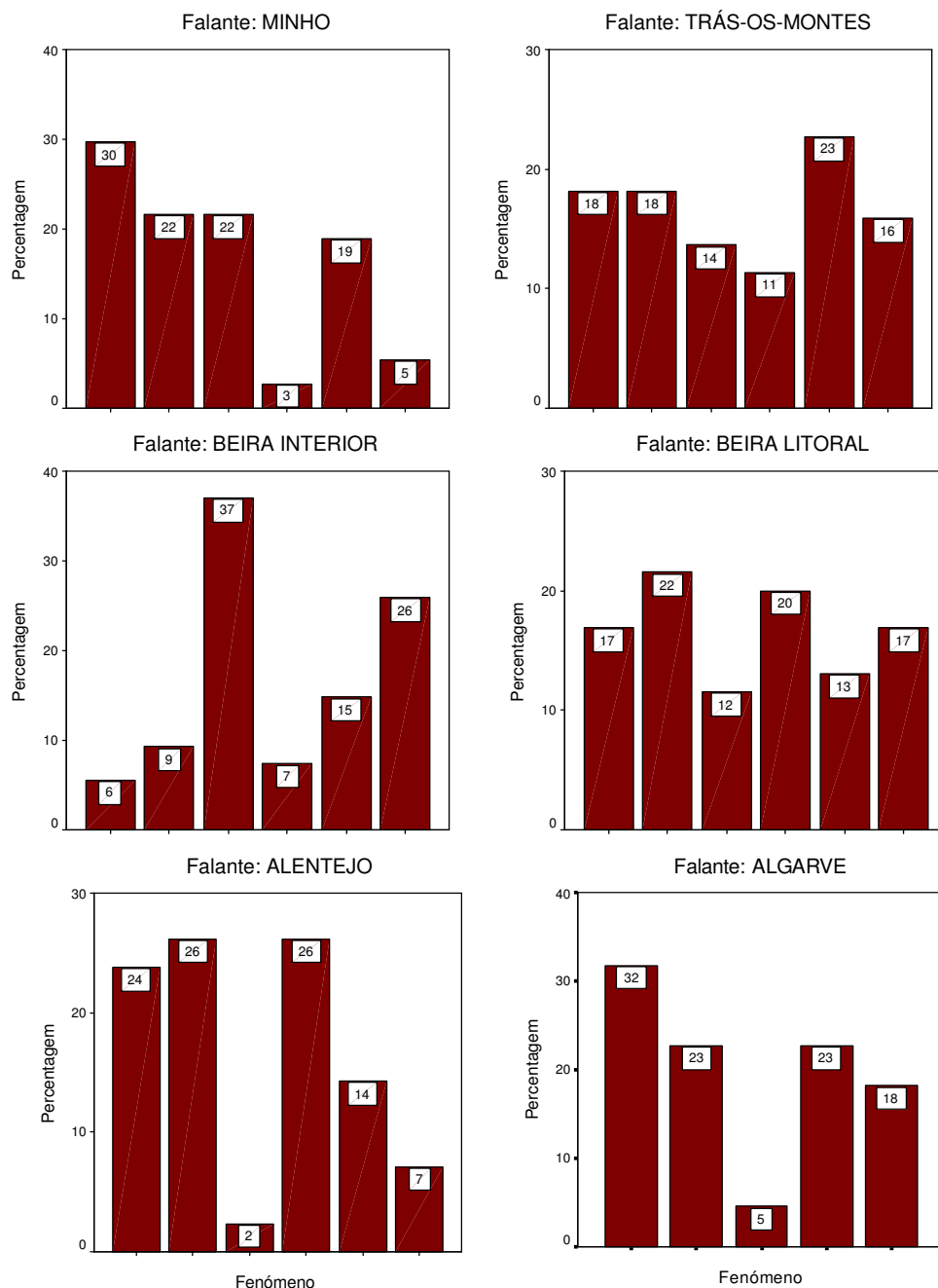


Figura 14: Distribuição da percentagem total de respostas certas, por cada um dos fenómenos fonéticos, tendo em conta a região do informante e a resposta dada pelo ouvinte (as barras representam, da esquerda para a direita, os seguintes fenómenos: 1) ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/; 2) monotongação do ditongo [ɔj]; 3) existência de um sistema de quatro sibilantes; 4) existência de um [i] paragógico; 5) abertura da vogal [e]/[o] e 6) abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal). No gráfico da região do Algarve, não surge representada a barra referente ao sexto fenómeno fonético porque o mesmo não obteve qualquer resposta correcta.

Por último, obtiveram-se resultados relativos ao desempenho dos ouvintes, durante a realização da tarefa. Uma vez que o grupo incluía indivíduos detentores de formação, na área da Linguística, pretendeu-se verificar se essa formação influenciou ou não a categorização dos estímulos. A Figura 15 apresenta os gráficos de barras, com intervalos de confiança, relativos ao desempenho dos dois grupos de ouvintes que participaram no teste. Esses intervalos referem-se à média de respostas correctas dadas pelos linguistas e pelos detentores de formação noutras áreas científicas.

O primeiro grupo atrás referido obteve um número médio de respostas correctas mais elevado, apesar de a diferença entre os dois grupos não ser acentuada. Essa sobreposição dos valores médios obtidos (24,5%, para os detentores de formação na área da Linguística, *versus* 21,5%, para o grupo de indivíduos com formação noutras áreas) evidencia-se no comprimento das barras que representam os valores mínimo e máximo dos intervalos de confiança para a média de acertos dos dois grupos. Na verdade, o valor mais baixo do intervalo do grupo dos linguistas está compreendido no intervalo de confiança apurado para o grupo dos não-linguistas. Os valores extremos surgem representados pelas linhas horizontais.

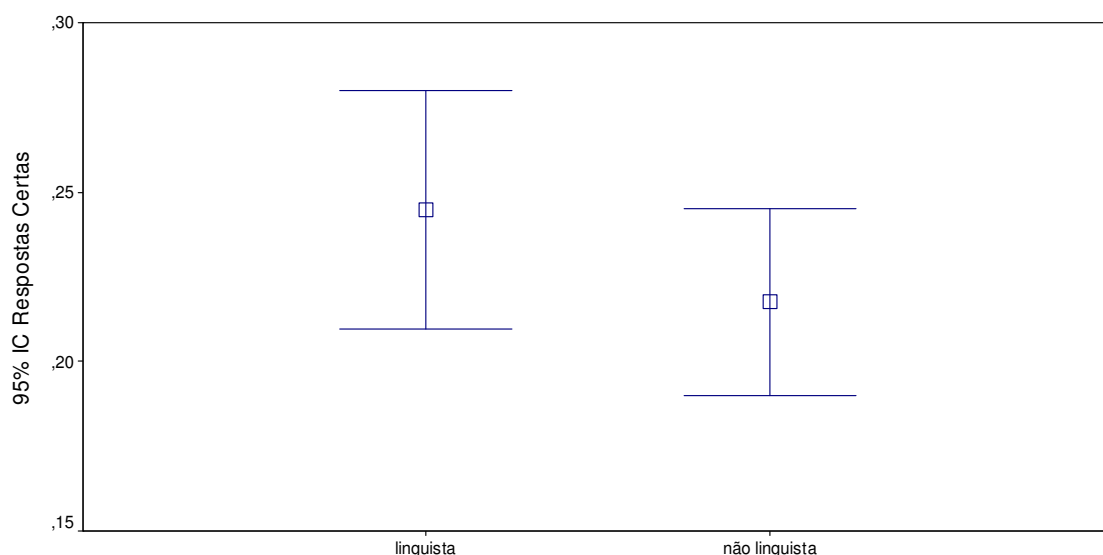


Figura 15: Gráficos de barras, com os intervalos de confiança de 95%, relativos à média de respostas certas, nos dois grupos de ouvintes intervenientes no teste de identificação.

3.5 – Discussão

À semelhança do que aconteceu em estudos realizados com outros idiomas, os ouvintes conseguem distinguir um dialecto diferente do seu. Contudo, essa *performance* não apresenta percentagens de acertos muito elevadas e varia consoante a língua, o perfil dos ouvintes e o tipo de teste utilizado na categorização perceptual dos diferentes dialectos (Clopper, 2004; Clopper e Pisoni, 2004; Clopper e Pisoni, 2005; Kerswill e Williams, 2002).

A percentagem de respostas certas, no teste perceptual de identificação, realizado no âmbito deste trabalho, foi 22,8%, como ilustra a Figura 9, valor que não se afasta grandemente do obtido por Clopper e Pisoni (2004), para o Inglês Americano, que rondou os 31% ou por Clopper (2004), que não foi além dos 26%²⁰. Apesar de ser um valor baixo, situa-se acima dos 16,7%, resultado-base, que seria obtido se as respostas fossem dadas ao acaso, para um teste em que eram propostas seis regiões dialectais. Contudo, se olharmos para cada uma delas, individualmente, as percentagens obtidas para os dialectos do Algarve (9,2%) e do Minho (15,4%) encontram-se abaixo desse valor crítico. Os resultados apurados para as regiões dialectais do Alentejo e de Trás-os-Montes encontram-se no limiar desse valor (com 17,5% e 18,3%, respectivamente) e somente as Beiras Interior (22,5%) e Litoral (54,2%) obtiveram um número de respostas correctas claramente acima dessa percentagem de referência, com uma nítida vantagem para esta última região dialectal.

Durante a realização do teste, os ouvintes evidenciaram alguma dificuldade em ajuizar sobre qual seria o dialecto do falante que produzia cada um dos *ítems* do *corpus*. Tal dificuldade traduziu-se na audição repetida de alguns estímulos apresentados, antes da resposta à questão formulada.

²⁰Antes de explicitar a metodologia utilizada na elaboração e na implementação de um teste perceptual, com o objectivo de avaliar a percepção de seis áreas dialectais dos Estados Unidos da América, Clopper alude a um conjunto de estudos, centrado na categorização dos dialectos, realizado em países como os E.U.A, a Holanda e o Reino Unido. A autora salienta a importância de variáveis como a idade e a história residencial dos indivíduos, na percepção das variantes regionais de uma língua. As diferentes metodologias adoptadas, aquando da realização dos testes, o perfil dos ouvintes e as características dos *corpora* originam percentagens de respostas certas bastante díspares (Clopper, 2004, p. 85-98). Em trabalho mais recente, realizado em co-autoria com Pisoni, Clopper apresenta outros valores obtidos, em testes de categorização perceptual de variantes dialectais do Inglês e do Holandês (Clopper e Pisoni, 2005).

Os resultados obtidos, e sistematizados na Tabela III, permitem concluir que o dialecto do Algarve apareceu como o mais difícil de identificar (9,2% de respostas certas), sendo confundido, essencialmente, com as variantes dialectais de Trás-os-Montes (20,8%) e da Beira Litoral (24,6%). A oposição fonológica entre /b/ e /v/ surge como um fenómeno fonético importante para a identificação do dialecto algarvio, (cerca de 32% de respostas correctas, de acordo com a Figura 14) porque, no Algarve, se verifica a existência dessa oposição. A monotongação do ditongo [6j] e a existência de um [i] paragógico revelaram-se importantes para a identificação correcta das realizações fonéticas desta região dialectal do Sul do país. A importância assumida por estes dois últimos fenómenos corrobora as ideias enunciadas nos estudos de dialectologia, realizados para o PE continental, que realçam o facto de se tratarem de características próprias dos falares meridionais (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983), 1983; Segura da Cruz, 1991; Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)).

As realizações fonéticas relativas ao informante do Minho obtiveram 15,4% de respostas certas, conforme os resultados insertos na Tabela III, o que fez deste dialecto o segundo mais difícil de identificar, pelos ouvintes recrutados para este teste. Os resultados realçam a importância assumida pela existência da ausência da oposição fonológica entre /b/ e /v/, própria desta região dialectal, sistematicamente referida nos estudos dialectológicos (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983); Vasconcellos, 1901 (1987); Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)), que contribuiu com 30% para o número total de identificações correctas. Para além desta característica, os ouvintes consideraram a realização do ditongo [6j] (que, no Minho, geralmente, não sofre redução) e a manutenção de um sistema complexo de quatro sibilantes, existente em algumas regiões minhotas (Cintra, 1971 (1983); Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)), como traços relevantes para a identificação deste dialecto²¹.

A maior abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal, vulgarmente descrita na literatura dialectológica como típica do Minho (Boléo e Silva, 1961, (1974); Cintra, 1971 (1983); Vázquez Cuesta e Mendes

²¹ Os autores restringem a existência desse sistema de quatro sibilantes ao Alto Minho, região em que se insere a localidade do informante (Sequeiros).

da Luz, 1971 (1980)), não se revelou pertinente para a distinção deste dialecto, nesta avaliação perceptual.

O dialecto do Alentejo, com 17,5% de identificações correctas, foi o terceiro mais difícil de identificar. Os ouvintes categorizaram 20,4% dos estímulos produzidos por um informante alentejano como próprios do falante do Algarve. A monotongação do ditongo [6j] e a existência de um [i] paragógico foram as particularidades fonéticas que mais contribuíram para a identificação das produções do informante alentejano. A existência destas realizações, em toda a região meridional (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983), 1983; Segura da Cruz, 1991; Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)) pode explicar a confusão existente entre o dialecto do Alentejo e o do Algarve, patente nos valores constantes da Tabela III.

Em relação ao dialecto de Trás-os-Montes, registaram-se 18,3% de respostas certas. Na identificação deste dialecto, o fenómeno fonético mais importante foi a maior abertura da vogal [e]/[o], cuja relevância já fora apontada por Paiva Boléo e M. H. S. Silva (1961 (1974)). A ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, característica do Norte, e a monotongação do ditongo [6j], que, geralmente, não se verifica nesta região, foram, também, fenómenos fonéticos considerados pelos ouvintes, ainda que por razões diferentes. O primeiro surge-nos como característico da região trasmontana; o segundo, estranho àquela área geográfica, fez com que os ouvintes descartassem outras hipóteses oferecidas na interface do teste, pois a sua consciência dialectal fê-los escolher esta região por entenderem que o fenómeno é típico de outro dialecto.

O dialecto da Beira Interior enquadra-se já no grupo dos mais facilmente identificados, com 22,5% de respostas certas. Ainda assim, surge confundido com o dialecto de Trás-os-Montes (com 23,8% de respostas – vide Tabela III), região geograficamente contígua, com algumas características fonéticas comuns, como a pronúncia das consoantes fricativas e a vulgarmente designada «troca do v pelo b» (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983); Segura da Cruz, 1991; Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)). A manutenção de um sistema complexo de quatro sibilantes contribuiu, de longe, para a identificação do dialecto da Beira Interior, reunindo 37% das respostas correctamente dadas pelos ouvintes.

A Beira Litoral obteve 54% de respostas certas, sendo a região que melhor se distinguiu das outras. De acordo com a sua história residencial, como apontam

Clopper (2004), Kerswill e Williams (2002) e Nielsen e Hay (2006) os ouvintes identificam, com maior facilidade, os falantes da sua região dialectal, em detrimento daqueles que são originários de uma região diferente. Explica-se, assim, a hegemonia da Beira Litoral, no que diz respeito ao número de identificações: todos os ouvintes recrutados para o teste de percepção nasceram e residiram, sempre, nas regiões da Beira Litoral, tendo um contacto esporádico com as outras variantes dialectais do PE continental.

Os resultados obtidos parecem confirmar a existência, na consciência dos ouvintes, de um leque de estereótipos que os leva a associar uma realização fonética a determinada região. São esses estereótipos que mais facilitam a categorização dialectal e, consequentemente, a identificação de um determinado dialecto. Atente-se, por exemplo, no que acontece com a presença da ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, no Minho, e com a existência dessa oposição, no Algarve, ou com a permanência do sistema de quatro sibilantes, na Beira Interior, fenómenos fonéticos que mais contribuíram para a identificação dos dialectos dessas regiões. Determinados fenómenos, por serem menos referidos e menos divulgados, apresentam, na consciência dialectal dos ouvintes recrutados, uma menor funcionalidade distintiva e, por isso, não são convocados aquando da categorização perceptual. Outros, porque se tratam de estereótipos, são convocados com frequência e com um duplo estatuto: permitem caracterizar uma região, quer quando estão presentes nas realizações dos informantes, quer quando não estão. Quando se encontram ausentes, o ouvinte exclui as regiões em que a realização seria esperada e opta por uma em que a realização ouvida seria possível.

Os resultados deste estudo parecem reforçar a pertinência da designação «variante central do PE», proposta por Peres e Mória (1995): «central» porque é o Português falado no litoral centro do país; «central», também, porque goza de um estatuto privilegiado relativamente às outras, que em torno de si gravitam, apresentando, em relação a ela, um maior ou menor grau de afastamento. As respostas dadas, neste teste perceptual, permitem equacionar a possibilidade de essa variante central do PE se encontrar num processo de expansão, que, consequentemente, originará a retracção de outras variantes. Com efeito, todas as realizações consideradas como menos marcadas, ou seja, aquelas em que se verifica

a ausência de variação (as que se caracterizaram pela ausência de estereótipos) foram rotuladas como pertencentes à Beira Litoral.

Quando se procedeu à revisão bibliográfica dos estudos de dialectologia, relativos ao PE falado no continente, no capítulo inaugural, aludiu-se ao facto de a variante dialectal da Beira Litoral ser a que apresenta o menor leque de particularidades fonéticas, face ao dialecto padrão (Cintra, 1971 (1983); Vázquez Cuesta, 1971(1980)). Ao referirem-se ao «falar do Baixo Vouga e Mondego», Paiva Boléo e Maria H. S. Silva (1961 (1974)) salientam o carácter pouco marcado do mesmo, quando confrontado com o dialecto padrão do PE²². Assim, a variante central do PE, geralmente definida como aquela que é sustentada pelos grupos mais escolarizados de uma faixa do litoral-centro, compreendida entre Lisboa e Coimbra, parece apresentar a tendência para o alargamento do seu âmbito geográfico, devido, por um lado, ao poder uniformizador da comunicação social e do sistema de ensino e, por outro, à melhoria das acessibilidades, que potencia a mobilidade dos indivíduos e o acesso mais rápido a determinados bens e eventos culturais. Os resultados deste teste de percepção parecem confirmar o facto de a região da Beira Litoral ser identificada «pela negativa», ou seja, pela ausência de fenómenos fonéticos específicos, aproximando-se, assim, do dialecto padrão ou tendendo a integrá-lo.

Se as realizações fonéticas da Beira Litoral tendem a aproximar-se das da variante central do PE continental, as da Beira Interior distanciam-se do dialecto padrão e de outros dialectos, devido às especificidades que ocorrem na pronúncia das sibilantes, fenómeno que Lindley Cintra (1971 (1983)) elege como o que distingue um falante setentrional de um meridional. No âmbito deste estudo perceptual, o sistema de quatro sibilantes assumiu-se - já se referiu - como a característica mais importante na distinção do dialecto da Beira Interior.

Os resultados apontam, ainda, para a possibilidade de se olhar para as Beiras como uma área de transição, como argüem Vasconcellos (1901 (1987)), Boléo e Silva (1961 (1974)), Cintra (1971 (1983)) e Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1971 (1980)), em que co-habitam realizações específicas do Sul com as do Norte e em que a manutenção do sistema de quatro sibilantes parece assumir-se como um fenómeno

²² Estudos realizados por Moutinho *et al.* (2004; 2005) atestam, igualmente, o carácter pouco marcado da região da Beira Litoral, em termos prosódicos.

que distingue o interior (mais conservador, porque mais isolado) do litoral (mais inovador, porque mais permeável).

Considerando a totalidade dos fenómenos fonéticos seleccionados, nenhum deles apresentou um número de respostas correctas estatisticamente relevante, conforme ilustra a Figura 13, embora, como já se referiu, em todas as regiões dialectais seja possível destacar um fenómeno que as individualiza. Os intervalos de confiança da média das respostas certas, em cada uma das regiões, para cada um dos fenómenos fonéticos, mostraram a existência de uma sobreposição das médias obtidas, embora a pronúncia das sibilantes, na Beira Interior, apresente um intervalo de confiança com valores médios mais elevados. Esse valor, contudo, no seu limite inferior, «toca» os limites superiores dos intervalos de confiança dos fenómenos «abertura da vogal [e]/[o]» e «abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal».

Tendo em conta o número total de respostas certas, o fenómeno designado como monotongação do ditongo [6j] foi o que mais contribuiu para a identificação correcta dos diferentes dialectos, pois a manutenção do ditongo, própria do Norte, ou a redução do mesmo a [e], característica do Sul, assumiram um papel importante na consciência dialectal dos ouvintes. Estes identificaram, correctamente, 19,8% das realizações fonéticas que incluíam palavras que permitissem avaliar a importância deste fenómeno, na percepção dos diferentes dialectos do PE, falados em Portugal Continental. Apesar dessa percentagem ser estatisticamente baixa, ultrapassa o valor de 16,7%, quociente resultante da divisão equitativa do número de respostas pelos seis fenómenos estudados.

A formação na área da Linguística não se revelou determinante para a categorização dos dialectos, uma vez que a diferença existente entre o número de respostas certas do grupo dos linguistas e dos não-linguistas não regista um valor elevado, conforme ilustra a Figura 15. Ainda assim, o grupo dos linguistas registou um valor médio de respostas certas superior ao dos outros indivíduos (24,5% *versus* 21,5%). Apesar de as diferenças entre os dois grupos não serem acentuadas, este parece indiciar o facto de a experiência linguística dos ouvintes poder influenciar a correcta categorização dos dialectos. O facto de ambos os grupos serem constituídos por indivíduos com formação académica de nível superior e as consequências que daí

advêm, como o acesso a determinados bens culturais, poderá ter contribuído para que a diferença existente entre os dois grupos não fosse acentuada.

3.6 – Considerações finais

A análise dos resultados permitiu concluir que a região dialectal mais facilmente reconhecida, no teste de identificação, foi a Beira Litoral. O facto de se tratar de uma região menos marcada, foneticamente, e de os ouvintes serem falantes do dialecto dessa área geográfica pode justificar os resultados obtidos, pois a história residencial do ouvinte tende a condicionar a categorização dos dialectos (Clopper, 2004; Kerswill e Williams, 2002).

A pronúncia dos sons sibilantes revelou-se pertinente para a identificação do dialecto da Beira Interior. O ditongo [6j] assumiu um papel importante na distinção das diferentes regiões, com o conjunto de *itens* fonéticos que o incluía a obter a maior percentagem de respostas correctas, quando se considera a totalidade dos estímulos identificados correctamente. Os dois fenómenos referidos parecem estabelecer uma fronteira entre o Norte e o Sul, no caso da realização do ditongo, e entre o Norte e o Sul e o litoral e o interior, no caso do sistema de quatro sibilantes. Estes resultados sugerem que os ouvintes têm conhecimentos sobre, pelo menos, um fenómeno que permite distinguir os falantes das regiões do Norte e do Sul de Portugal Continental, sendo o mais representativo a monotongação (ou a realização plena) do ditongo, representado pelo dígrafo <ei>.

O facto de o *corpus* seleccionado para o teste não ter sido concebido, de raiz, para avaliar a importância dos diferentes fenómenos fonéticos, na categorização perceptual dos dialectos do PE continental, pode justificar a baixa percentagem de respostas certas, para a generalidade dos dialectos/regiões.

Os resultados obtidos e as dificuldades manifestadas pelos ouvintes reclamaram a concepção e a aplicação de outro tipo de teste (um teste de discriminação), a um público detentor de um perfil diferente, com o objectivo de avaliar, com maior acuidade, a consciência dialectal, no PE do continente, e a importância dos fenómenos fonéticos seleccionados.

4. Teste de discriminação

4.1 - Material linguístico seleccionado

Com o teste de discriminação pretendeu-se que o ouvinte indicasse se os dois estímulos ouvidos que constituíam cada par correspondiam ou não a realizações fonéticas de informantes da mesma região.

Para a elaboração do teste de discriminação (em Inglês, «perceived difference», i. e. «diferença percebida», expressão que traduz, de forma clara, a tarefa solicitada e o tipo de juízo requerido ao ouvinte), procedeu-se à selecção de um novo conjunto de palavras, partindo do *corpus* mais vasto, atrás caracterizado e apresentado em anexo (Anexo 2). A Tabela IV inclui a lista de palavras escolhidas para o teste perceptual de discriminação, de acordo com os fenómenos fonéticos que emolduram este trabalho.

Tabela IV Lista de palavras incluídas no teste e fenómeno fonético considerado.	
Fenómenos	Palavras
ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/.	vinte vindima banco
monotongação do ditongo [6j].	pandeireta bandeira bombeiro
existência de um sistema de quatro sibilantes [S], [Z]; [s] e [z].	segunda província cinzento
existência de um [i] paragógico.	pintor limpar pincel
abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal.	pente ponte campo
abertura da vogal [e] / [o].	capacete mentiroso tambor

4.2 – Construção do teste

Os procedimentos adoptados na construção do teste de discriminação foram idênticos aos já explicitados no ponto 3, para o teste de identificação. Assim, foi necessário proceder à escolha dos ficheiros de som, à sua conversão e normalização e elaborar a interface com o utilizador.

A maior complexidade subjacente à elaboração deste tipo de teste implicou o recurso ao programa *Microsoft Office Excel* para construir uma tabela com a informação que o mesmo requeria. Essa tabela permitiu a utilização dos dados, nas diferentes linguagens de programação a que se lançou mão, durante a construção do teste (*MS-DOS* e *Tcl/Tk*), simplificando algumas tarefas que, de outra forma, seriam demasiado morosas. Os dados constantes desse documento permitiram, igualmente, o processamento mais rigoroso dos resultados e a sua exportação para o *software* estatístico utilizado.

A tabela incluiu a designação do fenómeno fonético a estudar e a palavra passível de o materializar. Para cada um dos fenómenos fonéticos, seleccionaram-se as três palavras já apresentadas na Tabela IV. Na elaboração da tabela incluiu-se, também, a referência a cada uma das regiões, as iniciais identificadoras de cada informante (por exemplo, «als») e o código referente a cada um dos ficheiros de som («alsT08I06r1.wav», por exemplo). A última coluna apresentava informação referente à região, ao informante e ao fenómeno fonético em estudo (por exemplo, «beira-litoral prq paragoge»). A tabela integral surge apresentada em anexo (Anexo 3) e, em baixo, na Tabela V, é possível ver um pormenor da mesma, referente ao par palavra-fenómeno *limpar-paragoge*.

Tabela V					
Pormenor da tabela elaborada para a sistematização dos dados necessários à concepção do teste de discriminação.					
fenómeno	paragoge				
palavra	limpar	T08I06			
1	beira-litoral	prq	r1	prqT08I06r1.wav	beira-litoral prq paragoge
2	beira-litoral	clr	r1	clrT08I06r1.wav	beira-litoral clr paragoge
3	trás-os-montes	dro	r1	droT08I06r1.wav	trás-os-montes dro paragoge
4	minho	als	r1	alsT08I06r1.wav	minho als paragoge
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT08I06r1.wav	beira-interior jrd paragoge
6	alentejo	jqm	r1	jqmT08I06r1.wav	alentejo jqm paragoge
7	algarve	jlm	r1	jlmT08I06r1.wav	algarve jlm paragoge

Todos os *itens* surgem no teste de percepção pronunciados por informantes das seis regiões. Para além disso, cada palavra surge realizada uma sétima vez, por um outro informante de uma das regiões. Desta forma, o programa pôde processar pares de estímulos com indivíduos da mesma região e, claro, com falantes de dialectos diferentes. Aos seis informantes seleccionados, para cada uma das regiões, no primeiro teste, juntaram-se, agora, realizações de um segundo locutor, de cada dialecto. O perfil de todos os falantes surge sintetizado na Tabela VI.

Tabela VI					
Perfil dos informantes seleccionados para o <i>corpus</i> do teste de discriminação					
Nome	Idade	Sexo	Nível de escolaridade	Local de Origem	Região
JQM	42	M	frequência 5º ano	S. Miguel de Machede	Alentejo
JSD	78	M	não sabe ler	Vila Viçosa	Alentejo
JLM	69	M	4ª classe	Vale de Parra	Algarve
APM	81	M	só sabe assinar o nome	S. Bartolomeu de Messines	Algarve
JRD	82	M	3ª classe/4ª classe adulto	S. Pedro do Sul	Beira Interior
JLZ	64	M	6º ano	S. Pedro do Sul	Beira Interior
PRQ	33	M	9º ano inacabado	Aveiro	Beira Litoral
CLR	52	M	6º ano	Aveiro	Beira Litoral
ALS	61	M	4ª classe	Sequeiros	Minho
ALD	61	M	4ª classe	Salamonde	Minho
DRO	81	M	4ª classe	Podence	Trás-os-Montes
APC	35	M	7º ano	Podence	Trás-os-Montes

Os 126 ficheiros de som seleccionados foram colocados num directório e, de seguida, o programa utilizado na construção do teste criou os pares de estímulos, as repetições necessárias (duas, neste caso), baralhou a ordem de apresentação, reproduziu os estímulos e guardou os resultados para que fosse possível efectuar, posteriormente, o seu processamento.

Configurou-se uma interface com características e funcionalidades idênticas à do teste de identificação, ainda que com as especificidades decorrentes da tipologia

de teste adoptada. Na interface deste teste, eram apresentadas duas hipóteses de resposta («Não» e «Sim») para a pergunta «São da mesma região?». Tal como acontecia no teste de identificação, o ouvinte tinha a possibilidade de ouvir o estímulo as vezes que entendesse e só depois de responder à questão formulada é que o computador reproduzia o par de estímulos seguinte. Não se impôs qualquer limite de tempo para o cumprimento da tarefa. A Figura 16 ilustra a interface concebida para o teste que foi aplicado.

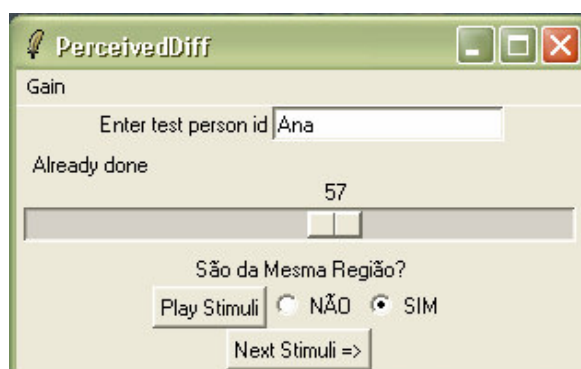


Figura 16: Interface criada para o teste de discriminação.

4.3 – Aplicação do teste

O teste foi realizado, individualmente, no Laboratório de Fonética do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, em condições de baixo ruído e utilizando auscultadores. Recrutaram-se cinco alunos do curso de licenciatura em Terapia da Fala, da Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro, com idades compreendidas entre os 20 e os 22 anos, sem problemas de audição, provenientes das regiões do Minho, de Trás-os-Montes, da Beira Litoral, dos Açores e da Madeira. O recrutamento deste grupo procurou contemplar ouvintes de regiões representadas no *corpus* e outros, falantes de dialectos nele não contemplados. À homogeneidade característica do grupo de ouvintes do teste de identificação, contrapôs-se a heterogeneidade deste conjunto de ouvintes. Esta opção metodológica visou aquilatar de que forma a proveniência do ouvinte pode ou não

determinar a discriminação das variantes dialectais com que é confrontado. A realização do teste contou com a supervisão de alguém com formação em Linguística.

4.4 – Resultados

Obtiveram-se 1080 respostas dos intervenientes no teste (108 pares de estímulos X 2 repetições X 5 ouvintes). O processamento dos resultados iniciou-se com o apuramento da consistência das respostas, utilizando o programa *Matlab*. O ouvinte da Madeira foi o mais consistente (78,7%), sendo o de Trás-os-Montes aquele que apresentou valores mais baixos na consistência das suas respostas (66,67%). O valor médio obtido, para os cinco intervenientes no teste, foi 72,96%, com um desvio-padrão de 4,6%. A Tabela VII sintetiza os resultados dessa análise preliminar dos dados.

Tabela VII	
Consistência das respostas dos ouvintes.	
Região do Ouvinte	Valor obtido (em %)
Minho	75,00
Beira Litoral	74,07
Madeira	78,70
Trás-os-Montes	66.67
Açores	70.37
<u>Média</u>	72,96 (4,60)

Para além da consistência, para cada um dos ouvintes, calculou-se, o valor da consistência das respostas inter-ouvintes (*judge to judge*), utilizando o coeficiente de correlação ϕ (phi), que permite verificar a associação existente entre duas variáveis dicotómicas (com a possibilidade de resposta *Sim* e *Não*, no caso do teste aplicado). A média obtida, através desse cálculo, foi 0.222, valor próximo de zero, que comprova o facto de as respostas dadas apresentarem diferenças consideráveis, havendo, por isso, entre elas, uma baixa correlação. Esse valor dá-nos a confiança apenas para um dos ouvintes (representado, matematicamente, pela letra *r*), sendo necessário

calcular o valor para n ouvintes, ou seja, para a sua totalidade. Para apurar esse valor, designado por confiança efectiva, utilizou-se a fórmula de Spearman-Brown a seguir apresentada:

$$reliability = \frac{n \times r}{1 + (n-1)r}$$

O valor obtido foi 0.58, podendo considerar-se satisfatório, dado o número reduzido de ouvintes. Os valores atrás apresentados conferem validade aos resultados do teste. Das 1080 respostas, 644 foram correctas e 436 incorrectas. Os valores percentuais correspondentes aos números atrás referidos encontram-se representados, graficamente, na Figura 17.

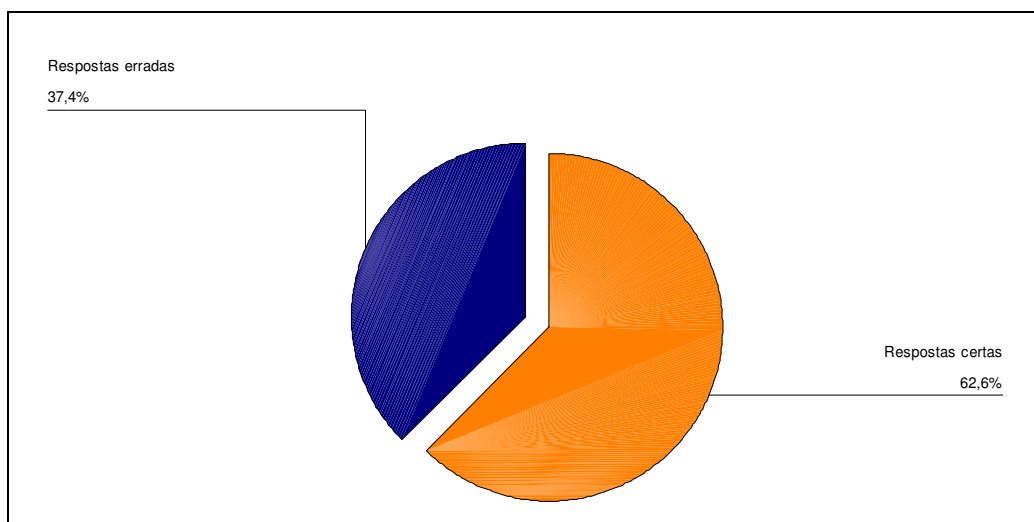


Figura 17: Percentagem total de respostas certas e erradas.

A Figura 18 ilustra a distribuição das respostas certas e erradas, tendo em conta a natureza dos estímulos apresentados. A percentagem de respostas certas foi maior do que a de respostas erradas, quer quando os estímulos apresentados pertenciam a regiões diferentes, quer quando pertenciam a informantes do mesmo dialecto. Os ouvintes consideraram mais fácil a discriminação dos pares de estímulos que incluíam realizações fonéticas de informantes pertencentes a regiões diferentes (63,3% de respostas correctas).

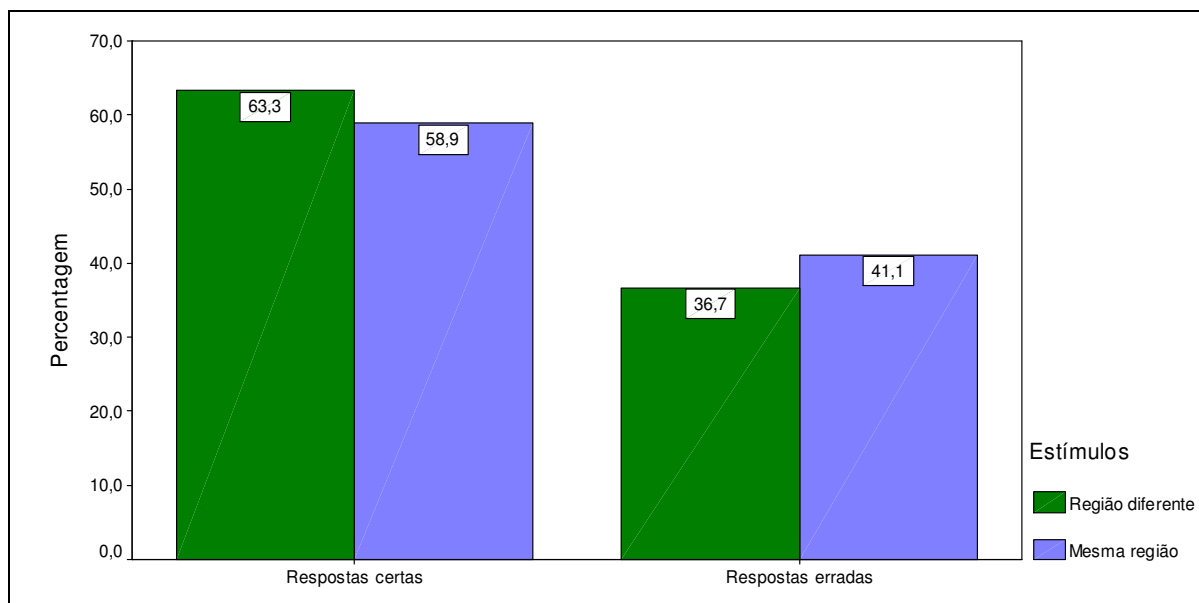


Figura 18: Percentagens de respostas certas e erradas, tendo em conta a região de cada um dos elementos constitutivos dos pares de estímulos apresentados.

O número total de respostas certas e a sua distribuição, pelos seis fenómenos fonéticos que têm vindo a ser estudados, permite verificar que as palavras susceptíveis de incluir a pronúncia monotongada do ditongo [6j] obtiveram uma maior percentagem de acertos (19,1%). A ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ e a produção das vogais nasais ou seguidas de consoante nasal foram fenómenos fonéticos que registaram, igualmente, percentagens de respostas correctas mais elevadas (18,8% e 17,1%, respectivamente). Estes valores, apesar de serem pobres, do ponto de vista estatístico, situam-se acima do valor crítico esperado (16,7%). A Figura 19 inclui a representação gráfica dos resultados obtidos.

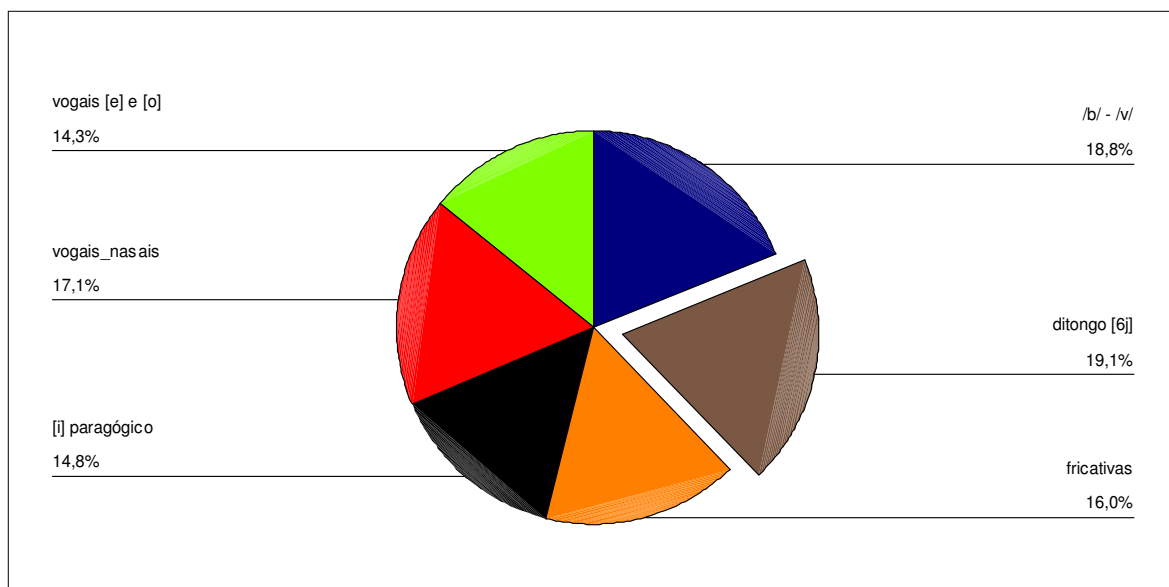


Figura 19: Distribuição da percentagem de respostas certas, por cada fenómeno fonético.

Apuraram-se, igualmente, as percentagens de respostas correctas, para cada um dos seis fenómenos fonéticos. As palavras em que pode ocorrer a ausência/presença de oposição fonológica entre /b/ e /v/ foram as que registaram uma maior percentagem de respostas correctas (80,6%). Os vocábulos em que pode ocorrer a monotongação do ditongo [6j] obtiveram uma percentagem de respostas correctas que ultrapassou os 68% (68,3%). A maior abertura das vogais [e] e [o] foi o fenómeno fonético que obteve mais respostas erradas, revelando-se menos útil, na identificação das variantes dialectais. Os valores obtidos encontram-se representados no gráfico da Figura 20.

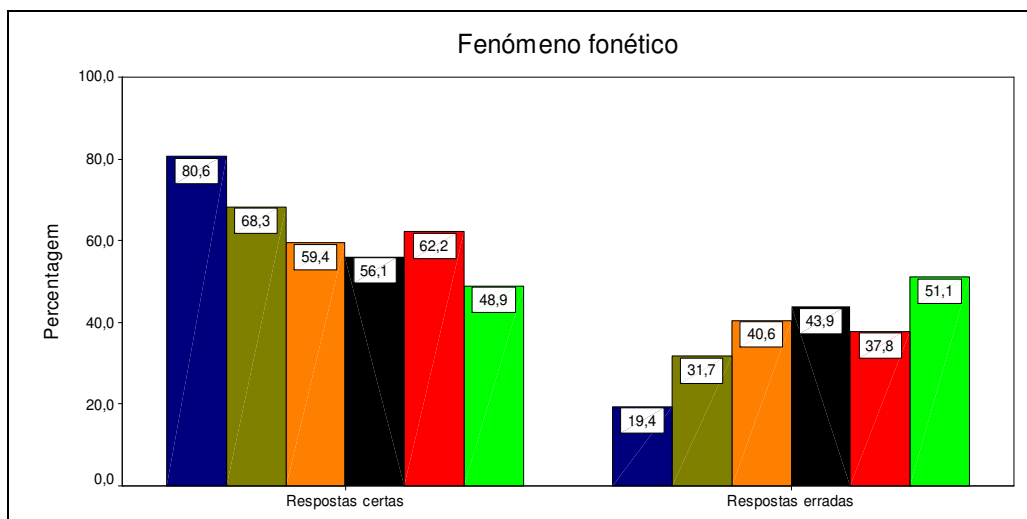


Figura 20: Percentagem de respostas certas e erradas, para cada um dos seis fenómenos. Da esquerda para a direita, as barras referem-se à: 1) ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/; 2) monotongação do ditongo [ɔj]; 3) existência de um sistema de quatro sibilantes; 4) existência de um [i] paragógico; 5) abertura das vogais tónicas nasais ou das vogais tónicas seguidas de consoante nasal e, por último, 6) abertura da vogal [e]/[o]).

De seguida, determinou-se qual o fenómeno fonético que mais contribuiu para a distinção das diferentes regiões dialectais. Adoptaram-se procedimentos estatísticos que permitiram determinar qual a importância distintiva dos fenómenos, quer quando os dois estímulos eram da mesma região, quer quando pertenciam a regiões diferentes. A Figura 21 ilustra os resultados obtidos para os pares de estímulos que incluíam *itens* realizados por informantes do mesmo dialecto.

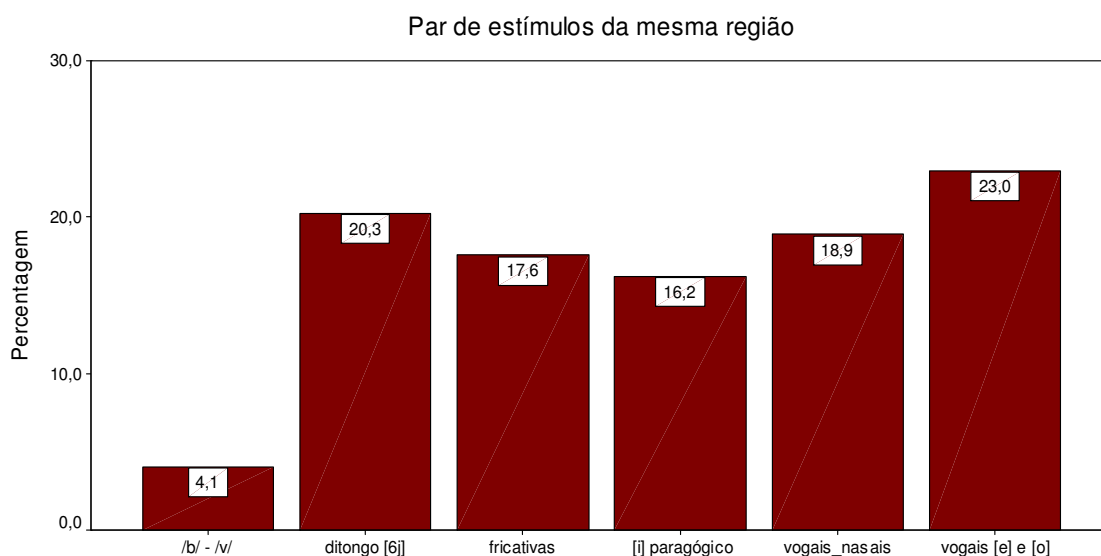


Figura 21: Percentagem de respostas correctas, tendo em conta cada um dos fenómenos fonéticos seleccionados, quando os dois estímulos do par pertenciam à mesma região.

Sempre que ambos os estímulos apresentados foram de informantes da mesma região, o fenómeno que mais contribuiu para a sua discriminação correcta foi a maior abertura da vogal [e]/ [o] (23%). A presença ou a ausência do ditongo [6j] assumiram, igualmente, um papel importante para a percepção das produções realizadas por informantes da mesma região (20,3%). Os fenómenos relacionados com a produção dos sons vocálicos e dos ditongos foram, na globalidade, aqueles que mais contribuíram para a discriminação das palavras produzidas por falantes do mesmo dialecto. A ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ foi o fenómeno menos relevante para a correcta distinção das regiões dialectais, quando os dois estímulos apresentados ao ouvinte pertenciam a informantes diferentes, mas da mesma região.

Quando a sequência de estímulos dada a ouvir incluía realizações fonéticas de informantes de dialectos diferentes, os ouvintes consideraram que as palavras seleccionadas para o estudo da ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ se revelam mais úteis na distinção das diferentes variantes (20,7% de discriminações correctas). As palavras que incluem o ditongo [6j], graficamente representado por <ei>, obtiveram 18,9% de respostas correctas, sendo a presença ou ausência deste ditongo importante para a distinção dos dialectos, quer quando os estímulos pertencem à mesma região, quer quando são produto de regiões diferentes. Na Figura 22, surge a percentagem de respostas certas, para cada um dos fenómenos fonéticos, sempre que o par de estímulos apresentado incluía produções de informantes de regiões diferentes.

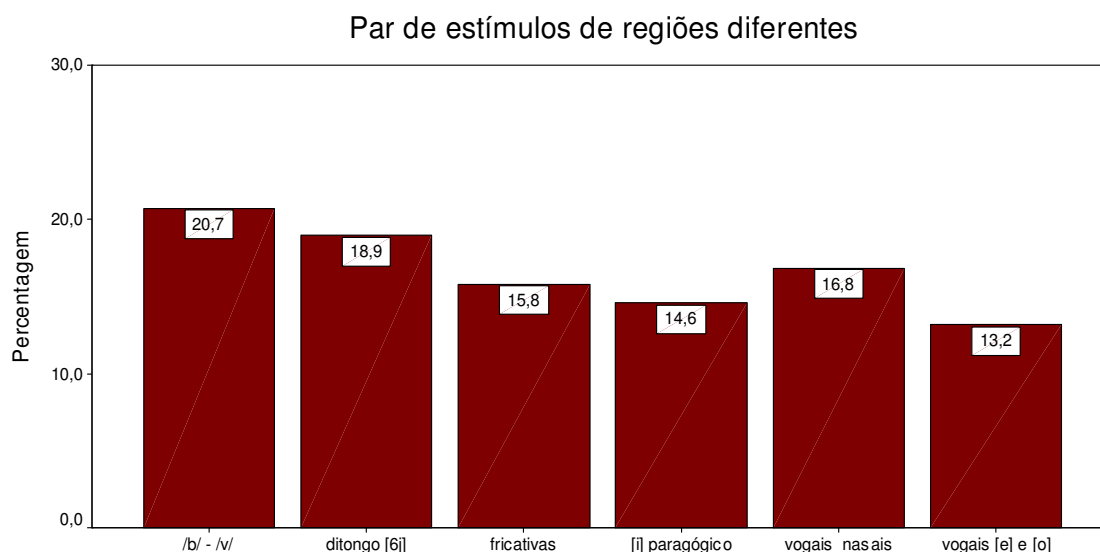


Figura 22: Percentagem de respostas correctas, para cada um dos fenómenos fonéticos, sempre que o par de estímulos apresentado incluía *ítems* de regiões diferentes.

Para além do apuramento dos resultados que permitissem verificar a importância dos seis fenómenos fonéticos que têm norteado este estudo, para a correcta discriminação dos dialectos, determinou-se a percentagem de respostas correctas, tendo em conta as regiões dialectais que constituíam os pares de estímulos apresentados aos ouvintes.

Sempre que os dois estímulos pertenciam a regiões diferentes, a sua ordem de apresentação era variável podendo surgir, em primeiro lugar, o estímulo do Minho e, de seguida, o de Trás-os-Montes ou vice-versa. Para o tratamento dos resultados, considerou-se indiferente a ordem de apresentação dos dois elementos constitutivos do par, havendo, por isso, 21 combinações possíveis²³, seis com estímulos da mesma região (Minho-Minho, Trás-os-Montes - Trás-os-Montes, Beira Litoral - Beira Litoral, Beira Interior - Beira Interior, Alentejo - Alentejo e Algarve - Algarve) e quinze com estímulos de regiões diferentes.

²³ A opção tomada foi antecedida de uma análise em que se considerou a existência de 36 pares de estímulos, decorrentes da ordem de apresentação dos mesmos. No entanto, os valores obtidos para as sequências que combinavam as mesmas regiões, ainda que por ordem diferente, não foram relevantes, daí optar-se por juntar, num único par, os dados referentes aos mesmos dialectos. Assim, para efeitos de tratamento dos resultados, considerou-se a sequência Minho - Trás-os-Montes equivalente a Trás-os-Montes - Minho, por exemplo, reunindo-se sob a mesma etiqueta os resultados obtidos, para estes dois pares.

Na Figura 23, apresentam-se os valores percentuais de respostas correctas, para cada par de estímulos percebido. A percentagem de respostas correctas foi maior sempre que os dois estímulos apresentados pertenciam a regiões diferentes, como já haviam comprovado os resultados apresentados na Figura 18. Os pares de estímulos com realizações de informantes obedecendo à combinação Trás-os-Montes - Algarve foram os que obtiveram um maior número de respostas correctas (7,5%). Seguiram-se-lhe os pares constituídos por estímulos das regiões do Minho - Algarve (7,3%), do Minho - Alentejo (7,1%) e do Minho - Beira Interior (7,1%). Quando os dois elementos constitutivos do par de estímulos eram da mesma região dialectal, os ouvintes discriminaram com maior correcção as produções dos locutores da Beira Litoral (3,3%, dos estímulos correctamente identificados) e sentiram maior dificuldade na correcta percepção do par Trás-os-Montes - Trás-os-Montes (1,1%).

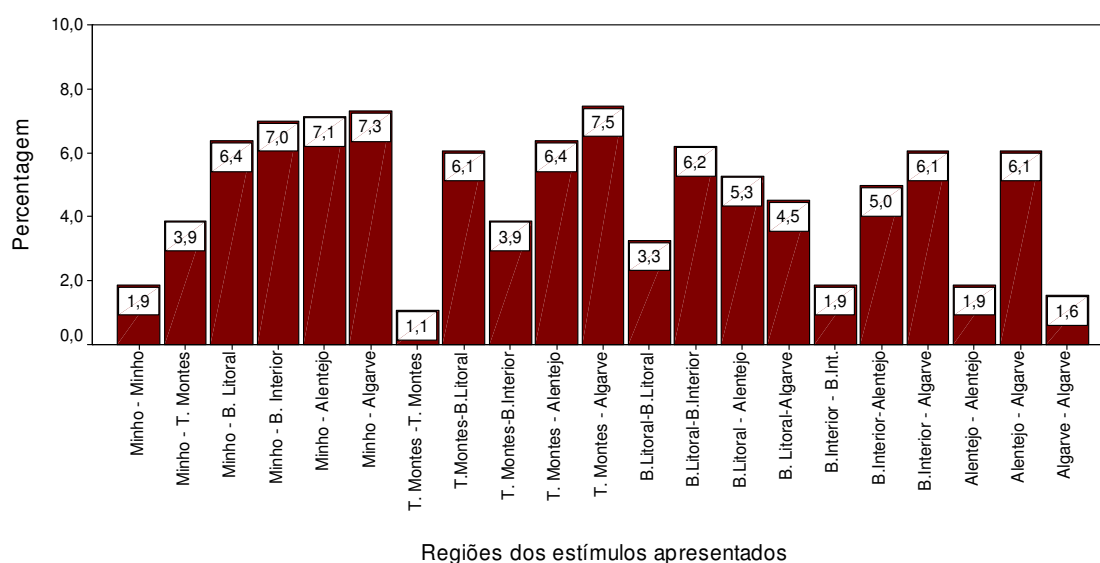


Figura 23: Percentagem de respostas correctas, para cada um dos pares de estímulos apresentados, tendo em conta as regiões que o constituíam.

Para que o estudo do valor distintivo dos fenómenos fonéticos ficasse mais completo, considerou-se a relevância de cada um deles para a discriminação correcta de cada par de estímulos ouvido. Os gráficos que se seguem, nas Figuras 24a e 24b, mostram a percentagem de respostas correctas, para cada um dos fenómenos fonéticos, em cada uma das regiões contempladas no *corpus*.

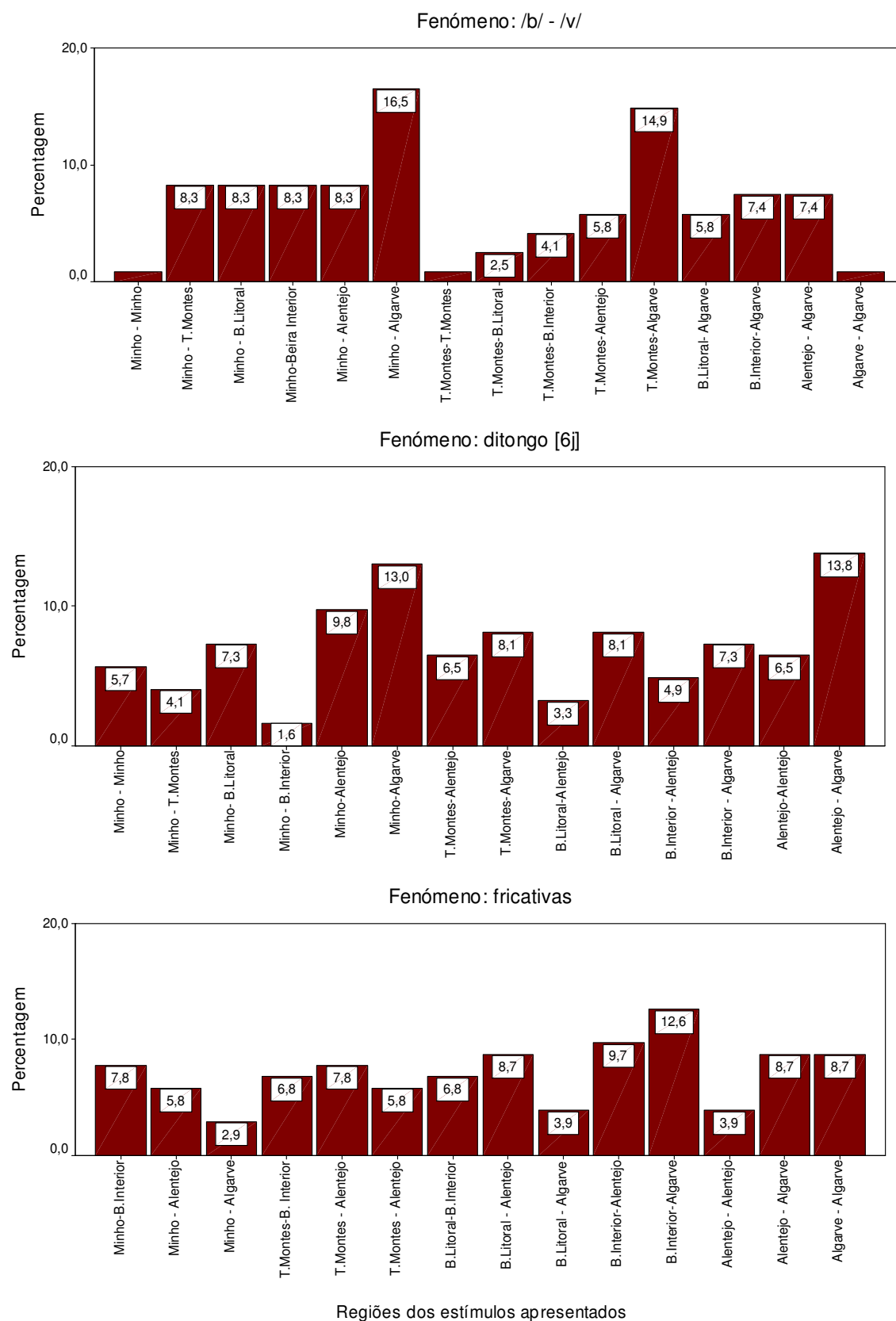


Figura 24a: Percentagem de respostas correctas, tendo em conta os fenómenos fonéticos e cada um dos pares de estímulos apresentados.

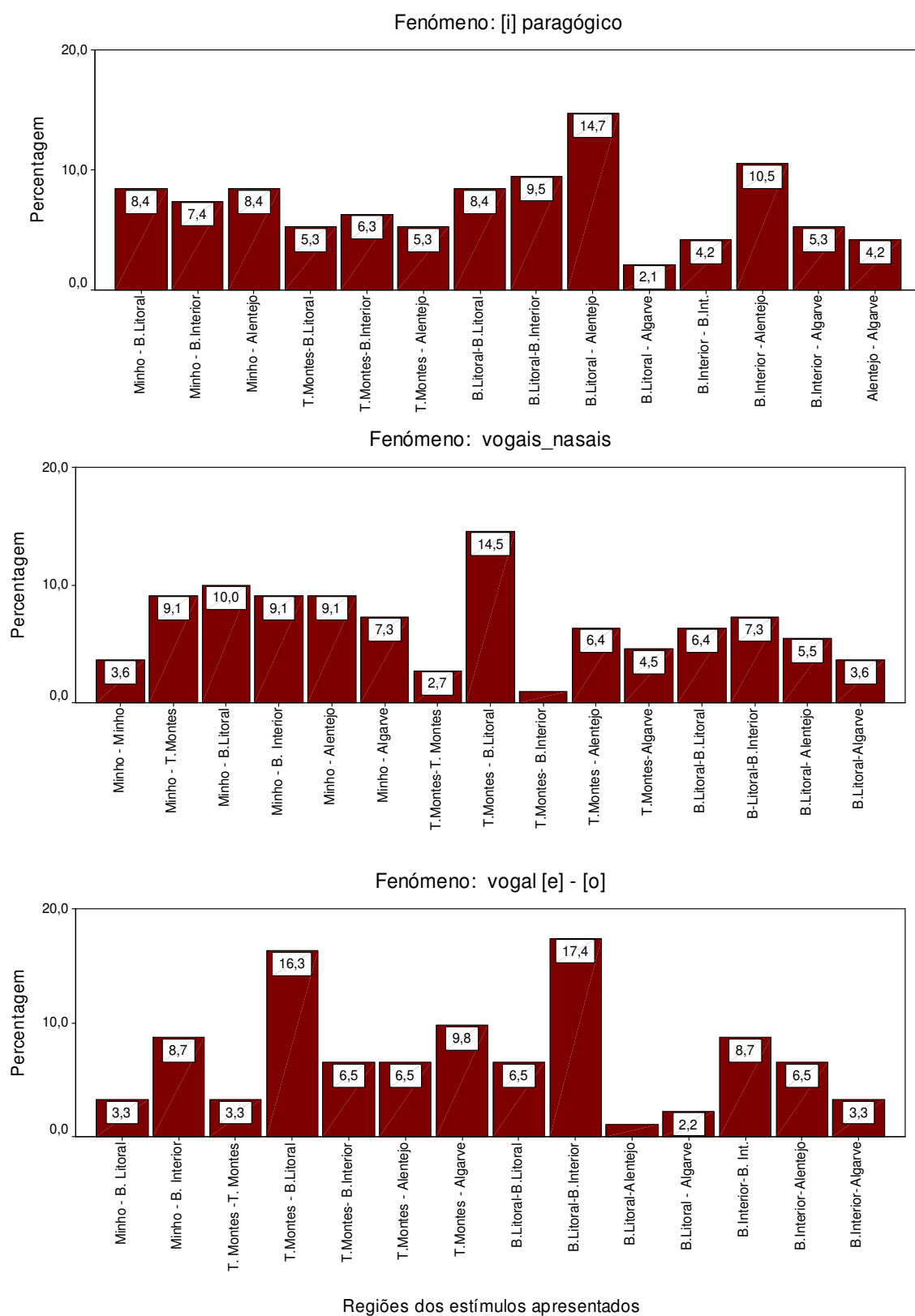


Figura 24b: Percentagem de respostas correctas, tendo em conta os fenómenos fonéticos e cada um dos pares de estímulos apresentados.

A Figura 24a mostra que a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ se revelou pertinente para a discriminação dos estímulos que constituíam os pares Minho - Algarve (16,5%) e Trás-os-Montes - Algarve (14,9%). No que diz respeito à monotongação do ditongo [6j], a percentagem de respostas correctas dos ouvintes foi maior sempre que os estímulos surgiam incluídos nos pares Alentejo - Algarve (13,8%) e Minho - Algarve (13%). A manutenção do sistema de quatro sibilantes foi um fenómeno fonético importante para a discriminação correcta das combinações Beira Interior - Algarve (12,6%) e Beira Interior - Alentejo (9,7%).

Na Figura 24b é possível verificar que a existência de um [i] paragógico permitiu aos ouvintes discriminar com maior correcção as produções dos informantes da Beira Litoral e do Alentejo (14,7%) e da Beira Interior e do Alentejo (10,5%). Sempre que as palavras ouvidas incluíam vogais nasais ou seguidas de consoante nasal, os intervenientes no teste discriminaram, com maior correcção, as sequências de estímulos com realizações de Trás-os-Montes, associadas às da Beira Litoral (14,5%), e o par de estímulos das regiões Minho - Beira Litoral (10%). A maior abertura das vogais [e] e [o] obteve uma percentagem de respostas correctas mais elevada sempre que surgiram as combinações Beira Litoral - Beira Interior (17,4%) e Trás-os-Montes - Beira Litoral (16,3%). Em alguns dos gráficos que constituem as duas figuras não surgem representados os 21 pares gerados pelo *software* estatístico, porque os ouvintes não fizeram qualquer discriminação correcta dos estímulos, para o fenómeno fonético em estudo.

Tendo em conta os valores apresentados anteriormente, é possível concluir que a maior parte dos pares de estímulos que obteve percentagens de respostas certas mais elevadas é constituído por regiões geograficamente distantes, sendo clara a oposição entre o Norte e o Sul. Para além disso, é visível a repetição de uma determinada região de cada um dos pares, quando se atenta nos valores percentuais mais elevados. Por exemplo, quando se considera o fenómeno da ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, a região do Algarve surge nos dois pares que obtiveram a percentagem de respostas mais elevadas. O mesmo acontece com o Algarve, a Beira Interior, o Alentejo e a Beira Litoral, quando nos centramos nos fenómenos da monotongação do ditongo [6j], do sistema de quatro sibilantes, da existência de um [i] paragógico e dos fenómenos que se prendem com o sistema vocálico, respectivamente. Estes, contudo, parecem ser os mais difíceis de

percepcionar, talvez por não se enquadrarem nas realizações estereotipadas de cada região, armazenadas na consciência dialectal dos ouvintes.

O grupo de ouvintes recrutado para o teste de discriminação foi constituído por indivíduos de cinco regiões diferentes (Minho, Trás-os-Montes, Beira Litoral, Madeira e Açores) e, por isso, considerou-se pertinente traçar o perfil de cada um deles, durante a realização da tarefa que lhes foi proposta. Não se registaram grandes diferenças entre o número de respostas certas de cada ouvinte, sendo o dos Açores aquele que regista o valor mais baixo (98 discriminações correctas, cerca de 15,2% do total) e o da Madeira o mais elevado (21,6%). Na Figura 25, apresentam-se as percentagens de respostas correctas de cada um deles.

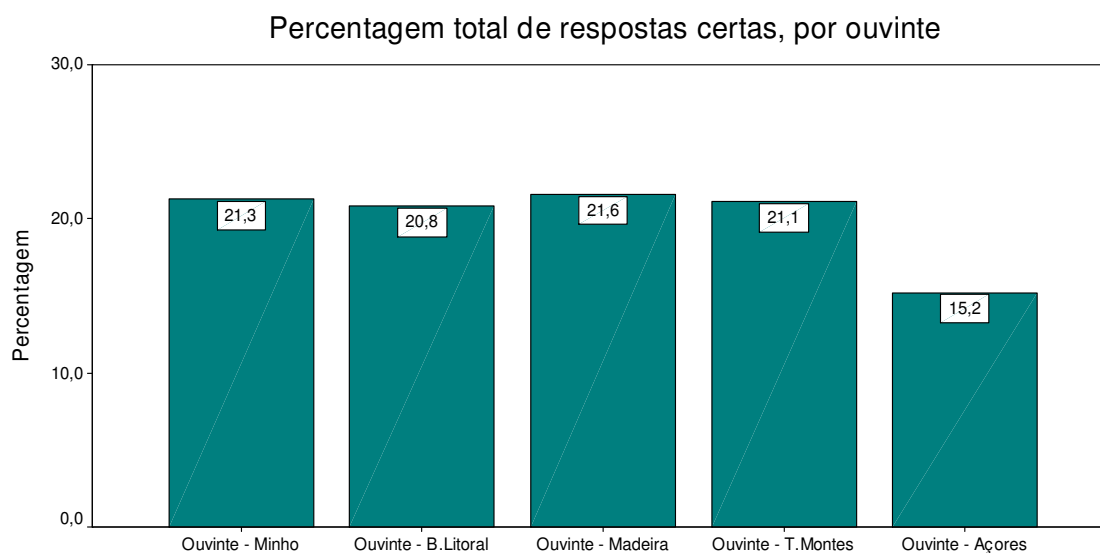


Figura 25: Percentagem de respostas correctas, para cada um dos ouvintes.

4.5 – Discussão

Ao contrário do que aconteceu com o teste de identificação, no teste de discriminação registou-se uma maior consistência nas respostas dadas pelos diferentes ouvintes, ainda que sem uma tendência geral. No entanto, fica claro o facto de os intervenientes no teste admitirem a existência de particularidades que permitem distinguir as diferentes regiões dialectais.

A percentagem de respostas certas foi satisfatória (62,6%), quer quando os estímulos apresentados pertenciam à mesma região (58,9%), quer quando pertenciam a regiões distintas (63,3%). Esta diferença pode dever-se a outros factores que determinam a variação linguística, que não os fenómenos considerados, decorrentes da especificidade de cada falante. É evidente que, para além das variações existentes entre as regiões há, igualmente, a variação intra-regional e específica das idiossincrasias de cada informante, como, de resto, ilustra o esquema inserto na Figura 1, apresentada no primeiro capítulo desta dissertação. Cada falante não constitui o repositório de todas as características próprias da sua variante dialectal, daí nem sempre ser fácil para os ouvintes ajuizar sobre a diferença percebida, pois, por vezes, ela pode ser quase inexistente. No entanto, quando a diferença existente é muito marcante, basta um único fenómeno para que a variação fonética seja percepcionada.

A ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ e a monotongação do ditongo [6j] foram os fenómenos fonéticos que obtiveram o maior número de discriminações correctas, o que indicia o seu elevado cariz regional (80,6% e 68,3%, respectivamente). Os valores obtidos corroboram as conclusões de vários linguistas, já apresentadas no capítulo inicial (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983); Vasconcellos 1901 (1987); Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971 (1980)).

Uma análise mais detalhada dos resultados permite verificar que a ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ se apresentou mais funcional para discriminar os pares de estímulos de regiões diferentes do que os da mesma região (20,7% contra 4,1%). Já a produção do ditongo [6j] ou a sua redução a [e] revestem-se de uma maior importância, quer na discriminação das sequências de estímulos da mesma região (20,3%), quer nas de regiões diferentes (18,9%). A abertura das vogais [e] e [o] foi o fenómeno fonético que mais contribuiu para a correcta discriminação dos pares de estímulos da mesma região (23%). A pronúncia dos sons vocálicos, contudo, está sujeita a uma maior variação do que a dos sons consonânticos, o que a torna mais difícil de percepcionar. A maior variação na pronúncia dos sons vocálicos resulta, não só, dos factores regionais, mas também do contexto em que ocorre e da própria variação inerente a cada sujeito falante (Clopper e Pisoni, 2005). Essa propriedade dos sons vocálicos poderá justificar a elevada percentagem de respostas erradas, neste fenómeno, tendo em conta a totalidade do teste, apesar do seu contributo

bastante válido para a discriminação das realizações fonéticas pertencentes a informantes da mesma região dialectal. O fenómeno da ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ caracteriza-se por uma menor variação: em cada uma das palavras, essa oposição está ou não está presente, daí a elevada percentagem de respostas correctas, quer neste fenómeno, quer noutros relacionados com a produção dos sons consonânticos. No caso do PE, a oposição fonológica entre /b/ e /v/ revela-se produtiva, permitindo distinguir diferentes lexemas, ao contrário do que acontece com a maior ou menor abertura das vogais que, no geral, não contribui para a distinção de diferentes *ítems* lexicais. Por estes motivos, o fenómeno fonético associado aos dois sons consonânticos é mais perceptível, porque acarreta consequências ao nível da mobilização e do reconhecimento do léxico da língua portuguesa e, por isso, mais funcional para a discriminação das variantes dialectais, quando confrontado com a maior abertura das vogais [e] e [o].

Quando se observa o número total de respostas correctas obtidas, no teste de discriminação, percebe-se que foi o conjunto de palavras seleccionado para estudar a monotongação do ditongo [6j] que, de novo, obteve a percentagem mais elevada de respostas correctas (19,1%).

A representatividade de cada fenómeno fonético variou em função dos diferentes pares de estímulos gerados pelo programa. Relativamente à ausência de oposição fonológica entre /b/ e /v/, é de realçar a sua importância para a distinção dos pares de estímulos Minho - Algarve (16,5%) e Trás-os-Montes - Algarve, (14,9%), regiões geográfica e foneticamente mais distantes. Se, na maior parte do território do Minho e de Trás-os-Montes essa oposição desaparece, no dialecto do Algarve (e nos do Sul, em geral), mantém-se essa oposição. O resultado obtido parece comprovar que se trata de um dos fenómenos fonéticos que mais contribui para a distinção existente entre as regiões do Norte e do Sul (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983); Vasconcellos 1901 (1987); Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971 (1980)).

O ditongo [6j] revelou-se importante na distinção dos dialectos do Alentejo e do Algarve (13,8%), apesar de estas duas regiões surgirem descritas na literatura dialectológica como áreas de monotongação do referido ditongo (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983), 1983; Vasconcellos 1901 (1987); Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971 (1980)). O facto de, neste teste, se assumir como um fenómeno

importante para distinguir o Minho do Algarve (13,0%) e o Minho do Alentejo (9,85%) ilustra, de novo, a oposição existente entre os dialectos do Norte e do Sul.

A manutenção do sistema de quatro sibilantes revelou-se determinante para a discriminação dos pares de estímulos Beira Interior - Alentejo (9,7%) e Beira Interior - Algarve (12,6%). Este resultado ilustra, também, a clara oposição entre o Norte e o Sul linguísticos e o elevado valor distintivo deste fenómeno, reconhecido por Cintra (1971 (1983)).

A existência da vogal paragógica [i] foi importante na distinção das associações de estímulos das regiões do Alentejo e da Beira Litoral (14,7%) e do Alentejo e da Beira Interior (14,7%). Este fenómeno fonético surge, na generalidade dos escritos sobre dialectologia, associado às regiões do Sul, em geral, e ao Alentejo, em particular (Boléo e Silva, 1961 (1974)).

O resultado obtido para as vogais nasais ou seguidas da consoante nasal mostra-nos que elas são importantes para distinguir os pares Trás-os-Montes - Beira Litoral (14,5%) e Minho - Beira Litoral. A pronúncia mais aberta destas vogais, que surgem num contexto específico, aparece, na bibliografia consultada, associada ao Minho (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983); Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971 (1980)), facto que as respostas ao teste perceptual realizado parecem comprovar. A importância desta realização, estendida, aqui, à região de Trás-os-Montes pode filiar-se na contiguidade geográfica existente entre estas duas regiões do território de Portugal Continental. O facto de a produção das vogais nasais ou com traços de nasalidade, decorrentes da assimilação à consoante nasal da sílaba seguinte estar sujeita a um vasto conjunto de *nuances* (Miguel, 2006), dificulta a sua percepção e a avaliação da mesma como fenómeno importante para a categorização dos dialectos do PE continental. Esses diferentes matizes que as vogais nasais ou com marcas de nasalidade assumem decorrem da sua especificidade contextual, o que origina configurações articulatórias diversas e características acústicas peculiares (Miguel, 2006; Teixeira, 2000).

A maior abertura das vogais [e] e [o], fenómeno sujeito a uma grande variabilidade geográfica, contextual e individual revelou-se importante na discriminação dos pares Beira Litoral - Beira Interior (17,4%) e Trás-os-Montes - Beira Litoral (16,3%). Essa abertura das vogais, para Boléo e Silva (1961 (1974)), constitui um aspecto individualizador da variante dialectal de Trás-os-Montes. Dada a

proximidade geográfica com a Beira Interior, não é de estranhar que, também nesta última região, esse fenómeno contribua para a percepção das diferenças existentes, relativamente ao dialecto da Beira Litoral.

Os pares de estímulos que incluíam realizações de Trás-os-Montes e do Algarve (7,5%), do Minho e do Algarve (7,3%) e do Minho e do Alentejo (7,1%) foram os que obtiveram as maiores percentagens de respostas correctas. Este resultado ilustra, mais uma vez, a consciência que os ouvintes parecem ter da existência de um Norte e de um Sul linguísticos, com uma zona de permeio que, longe de se apresentar homogénea, comunga de algumas características das regiões extremas e tem na pronúncia das sibilantes um fenómeno que permite destrinçar o interior do litoral.

Neste teste, as regiões mais distantes da capital do país tenderam a ser mais facilmente reconhecidas, porque não adoptam, tão rapidamente, as particularidades que caracterizam o dialecto padrão. Em Portugal Continental, as áreas geograficamente mais apartadas de Lisboa e da faixa litoral apresentam-se mais marcadas foneticamente, devido ao isolamento de outrora e ao seu perfil sócio-económico e demográfico, com populações mais envelhecidas e residentes em meios caracterizados pela profunda ruralidade. Estes factores contribuem para a permanência de fenómenos estranhos à variante central e para uma maior resistência relativamente à adopção das particularidades que caracterizam o dialecto padrão.

Da análise das respostas de cada ouvinte, não ficou clara a existência de uma relação directa entre o dialecto do ouvinte e a maior facilidade em discriminar o dialecto do falante, quando coincidentes, o que contraria os estudos que glosam esta temática (Clopper, 2004; Kerswill e Williams, 2002; Nielsen e Hay, 2006). Durante a realização de um teste perceptual, elaborado com o propósito de estudar a variação regional, os ouvintes mostram a tendência para identificar mais facilmente o dialecto com que estão familiarizados, ou seja, aquele em que se encontram imersos, enquanto membros de uma comunidade linguística, como, de resto, também comprovaram os resultados do teste de identificação, realizado no âmbito deste trabalho.

Contudo, a presença de dois ouvintes dos dialectos insulares parece não comprovar a existência dessa relação directa, até porque aquele que acertou mais respostas foi o ouvinte da região da Madeira (21,6%), embora a diferença entre este e os das regiões do Minho, da Beira Litoral e de Trás-os-Montes seja pouco acentuada

(vide Figura 25). Mais importante do que a coincidência entre os dialectos do falante e do ouvinte, para a correcta avaliação da diferença percebida, poderá ser a experiência linguística, ou seja, a exposição dos indivíduos a outros dialectos que não o seu. Esse contacto pode efectivar-se através da história residencial, mediante as deslocações a outras regiões dialectais (Clopper, 2004; Clopper e Pisoni, 2004) ou, ainda, através da acção uniformizadora dos *media* e da escola. A discriminação mais ou menos exacta da diferença percebida é, igualmente, determinada pela experiência de vida do ouvinte, pelo conhecimento mais ou menos intuitivo e sistematizado que ele possui da realidade sociolinguística e dialectal da sua língua materna e pela sua capacidade de atenção, que lhe permite detectar, com maior ou menor precisão, certos pormenores relacionados com a variação linguística (Kerswill e Williams, 2002). O facto de o *corpus* não ter sido perfilado, desde o início, para a categorização dos dialectos do PE e a variação inerente aos próprios informantes poderá justificar o facto de não existir essa relação directa entre as regiões do falante e do ouvinte e a percentagem de sequências de estímulos correctamente percepcionada. A este resultado não será alheio, também, o facto de se tratar, apenas, de um indivíduo, o que não permite uma generalização dos dados obtidos. É quase tautológico referir, de novo, que o reduzido número de ouvintes recrutado para o teste nem sempre permite retirar conclusões que vão ao encontro das que surgem noutros estudos, assentes num maior número de ouvintes.

Pode-se, ainda, concluir que a capacidade para distinguir produções de indivíduos da mesma região (de localidades mais ou menos vizinhas, mas integradas no mesmo dialecto) se revelou, para o grupo de ouvintes seleccionado, mais problemática, como ilustram os gráficos das Figuras 21 e 22. Estudos realizados, nos Estados Unidos, para o Inglês Americano, também confirmaram a maior dificuldade dos ouvintes, em identificar as cidades-natais dos informantes, através da realização de testes perceptuais, quando estas estão geograficamente mais próximas (Preston, 1993, cit. por Clopper, 2004), pois as diferenças intra-regionais são mais difíceis de percepcionar.

4.6 - Considerações finais

A aplicação deste segundo teste perceptual permite considerar que a consciência dialectal dos falantes do PE continental reconhece a ocorrência de variação linguística, sendo isso evidente na maior facilidade com que os ouvintes distinguiram os pares de estímulos de regiões diferentes. Mais uma vez, a pronúncia do ditongo [6j] surge como o fenómeno fonético que obtém maior percentagem de respostas correctas, o que indicia a sua importância na discriminação das variantes dialectais do território do PE continental.

Da análise dos resultados obtidos, parece lícito arguir que as regiões geograficamente mais distantes são, na globalidade, discriminadas com maior correcção, parecendo mais fácil distinguir as diferenças existentes entre as variantes dialectais do Norte e do Sul do que as diferenças ocorrentes entre dialectos geograficamente contíguos. Os resultados admitem, ainda, que se possa ver a zona Centro do país como uma região de transição, aparentemente menos marcada, foneticamente, na faixa litoral, mas não isenta de peculiaridades, como é o caso da pronúncia dos sons sibilantes, na Beira Interior, conclusões que os resultados do primeiro teste realizado também parecem legitimar.

Não ficou clara a existência de uma relação entre o maior número de respostas certas e a coincidência entre as regiões do falante e do ouvinte, devido ao número reduzido de participantes, no teste, embora os escritos sobre a categorização dialectal, através de tarefas de identificação e discriminação perceptual, reconheçam a sua existência.

5. Conclusões

Dos resultados dos testes perceptuais conclui-se que a existência de variações fonéticas é uma realidade, no território de Portugal Continental. O facto de as diferenças existentes, entre regiões dialectais, serem pouco acentuadas, como atesta a literatura dialectológica existente, poderá justificar quão difícil foi para os ouvintes fazer a categorização correcta das variantes dialectais, no teste de identificação elaborado. As duas tipologias de teste conduziram a resultados bastante diferentes,

no que diz respeito às percentagens de respostas correctas. No entanto, relativamente ao contributo dos diferentes fenómenos considerados, os resultados apresentaram algumas semelhanças. Para além disso, através da aplicação dos testes perceptuais, é possível considerar que a ausência de um determinado fenómeno pode contribuir, também, para a correcta identificação ou discriminação de um dado dialecto. Muitas vezes, o fenómeno mais importante para definir a região dialectal de um informante é atípico, na sua região. Contudo, o ouvinte mobiliza os conhecimentos que possui, enquanto falante da língua, estabelecendo relações contrastivas, antes de formular os seus juízos. Ao estabelecer essas relações, o ouvinte toma como ponto de referência o seu próprio dialecto ou outros com que está mais familiarizado, categorizando os estímulos, ora excluindo as regiões em que tal fenómeno não acontece, ora identificando correctamente a variante dialectal porque assume aquele fenómeno como típico ou atípico de uma dada região.

A aplicação deste tipo de testes não permite averiguar de que forma é que os ouvintes recorrem aos seus conhecimentos sobre a variação linguística, nas tarefas de identificação e de discriminação das diferentes variantes dialectais (Clopper e Pisoni, 2005). No entanto, ela possibilita o estudo da maior ou menor pertinência de um determinado fenómeno, para a correcta categorização dos dialectos. A exacta categorização das variantes, solicitada no teste de identificação, revelou-se uma tarefa difícil, mas a discriminação de pares de estímulos, a partir das diferenças percebidas, requerida no segundo teste, obteve elevadas percentagens de sucesso.

A aplicação dos testes foi feita num grupo restrito de ouvintes, o que constitui, sem dúvida, uma limitação. Importa, por isso, realizar testes perceptuais, quer de identificação, quer de discriminação, com um maior leque de ouvintes, com perfis diferentes: indivíduos que apenas viveram numa região dialectal e indivíduos com uma história residencial marcada pela mobilidade; sujeitos com formação na área dos Estudos Linguísticos *versus* sujeitos sem esses conhecimentos, por exemplo. A categorização das variantes dialectais, através de testes de percepção, poderá, ainda, ser realizada com indivíduos que aprenderam o Português como língua estrangeira. A multiplicidade de perfis dos ouvintes poderá originar (ou não) resultados diferentes que, no seu conjunto, contribuirão para a melhor avaliação da consciência dialectal dos falantes do PE, falado no continente e, também, nos arquipélagos dos Açores e da Madeira, regiões não contempladas no *corpus* dado a ouvir.

O facto de o *corpus* constitutivo dos testes não ter sido especificamente concebido para a avaliação e a categorização perceptual dos dialectos pode explicar a inconsistência de alguns resultados obtidos, sobretudo no primeiro teste. A constituição de *corpora* específicos, para o estudo da variação regional, poderá permitir a obtenção de resultados mais sólidos e originar conclusões mais fundamentadas.

A generalidade dos estudos sobre percepção dos dialectos indica que um ouvinte percebe com maior facilidade aqueles com que está familiarizado. Os resultados obtidos, no primeiro teste, parecem confirmar esse facto, pois o grupo de ouvintes, constituído por indivíduos originários e/ou residentes da Beira Litoral identificou, com correcção, mais de cinquenta por cento dos estímulos dessa região dialectal. No entanto, a heterogeneidade do grupo de ouvintes do segundo teste não permitiu concluir que essa relação seja directa, pois não se registaram diferenças apreciáveis, no número de respostas certas, entre os ouvintes que tinham a sua região representada no *corpus* e aqueles que a não tinham, originários da Madeira e dos Açores. De qualquer forma, a região da Beira Litoral foi a que obteve, mais uma vez, o maior número de respostas correctas, provavelmente porque os ouvintes começam a ter alguma familiaridade com esse dialecto, por se encontrarem a residir na cidade de Aveiro, desde que ingressaram no Ensino Superior.

Apesar das limitações enunciadas, os procedimentos e os resultados apresentados, ao longo deste capítulo, constituem um dos primeiros contributos para o estudo da categorização dos dialectos do PE, recorrendo a uma metodologia de trabalho assente na construção e na realização de testes perceptuais. Considerando os dois testes realizados, os resultados obtidos sugerem que os ouvintes conseguem identificar o dialecto dos falantes, ainda que com graus de correcção e de precisão diferentes. Estudos similares, realizados com outras línguas, autorizam as conclusões formuladas a partir da aplicação dos testes realizados no âmbito desta dissertação²⁴.

A realização de testes perceptuais, tendo em vista a categorização dialectal, poderá ter em conta todo o *continuum* de fala, pois este permite identificar melhor a

²⁴ Para além dos resultados obtidos nos estudos realizados por Clopper e Pisoni, os trabalhos destes autores apresentam conclusões obtidas por outros investigadores, centradas em línguas como o Inglês e o Holandês. Na generalidade desses estudos, apesar de os ouvintes reconhecerem a existência de variação, a percentagem de respostas correctas nunca registou valores muito elevados (Clopper, 2004).

região do falante. Numa frase, é possível considerar a existência de um maior número de fenómenos fonéticos, avaliar factores supra-segmentais e atentar nos constituintes prosódicos, não ao nível da palavra, mas da frase, que, decerto, têm um contributo importante a dar para o estudo da variação regional (Moutinho *et al.*, 2005).

Tendo em conta os resultados obtidos nos dois testes, e os objectivos traçados no início deste trabalho, decidiu-se desenhar um *corpus* que permitisse aprofundar as conclusões retiradas da aplicação dos testes perceptuais e contribuir para um estudo mais pormenorizado da variação fonética do PE continental, condicionada pelos factores geográficos. O capítulo que se segue assenta num estudo de produção da fala, filiado nos resultados anteriormente apresentados e discutidos. A determinação de parâmetros acústicos, como F_1 e F_2 e a duração, poderá dar uma contribuição valiosa para o estudo da variação regional, permitindo esclarecer de que forma as propriedades acústicas dos sons são pertinentes para uma mais correcta categorização perceptual dos dialectos.

CAPÍTULO III

A VARIAÇÃO DE [6j] E [E] NO PE FALADO NO MINHO E NO ALENTEJO

1. Introdução

Na categorização dos dialectos, solicitada através dos dois testes perceptuais aplicados no decurso deste estudo, o fenómeno fonético que mais contribuiu para a correcta identificação das variantes dialectais foi a existência de diferenças na realização do ditongo [6j].

Na Figura 24a, já apresentada, foi possível verificar que o mesmo fenómeno fonético se revelou fundamental para a discriminação dos aglomerados de estímulos Alentejo - Algarve (13,8%), Minho - Algarve (13%) e Minho - Alentejo (9,8%). Quando os dois estímulos agrupados pertenciam à mesma região, foram os pares Minho - Minho (5,7%) e Alentejo - Alentejo (6,5%) a obter a maior percentagem de respostas certas, no fenómeno que tem vindo a ser mencionado. Apesar de o par de estímulos Alentejo - Algarve ter sido o que obteve o maior número de identificações correctas, ao centrarmos a análise nas palavras que, potencialmente, incluíam este fenómeno, considerou-se que seria interessante comparar a sua produção, num dialecto do Norte e num do Sul²⁵. Como se verificou, as diferentes realizações do ditongo [6j] revelaram-se importantes para a identificação correcta das sequências em que ambos os estímulos eram produzidos por informantes do Alentejo ou do Minho. Estes resultados e a diferenciação linguística, entre a parte setentrional e a parte meridional do território do continente, descrita no capítulo inicial desta dissertação, legitimam as opções agora tomadas. Neste capítulo, pretende-se estudar a produção do ditongo [6j], no Minho e no Alentejo, para indagar da existência de características marcantes, entre essas duas variantes dialectais, que possam ajudar a compreender os dados obtidos, nos testes de percepção.

²⁵ A fronteira entre o Norte e o Sul linguísticos, como já se referiu, apresenta-se fluida, sendo determinada pelo fenómeno que se pretende estudar. A linha que demarca as regiões em que o ditongo se realiza na sua forma plena e aquelas em que aparece monotongado em [e] parte da costa ocidental, na região de Óbidos, desce quase até à zona de Lisboa, seguindo uma orientação para Nordeste, ao longo do curso do rio Zêzere e termina a norte de Castelo Branco (Ferreira *et al.*, 1996; Teyssier, 2001).

Para além deste fenómeno fonético, e tendo em vista uma caracterização mais pormenorizada das variantes dialectais seleccionadas, elegeu-se um outro, que não surgia contemplado no *corpus* que serviu de base à realização dos testes perceptuais. Vários autores (Boléo, 1961 (1974); Maia, 1975; Segura da Cruz, 1991) consideram que pode ocorrer a produção de um [j] paragógico, nas palavras em que a vogal [E] ocorre em final de palavra, nos dialectos das regiões do Alentejo e do Algarve. Decidiu-se, por isso, estudar este fenómeno fonético passível de ocorrer em palavras como *pé*, realizada [pE], na variante central e [pEj], no Alentejo, uma das áreas geográficas atrás referida. Apesar de não surgir, na literatura dialectológica, como uma das características mais importantes para a diferenciação das diferentes áreas dialectais, o estudo deste fenómeno permitirá enriquecer o ainda parco acervo de trabalhos sobre esta temática, no PE²⁶. Nesta pesquisa, consideram-se, igualmente, as regiões do Minho e do Alentejo, para uma melhor avaliação do contributo deste fenómeno para o estudo da variação regional.

As opções tomadas abrem caminho a uma reflexão centrada em dois fenómenos com características peculiares. No caso do ditongo [6j], pretende-se estudar a sua realização ou a sua redução a [e]. Relativamente à vogal [E], verificar-se-á quando mantém o seu timbre próprio ou quando sofre um fenómeno de ditongação (em [Ej], por exemplo), como já surge descrito na bibliografia (Boléo, 1961 (1974); Maia, 1975; Segura da Cruz, 1991), ou ainda qualquer outro tipo de realização.

Em síntese, no primeiro caso, temos um ditongo que pode surgir reduzido a uma vogal e, no segundo, um som vocálico que, hipoteticamente, pode aparecer realizado como ditongo, quando *lhe* é associada uma glide, fenómeno característico do Sul, de acordo com os estudos de dialectologia já mencionados.

O estudo destes fenómenos assentará na análise de um *corpus* constituído para este fim e implicará o recurso a procedimentos que se enquadram no âmbito da Fonética Experimental.

²⁶ Para uma lista actualizada da bibliografia existente, acerca dos ditongos do PE, consulte-se Rua (2005). O trabalho desta autora é dedicado à análise dos ditongos crescentes e decrescentes da língua portuguesa, na sua variedade europeia, recorrendo a procedimentos experimentais. A investigação centrou-se nas características acústicas dessas sequências vocálicas (valores formânticos e duração).

2. Constituição do *corpus* a gravar

Escolhidos os fenómenos fonéticos a estudar, implementou-se um conjunto de estratégias conducentes à constituição de um *corpus* que permitisse alcançar os objectivos previamente delineados.

A primeira lista de palavras que se obteve resultou de uma pesquisa, realizada *on-line*, no centro de recursos «Linguateca» (disponibilizado em www.linguateca.pt), que permite aceder ao CETEMPúblico (*Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público*), *corpus* de aproximadamente 180 milhões de palavras, em PE, criado pelo projecto «Processamento Computacional do Português», após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o jornal «Público». O *síte* possibilita quatro modalidades de procura, tendo-se optado pela que fornece a distribuição das formas (ou seja, das palavras), de acordo com o seu número de ocorrências, nas edições do referido jornal.

Na pesquisa efectuada, consideraram-se as três posições lexicais em que pode ocorrer a realização do ditongo [6j] (inicial, medial e final). O campo destinado à realização da procura foi preenchido com as sequências “ei.*”, para encontrar as palavras com o ditongo em posição inicial, “.*ei.*”, para obter uma lista de vocábulos com o ditongo em posição medial e, por último, com “.*ei”, tendo em vista a obtenção de uma sequência de *ítems* com o segmento visado, em posição final. Para que fosse possível estudar as diferentes realizações da vogal [E], no contexto referido, fez-se a pesquisa considerando palavras oxítonas, com a vogal final [E], porque essas diferentes realizações não se encontram reflectidas na escrita. Com o intuito de obter uma lista de palavras que servisse os objectivos traçados, utilizou-se como termo de procura a sequência “.*é”. Destes procedimentos resultaram quatro listas, com as palavras dispostas pela ordem decrescente de frequência.

Uma análise preliminar dessas listas permitiu concluir que a posição medial é a mais produtiva para a ocorrência de [6j] em PE, com mais de 36 000 palavras diferentes, revelando-se as restantes menos frequentes. No final de uma palavra, por exemplo, ocorre, sobretudo, em formas verbais, pois trata-se da terminação própria da primeira pessoa do singular do futuro simples do indicativo, (*irei, direi e farei*, por exemplo), da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo, dos verbos da primeira conjugação (*pensei e comecei*, entre outras) e, até, de formas

de primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei*). Considerou-se, de seguida, a posição do acento lexical em que o ditongo pode surgir, tendo-se concluído que é rara a sua ocorrência, em contexto não acentuado, surgindo, sobretudo, em algumas formas de plural (*telemóveis*, por exemplo). A palavra *hóquei* foi a única a surgir com o ditongo em sílaba não acentuada inacentuada.

Para o estudo das diferentes realizações da vogal [E], registaram-se mais de 2700 formas diferentes, a maior parte delas antropónimos, topónimos e estrangeirismos: *André*, *Guiné* e *soufflé*, são, apenas, algumas das ocorrências constantes da lista.

Feita esta análise prévia, iniciou-se a depuração do material linguístico recolhido. Em primeiro lugar, optou-se por excluir as palavras em que o ditongo [6j] surgia em posição inacentuada, dada a sua escassa representatividade no PE, centrando-se o estudo, apenas, nas ocorrências do ditongo em contexto acentuado. De seguida, excluíram-se das listas os estrangeirismos e os regionalismos nelas constantes, pois poder-se-ia revelar problemática a sua realização por parte dos informantes. Como o que se pretendia era que estes produzissem um discurso com características próximas de uma realização espontânea, através da utilização de estímulos visuais, excluíram-se, igualmente, todas as palavras que fossem difíceis de representar, iconograficamente. Desta forma, evitou-se que a recolha do *corpus* fosse realizada através da leitura dos *itens*, pois o carácter normativo da escrita poderia condicionar a pronúncia das palavras. Das listas foram retirados, ainda, todos os vocábulos que não integrassem um registo de língua corrente, pois o perfil dos informantes visados assim o exigia.

Com as listas iniciais já bastante menores, olhou-se, depois, para o contorno fonético do ditongo. Em primeiro lugar, atentou-se nas palavras em que o mesmo surgia entre duas consoantes oclusivas surdas (por exemplo, *peito*). De seguida, privilegiaram-se os contextos em que o ditongo surgia antecedido ou precedido de, pelo menos, uma consoante oclusiva surda (em palavras como *sapateiro* e *azeite*). Optou-se pela mesma estratégia, relativamente às consoantes fricativas (por exemplo, a palavra *peixe*), embora nem sempre tivesse sido possível encontrar *itens* que satisfizessem os requisitos pretendidos. Com esta preferência pelos sons não vozeados, pretendeu-se reduzir alguns problemas postos por fenómenos de coarticulação e garantir uma mais fácil e rigorosa segmentação do sinal acústico. Para

além desta preocupação, e tendo sempre em vista a análise do sinal, evitaram-se as palavras em que o ditongo fizesse fronteira com consoantes líquidas. No entanto, dado tratar-se de um contorno fonético assaz frequente, entendeu-se que essas palavras não poderiam deixar de ser incluídas no *corpus*. Em síntese, o ditongo [6j] surge integrado nos seguintes contextos fonéticos:

- ditongo - consoante fricativa surda;
- consoante oclusiva surda - ditongo - consoante líquida;
- consoante oclusiva surda - ditongo - consoante fricativa surda;
- consoante fricativa sonora - ditongo - consoante oclusiva surda;
- consoante oclusiva surda - ditongo - consoante fricativa sonora;
- consoante oclusiva surda - ditongo - consoante oclusiva sonora;
- consoante oclusiva sonora - ditongo - consoante fricativa sonora;
- consoante fricativa surda - ditongo - consoante fricativa sonora;
- consoante fricativa sonora - ditongo - consoante líquida;
- consoante oclusiva surda - ditongo - consoante oclusiva surda;
- consoante fricativa surda - ditongo - consoante oclusiva surda;
- consoante líquida - ditongo - fronteira de palavra.

Relativamente à vogal [E], apenas se atentou nas consoantes que a antecediam, porque, para o estudo do fenómeno seleccionado, ela surge sempre no final das palavras. Primeiramente, privilegiaram-se os contextos de ocorrência após uma consoante surda (fricativa ou oclusiva, por exemplo, *pé* e *café*), pelas razões já expostas, e só depois junto de consoantes sonoras (*bebé* e *boné*). Contemplaram-se os seguintes contextos:

- consoante oclusiva surda - vogal - fronteira de palavra;
- consoante fricativa surda - vogal - fronteira de palavra;
- consoante oclusiva sonora - vogal - fronteira de palavra;
- consoante nasal - vogal - fronteira de palavra.

Para além de palavras incluídas nas listas inicialmente obtidas, outras há que, pela sua facilidade de representação iconográfica e por pertencerem a um registo de língua corrente, foram igualmente escolhidas, apesar de não constarem nos resultados da pesquisa acabada de descrever.

O conjunto de palavras que constitui a totalidade do *corpus* surge apresentado na Tabela VIII:

Tabela VIII		
Lista de palavras do <i>corpus</i>		
Número do item	Palavra	Contexto
01	e <u>ix</u> o	ditongo - consoante fricativa surda;
02	sapate <u>ir</u> o	consoante oclusiva surda - ditongo - consoante líquida;
03	pe <u>x</u> e	consoante oclusiva surda - ditongo - consoante fricativa surda;
04	aze <u>it</u> e	consoante fricativa sonora - ditongo - consoante oclusiva surda;
05	que <u>j</u> o	consoante oclusiva surda - ditongo - consoante fricativa sonora;
06	mante <u>ig</u> a	consoante oclusiva surda - ditongo - consoante oclusiva sonora;
07	be <u>j</u> o	consoante oclusiva sonora - ditongo - consoante fricativa sonora;
08	fe <u>j</u> ão	consoante fricativa surda - ditongo - consoante fricativa sonora;
09	laranje <u>r</u> a	consoante fricativa sonora - ditongo - consoante líquida;
10	pe <u>it</u> o	consoante oclusiva surda - ditongo - consoante oclusiva surda;
11	amor-perfe <u>it</u> o	consoante fricativa surda - ditongo - consoante oclusiva surda;
12	re <u>i</u>	consoante líquida - ditongo - fronteira de palavra.
13	pé	consoante oclusiva surda - vogal
14	café	consoante fricativa surda - vogal
15	bebé	consoante oclusiva sonora - vogal
16	boné	consoante nasal - vogal
17	chaminé	consoante nasal - vogal

3. Procedimentos adoptados na recolha do *corpus*

3.1 - Informantes

Delineado o *corpus* a gravar, nas duas regiões seleccionadas (Minho e Alentejo), traçou-se o perfil dos informantes, que se quis homogéneo, de modo a apenas fazer variar o parâmetro geográfico e a garantir uma boa representatividade da respectiva variante dialectal. Os seis informantes (três de cada região) deveriam obedecer ao seguinte perfil: terem mais de cinquenta anos, possuírem o mínimo de escolarização, não podendo ultrapassar a actual escolaridade mínima obrigatória, e serem naturais ou residentes das localidades seleccionadas. No caso de serem apenas residentes desse local, estabeleceu-se como critério o facto de aí terem iniciado a sua escolarização, na eventualidade de a possuírem. Nas gravações, foram contemplados indivíduos de ambos os sexos, em cada uma das regiões. Na Tabela IX, apresentam-se mais informações sobre os informantes que colaboraram na recolha do *corpus*.

Tabela IX					
Perfil dos informantes que colaboraram na recolha do <i>corpus</i>.					
Nome	Idade	Sexo	Nível de escolaridade	Concelho	Região
PSP	82	F	3ª classe	Estremoz ²⁷	Alentejo
CAP	81	M	4ª classe (adulto)	Estremoz	Alentejo
TJP	84	F	4ª classe	Estremoz	Alentejo
CCA	72	F	frequência da escola primária	Viana do Castelo ²⁸	Minho
JLE	55	F	6º ano	Viana do Castelo	Minho
MLI	69	M	4ª classe	Viana do Castelo	Minho

²⁷ De acordo com a proposta de classificação dos dialectos, elaborada por Lindley Cintra (1971 (1983)), os informantes de Estremoz poderão ser considerados falantes do dialecto alentejano, um dos que constitui o grupo dos dialectos centro-meridionais, onde se incluem os dialectos do centro interior e do sul (a cidade de Estremoz situa-se no distrito de Évora).

²⁸ O grupo de informantes de Viana do Castelo poderá ser integrado nos dialectos setentrionais, mais concretamente, no sub-grupo dos dialectos transmontanos e alto-minhotos, de acordo com a classificação proposta por Cintra (1971 (1983)), pois a cidade de Viana do Castelo situa-se na região do Alto Minho.

3.2 - Gravação

A recolha do sinal efectuou-se em casa dos informantes, em pequenas salas isoladas dos ruídos exteriores e sem ruído interior, evitando-se os locais com a presença de electrodomésticos ou de outras potenciais fontes de ruído. No Alentejo, foram utilizados um DAT - *Digital Audio Tape* e um microfone *ECM - MS907*, da Sony. No Minho, a recolha foi feita directamente para o disco duro de um computador portátil, usando o programa *SFSWin*. Na gravação, foi utilizado o sistema *CSL 4400* da *KeyElemetrics Corp.* e um microfone *Shure SM48*. O material utilizado foi cedido pelo Laboratório de Fonética, da Universidade de Aveiro. Durante a recolha, recorreu-se a uma sequência de diapositivos com estímulos visuais, elaborada no programa *Microsoft Power Point*. As imagens iam sendo mostradas no ecrã de um computador portátil e induziam o informante a produzir as palavras pretendidas, evitando-se, assim, a sua leitura. As imagens utilizadas foram seleccionadas através de uma pesquisa realizada no motor de busca «Google», utilizando-se como termos de procura as palavras seleccionadas, não só em Português, mas também em Inglês e Francês. Fez-se uma selecção criteriosa das imagens, atendo à sua visibilidade e ao seu realismo, para que não suscitasse qualquer dúvida aos informantes, no momento em que tivessem de reproduzir a palavra visada. A Figura 26 mostra alguns estímulos visuais apresentados.



Figura 26: Alguns estímulos visuais, utilizados durante a recolha do *corpus* (as imagens referem-se às palavras 2 - *sapateiro*; 7 - *beijo*; 9 - *laranjeira* e 11 - *amor-perfeito*).

A cada informante foram solicitadas cinco repetições do *corpus* a fim de se poderem estabelecer médias, calculadas com base nos resultados dos diversos parâmetros acústicos. Em cada uma das repetições, as palavras foram apresentadas por uma ordem aleatória. Assim, o *corpus* é constituído por 510 estímulos, 85 para cada um dos locutores (17 palavras X 5 repetições X 3 informantes X 2 regiões).

3.3 - *Software* utilizado na gravação, na segmentação e na etiquetagem do *corpus*

Tanto para a gravação, no computador, como para a segmentação, foi utilizado o programa *SFSWin*, que permite visualizar todas as formas de onda, em simultâneo ou individualmente (oscilograma e espectrograma). Para além disso, o programa permite operar sobre determinados segmentos seleccionados, ouvir, apagar, anotar e determinar o valor dos diferentes parâmetros acústicos. As gravações realizadas com o DAT foram copiadas para o disco duro de um computador, para posterior análise, no mesmo programa.

Para as palavras do *corpus*, foi criada uma anotação, indicando o início e o fim de cada uma delas. Foram utilizados os símbolos do alfabeto SAMPA, para o Português, optando-se por uma transcrição fonética larga, correspondente à realização esperada por um falante da variante central do PE. A Figura 27 apresenta um exemplo das anotações realizadas:

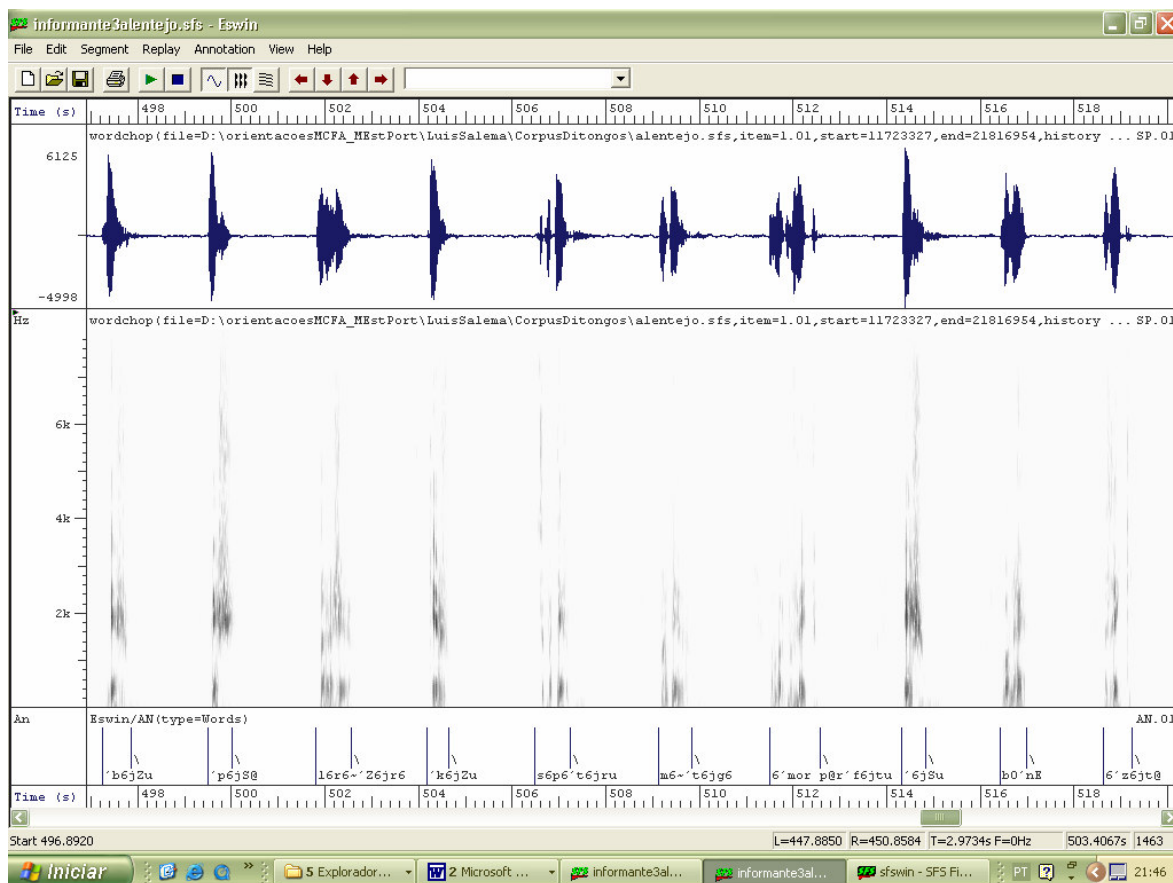


Figura 27: Exemplo de anotação de uma sequência de palavras - *beijo, peixe, laranjeira, queijo, sapateiro, manteiga, amor-perfeito, eixo, boné e azeite*.

Terminada a tarefa anteriormente descrita, utilizou-se o comando *wordchop* do SFS para a criação de ficheiros individuais. A cada um deles foi atribuído um nome que inclui a transcrição fonética da palavra e o número da repetição (por exemplo, 'b6jZu_r1). Posteriormente, cada ficheiro foi colocado num directório com o nome da região e o número do informante (informante2minho).

Com as palavras já disponíveis em ficheiros individuais, procedeu-se à segmentação do ditongo [6j] e da vogal [E]. Nessa segmentação, anotou-se o contexto fonético em que ocorria cada uma das sequências em estudo, conforme surge ilustrado na Figura 28:

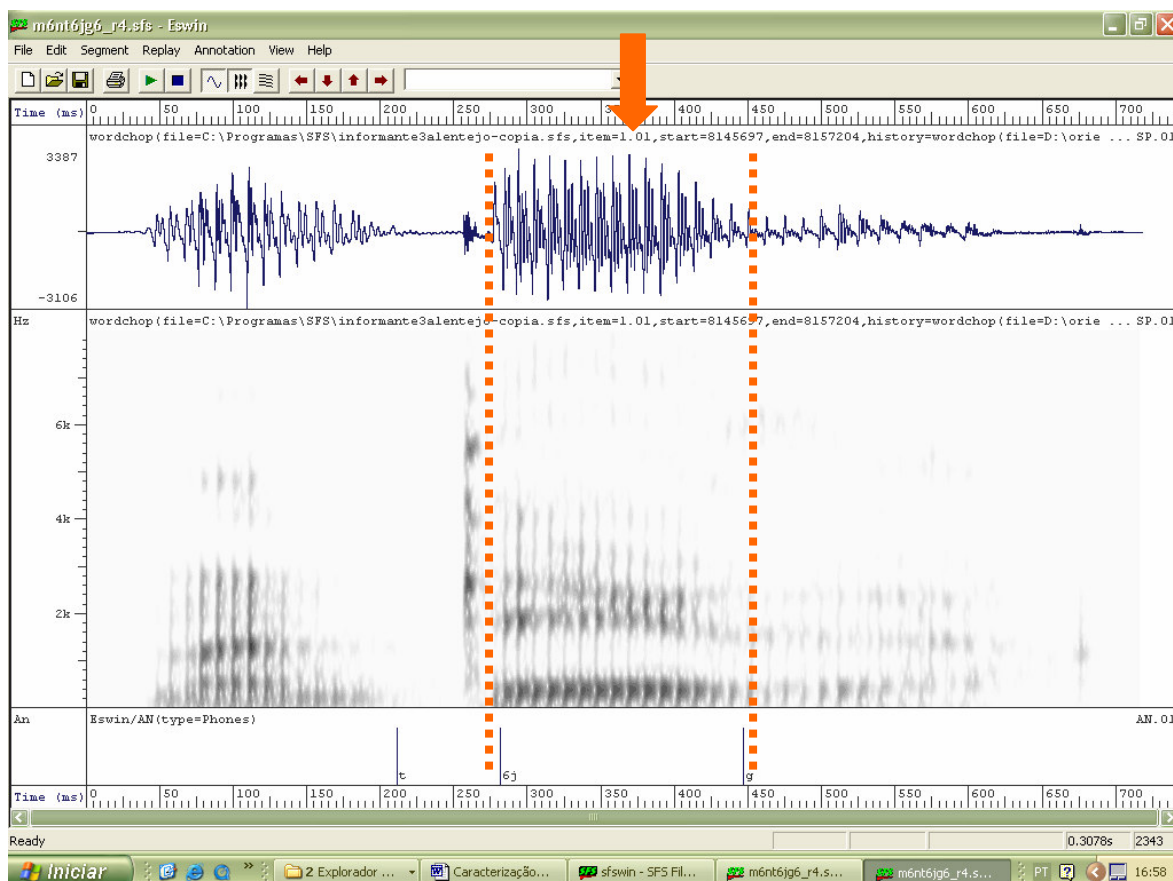


Figura 28: Exemplo da anotação do ditongo [6j], na palavra *manteiga*, produzida por um informante do Alentejo.

Utilizando a linguagem *SML*, foram concebidos programas pelo responsável principal desta pesquisa, Professor António Teixeira, que permitiram a extracção automática dos valores da duração e dos valores formânticos de cada sequência em estudo, ao longo do tempo, para que fosse possível obter gráficos ilustrativos das trajectórias de F_1 e de F_2 .

Após a aplicação dos programas, verificaram-se e rectificaram-se os dados obtidos e procedeu-se à sua exportação para o programa de análise estatística *SPSS*. Aquando dessa exportação, foram definidas variáveis compatíveis com os procedimentos estatísticos a implementar. Assim, considerou-se pertinente definir variáveis relativas à designação do ficheiro, à região do informante, ao número da repetição, à duração dos segmentos e ao valor das formantes, entre outras.

4. Resultados

Os resultados que a seguir se apresentam baseiam-se na análise do sinal acústico e do espectrograma correspondente, tendo-se determinado, para cada segmento vocálico, os valores da duração e das duas primeiras formantes.

Posteriormente, far-se-á a análise e a discussão desses resultados, procurando determinar de que forma os dados obtidos contribuem para explicar a existência de variação, entre as duas regiões estudadas.

4.1 - Duração

A Figura 29 sintetiza os valores médios obtidos para a duração dos dois segmentos em análise, nas duas regiões em que se procedeu à gravação do *corpus*. Cada barra representa as médias dos valores obtidos, encontrando-se registado, no limite inferior, o valor apurado. A figura inclui, ainda, a representação gráfica dos intervalos de confiança, a 95%, para as médias obtidas, por cada informante. Essa representação surge no limite superior de cada uma das barras.

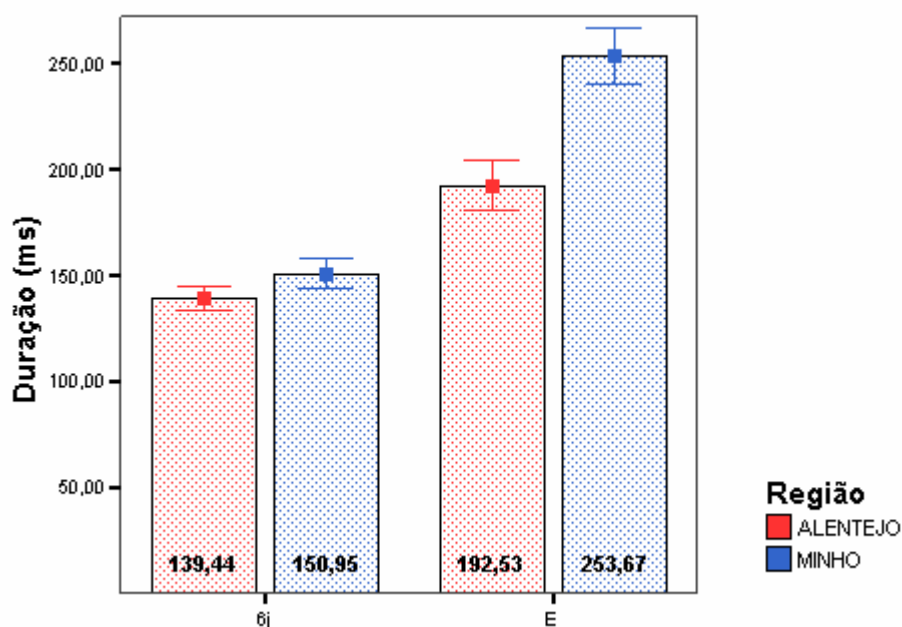


Figura 29: Valores médios da duração, para os dois segmentos, e respectivos intervalos de confiança, a 95%, tendo em conta as duas regiões.

Na região do Minho, registaram-se valores médios de duração mais elevados, nos dois tipos vocálicos em análise. É de destacar a duração da vogal [E], que apresentou um valor superior ao registado para o ditongo, nas duas variantes dialectais em estudo. As diferenças entre as duas regiões, no que diz respeito ao ditongo [6j], foram menores, embora a duração do mesmo seja inferior no Alentejo.

Foram também extraídos os valores médios da duração, para cada indivíduo, com o objectivo de determinar a variabilidade inter-locutores. As Figuras 30 e 31 incluem os valores médios de duração, para cada um dos informantes (representados pelas barras) e a representação gráfica dos valores dos intervalos de confiança, a 95%, para as médias obtidas.

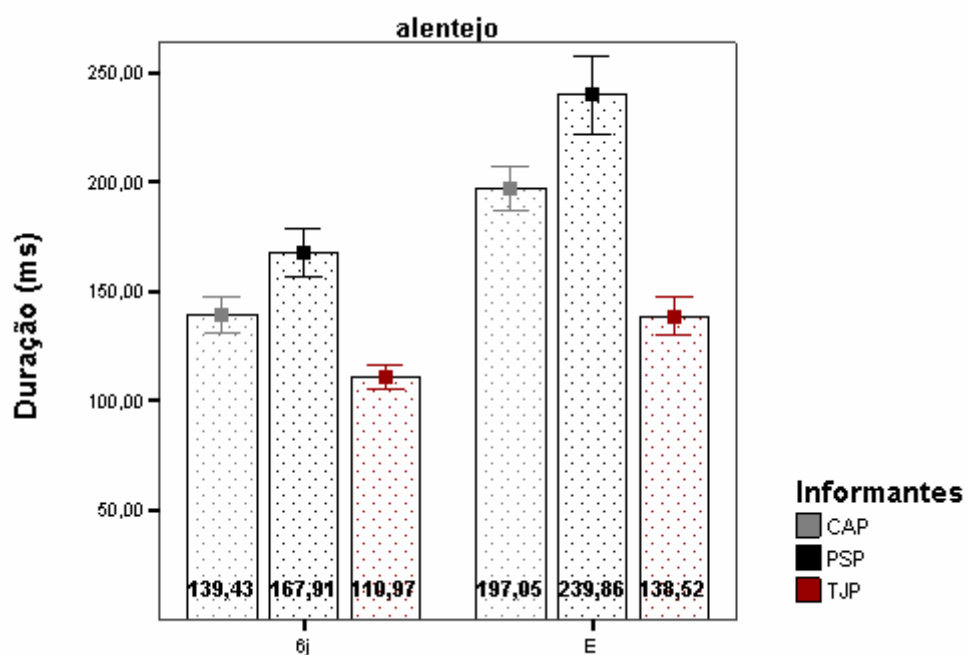


Figura 30: Valores médios de duração, dos dois tipos vocálicos, para os informantes do Alentejo, acompanhados da representação gráfica dos intervalos de confiança, a 95%.

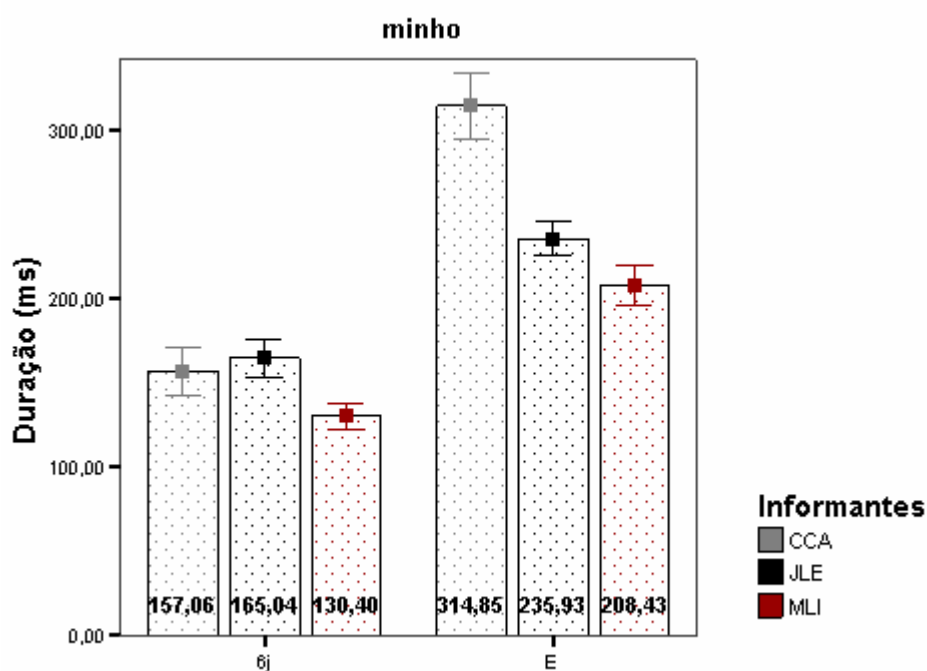


Figura 31: Valores médios de duração, dos dois tipos vocálicos, para os informantes do Minho, acompanhados da representação gráfica dos intervalos de confiança, a 95%.

Tendo em conta os resultados apresentados, observa-se, em primeiro lugar, a existência de uma maior variabilidade entre os informantes do Alentejo, quer na produção do ditongo, quer na produção da vogal. Verifica-se, ainda, que as diferenças observadas entre os informantes CCA e JLE, na região do Minho, não são estatisticamente significativas, no que diz respeito aos valores médios da duração do ditongo. Contudo, regista-se uma maior variabilidade entre os três informantes, quer no Minho, quer no Alentejo, quando se observam os valores relativos à duração da vogal [E].

4.2 - Formantes

No decurso deste trabalho, dedicámos particular atenção aos valores obtidos para as duas primeiras formantes, por se tratar de um parâmetro importante para a caracterização das sequências vocálicas em análise. Na Figura 32, destacam-se as

duas primeiras formantes da sequência vocálica [6j], na palavra «manteiga», produzida por um informante do Alentejo.

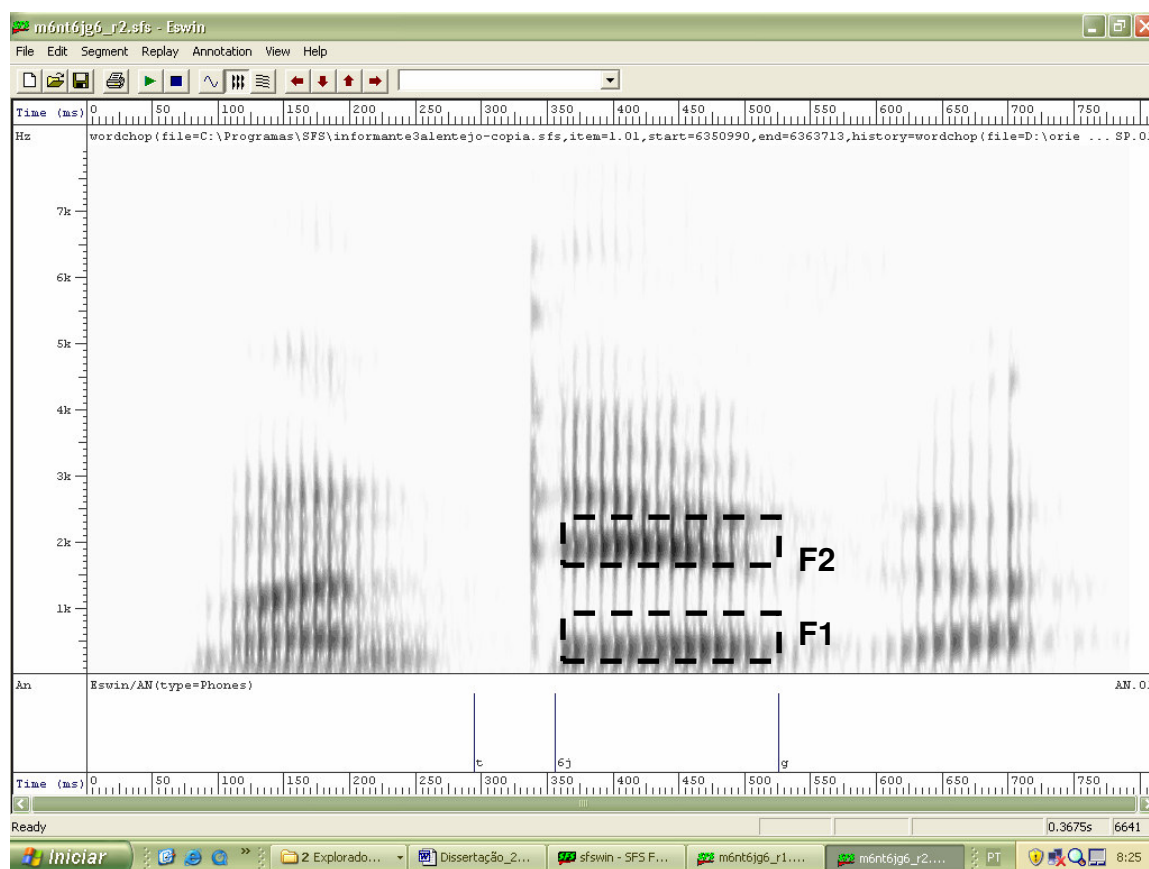


Figura 32: Espectrograma, com a indicação das duas primeiras formantes, da sequência vocálica [6j], na palavra *manteiga*, realizada por um informante do Alentejo.

No prosseguimento deste trabalho, recorreu-se a um programa automático (em linguagem SML) que permitiu extrair os valores de F_1 e de F_2 dos dois tipos vocálicos estudados. Efectuou-se a medida das duas primeiras formantes, ao longo do período de tempo dispendido pelos informantes, na produção dos segmentos vocálicos em análise. Esse período de tempo foi dividido em dez intervalos, correspondendo o primeiro ao início da sua realização (0%) e o último ao seu *terminus* (100%), o que permitiu efectuar onze medições. Os intervalos que medeiam entre estes dois valores correspondem à percentagem de tempo da duração total do segmento até então realizada. Os valores obtidos foram, depois, exportados para o programa de análise estatística SPSS que permitiu a obtenção dos gráficos que a seguir se apresentam.

4.2.1 - Resultados para [6j]

Na Figura 33, são visíveis os valores médios obtidos para as trajectórias de F_1 , nas duas regiões, para o ditongo [6j].

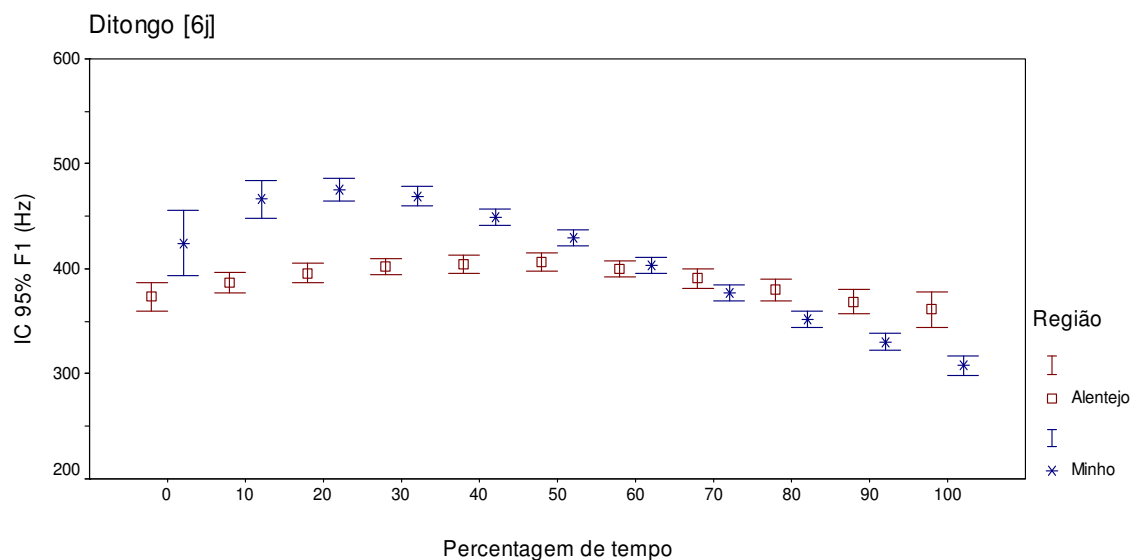


Figura 33: Valores médios da trajectória de F_1 , ao longo do tempo, para o ditongo [6j], nas duas regiões estudadas.

As trajectórias de F_1 , para o ditongo [6j], comprovam a existência de diferenças entre as duas variantes dialectais. Na região do Alentejo, os valores médios de F_1 registam uma descida progressiva, que ocorre, aproximadamente, a partir, da metade do período de tempo que os informantes demoraram a realizar a sequência vocálica. No Minho, os valores de F_1 descem a partir do intervalo de tempo que corresponde a cerca de 30% da realização total do segmento.

De facto, se excluirmos os valores medidos no primeiro e no último intervalo de tempo considerados, devido às possíveis influências dos sons contíguos ao ditongo, verificamos que, no Minho, inicialmente, se registam valores médios de F_1 que rondam os 460 Hz. No final, estes baixam para cerca de 350 Hz. No Alentejo, quer no início, quer no final da sequência vocálica, apuraram-se valores próximos dos 380 Hz, havendo, por isso, uma menor oscilação dos mesmos. Os valores obtidos, para as duas regiões, permitem concluir que, no final da sequência, foi produzida uma vogal baixa.

Os intervalos de confiança para os valores médios das trajectórias de F_2 , ao longo do tempo, nas duas regiões, encontram-se representados na Figura 34:

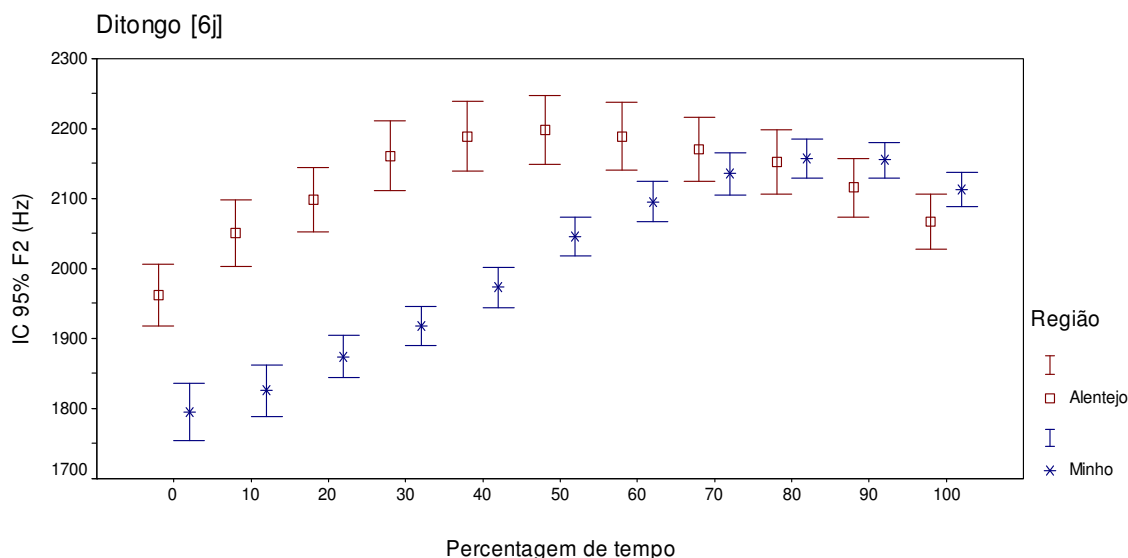


Figura 34: Valores médios da trajectória de F_2 , ao longo do tempo, para o ditongo [6j], nas duas regiões estudadas.

Se atentarmos na representação gráfica dos valores médios de F_2 , verificamos, de novo, a existência de diferenças consideráveis. Na região do Minho, a trajectória traçada pela segunda formante descreve um movimento ascendente, registando-se uma ligeira descida quando já se encontrava realizada cerca da 90% da sequência vocálica. Assim, os valores de F_2 oscilaram entre os 1800 Hz, no início da realização, e os 2150 Hz, aproximadamente, no final, sendo, por isso, típicos de uma vogal anterior.

Para a região do Alentejo, apurou-se uma gama de valores médios mais altos, na sua globalidade, que variou entre os 2050 Hz, no início, e os 2100 Hz, no final. A observação da figura permite verificar que até cerca de metade do tempo dispendido na realização do segmento vocálico, a trajectória de F_2 é ascendente, nas duas regiões, embora com valores diferenciados. Contudo, a partir desse momento, no Alentejo, começa a registar-se uma descida dos valores médios, ao mesmo tempo que, no Minho, esses mesmos valores continuam a subir, quase até ao final da produção da sequência. Concluindo, apesar de, no início, os valores se encontrem distantes, nas duas regiões, durante o percurso traçado por F_2 , ao longo do tempo, regista-se uma aproximação progressiva, que culmina em valores que se encontram

muito próximos (2150 Hz, no Minho, *versus* 2100 Hz, no Alentejo, aproximadamente), significando que, em termos articulatórios, estamos perante uma vogal baixa (tendo em conta os valores de F_1), e anterior (de acordo com os valores de F_2), nas duas regiões.

4. 2. 2. Resultados para [E]

Centremo-nos, agora, nos valores médios de F_1 , obtidos para a vogal [E], sistematizados na Figura 35:

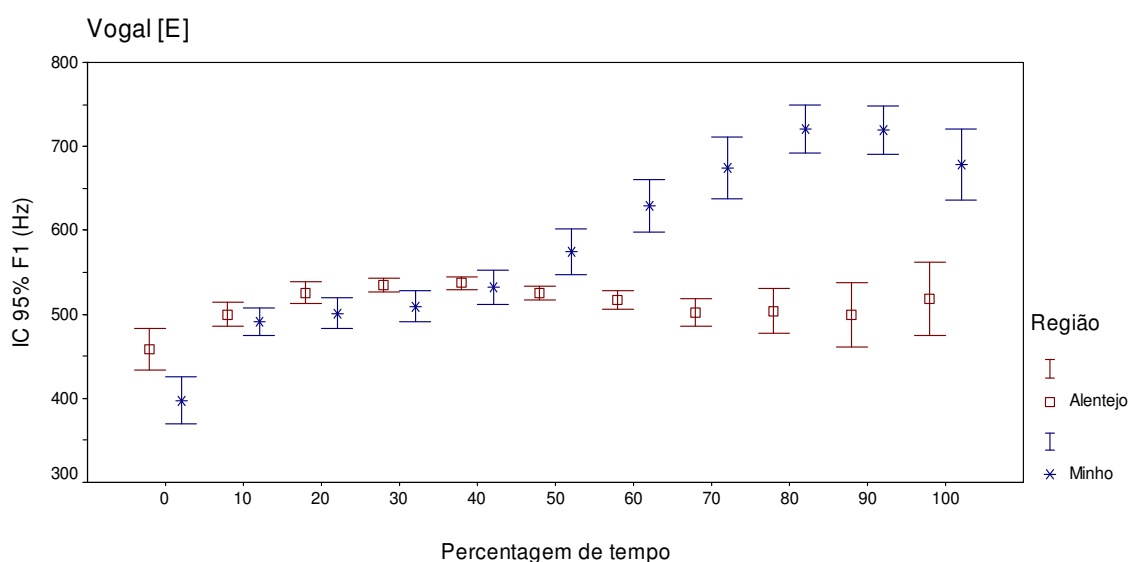


Figura 35: Valores médios da trajetória de F_1 , ao longo do tempo, para a vogal [E], nas duas regiões estudadas.

À semelhança do que foi observado para [6j], os resultados obtidos para F_1 põem em evidência as diferenças dialectais existentes entre as duas regiões. Para o Minho, a primeira formante da vogal [E] traça um percurso ascendente, registando uma ligeira descida, na parte final. No Alentejo, inicialmente, os valores não se afastam muito dos do Minho mas, na segunda metade da realização da vogal, a primeira formante apresenta percursos diferentes, nas duas regiões. No Minho, os valores de F_1 nunca se situam abaixo dos 400 Hz, chegando a ultrapassar os 700 Hz. No Alentejo, pelo contrário, os valores médios rondam sempre os 500 Hz.

Vejamos, por fim, qual o comportamento de F_2 , nas duas variantes dialectais, observando a Figura 36:

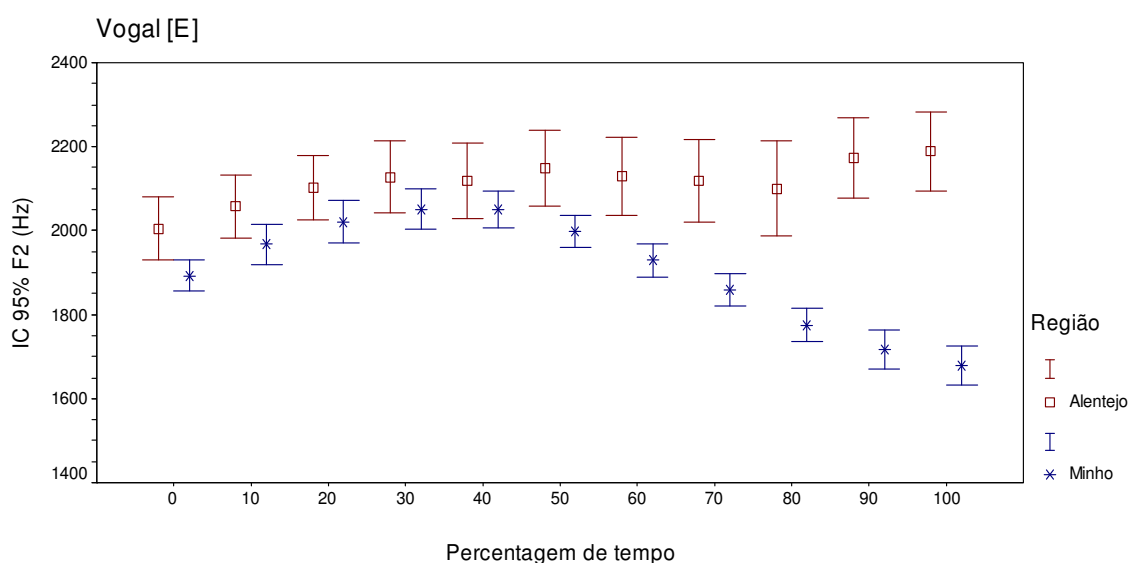


Figura 36: Valores médios da trajectória de F_2 , ao longo do tempo, para a vogal [E], nas duas regiões estudadas.

No Alentejo, F_2 apresentou valores sempre acima dos 2000 Hz, atingindo um pico máximo de, aproximadamente, 2100 Hz, na parte final (veja-se o intervalo de tempo correspondente a cerca de 90% da realização). No Minho, assiste-se a uma descida progressiva desses valores, a partir do momento que corresponde a, aproximadamente, 40% da duração total da vogal. Se, de início, os valores de F_2 se situam próximos dos 1900 Hz, para ambas as regiões, no final, divergem e, no Minho, situam-se entre os 1600 Hz e os 1700 Hz.

5. Discussão

Apesar de se tratar de um pequeno *corpus* e de um número reduzido de locutores, podem inferir-se algumas tendências a propósito da realização dos dois tipos vocálicos estudados, no âmbito deste trabalho, verificando-se a existência de variação, quer entre as variantes do Minho e do Alentejo, quer entre estas e a variante central.

5.1 - Ditongo [6j]

Da observação dos gráficos referentes à duração (Figuras 29, 30 e 31), conclui-se que existe uma variação significativa nos valores médios obtidos para este parâmetro. Os valores apurados para o ditongo [6j], no Alentejo, permitem considerar que, nesta região, há, de facto, uma tendência para a sua redução, descrita por vários autores (Vasconcellos, 1901 (1987), Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983), Segura da Cruz, 1991; Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)), agora confirmada pela análise experimental. De facto, a duração média do ditongo rondou os 139 milissegundos, valor bastante próximo do commumente apresentado para a vogal [e], na variante central do PE, que é de 131 milissegundos (Delgado-Martins, 1992, p. 130).

Considerando o comportamento individual dos informantes do Alentejo, verifica-se que, para um deles, foi apurado um valor médio de duração na ordem dos 110,97 milissegundos, sendo este muito baixo já para a vogal [e], quanto mais para poder ser atribuído a um ditongo.

Quando se comparam os resultados obtidos para a duração, nas duas variantes dialectais, é possível verificar que o limite inferior do intervalo de confiança para os valores médios, no Minho, toca o limite superior desse mesmo intervalo, apurado para o Alentejo. Este resultado não permite concluir que a diferença seja estatisticamente significativa, entre as duas regiões. De facto, durante o processo de segmentação do *corpus*, foi possível verificar que, na região do Minho, a pronúncia do ditongo [6j], pelo informante MLI, oscilava entre a realização plena do ditongo e a sua redução a [e], daí serem inferiores os valores médios obtidos para as produções deste informante, quando comparados com os restantes locutores dessa região.

No entanto, se considerarmos a totalidade dos indivíduos, conclui-se que, de facto, a duração do ditongo, no Minho, é superior à do Alentejo, resultado que parece confirmar a tendência para a monotongação, típica do Sul, e para a manutenção dos ditongos, característica da região setentrional (Vasconcellos, 1901 (1987), Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983), Segura da Cruz, 1991; Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)). Em síntese, parece trata-se de um fenómeno fonético de acentuado cariz regional, daí a sua elevada funcionalidade distintiva, para os

ouvintes recrutados para a realização dos testes perceptuais, como mostraram os resultados descritos no capítulo anterior.

Como os valores da duração nem sempre se revelam suficientes para o estudo dos fenómenos relacionados com o vocalismo, mais concretamente com a ditongação, determinaram-se os valores médios para as trajectórias de F_1 e de F_2 , constantes das Figuras 33 e 34, atrás apresentadas.

Da análise das trajectórias da primeira formante, infere-se que os locutores do Minho começam a fazer mais cedo a transição de um segmento vocálico para um outro o que, mesmo em termos perceptivos, nos dá a sensação de realização de um ditongo. Na verdade, a descida progressiva dos valores de F_1 , na região do Minho, prende-se com o facto de se realizar uma trajectória em direcção a uma vogal alta que se caracteriza por apresentar valores mais baixos, na primeira formante. Se confrontarmos os valores médios obtidos neste estudo (que rondam os 300 Hz, no final da produção da sequência) com os apontados para a variante central do PE, que se situam, aproximadamente, nos 300 Hz (Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126), conclui-se que se trata de configurações típicas da vogal [i].

Também os valores obtidos para F_2 , na região do Minho, desenham uma trajectória ascendente, que aponta para a realização de uma vogal anterior. Conjugando os valores médios de F_1 (cerca de 300 Hz) com os de F_2 (2150 Hz), por nós obtidos, e comparando estes com os valores de referência para o PE (respectivamente 300Hz e 2300Hz, aproximadamente, segundo Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126), conclui-se que se trata, efectivamente, da semivogal [j] que, associada a uma outra vogal, com ela constitui um ditongo.

Para além disso, uma vez que os valores de F_1 (cerca de 460Hz) e de F_2 (entre 1800 Hz e 2150Hz) apurados, neste estudo, na primeira parte da sequência vocálica, se aproximam dos valores de referência do PE (respectivamente 400Hz e 2100Hz, como preconiza Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126) para a vogal [e], julgamos poder afirmar que não só ocorre um fenómeno de ditongação, mas que se trata da realização de uma variante do ditongo [ej].

No Alentejo, quer no início, quer no final da sequência vocálica, para a primeira formante, apuraram-se valores aproximados de 380 Hz, que se assemelham aos valores de referência da vogal [e], na variante central do PE, que rondam os 400 Hz (Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126) e que são inferiores aos

do Minho. Relativamente aos valores médios de F_2 , obtidos neste trabalho, para o ditongo [6j], compreendidos entre os 2050 Hz e os 2100 Hz, verifica-se que estes se situaram mais próximos da gama de valores esperados para [e], que rondam os 2100 Hz (Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126).

A diferença entre os valores de F_1 e de F_2 , aliada aos valores da duração, anteriormente analisados e discutidos, e às trajectórias das duas primeiras formantes, ao longo do tempo, permitem defender que, no Minho, as sequências produzidas pelos informantes assumem uma configuração ditongal enquanto que as dos informantes do Alentejo se apresentam com características mais próximas das de uma vogal, como ilustra a Figura 37. Nela, é possível verificar que, na região do Alentejo, os valores da primeira e da segunda formantes se encontram mais estáveis, ao longo da produção da sequência e que, no Minho, se regista uma divergência na direcção da primeira e da segunda formantes: a primeira formante toma uma direcção descendente e a segunda segue uma direcção ascendente. Esta trajectória das formantes ilustra a tendência para a manutenção do ditongo, nos informantes da região do Minho e para a sua redução, pelos informantes da região do Alentejo.

A - Alentejo

B - Minho

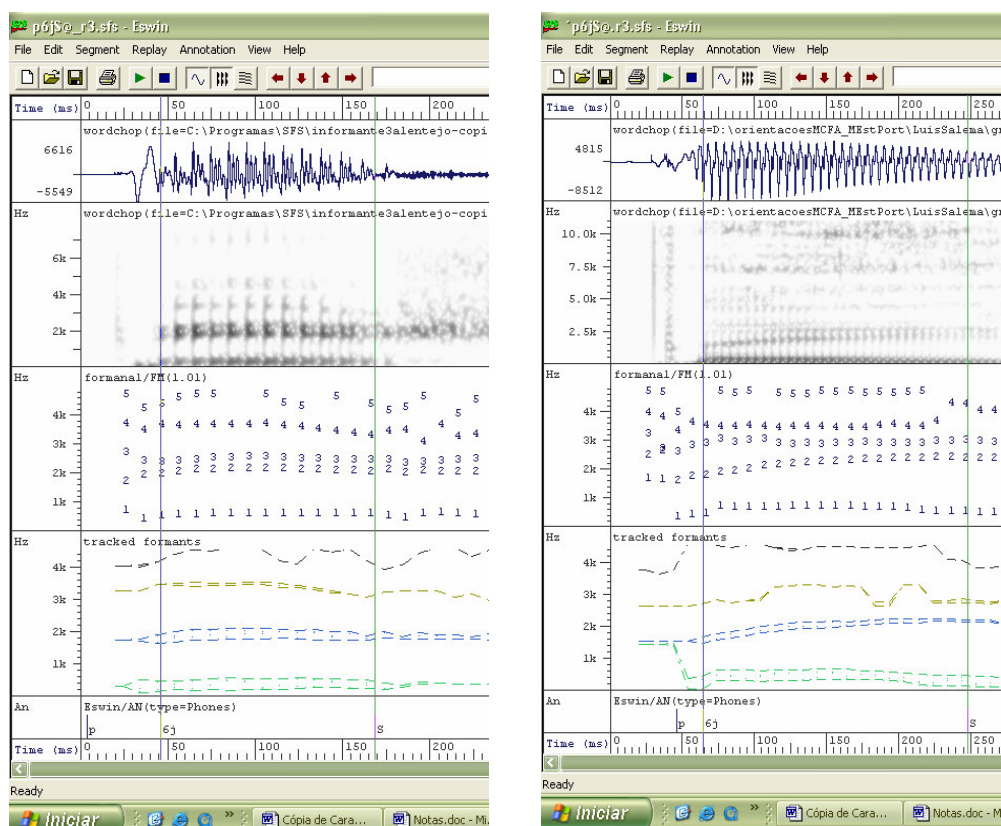


Figura 37: Anotação do ditongo [6j], em duas realizações da palavra *peixe*, produzidas por um informante de cada uma das regiões.

5.2 - Vogal [E]

Relativamente à vogal [E], ela aparece-nos com uma duração incomparavelmente mais longa (150,95 ms, para o Alentejo e 253,67, para o Minho) do que aquela que, habitualmente, surge apontada como valor de referência para o dialecto padrão do PE - 106 milissegundos (Delgado-Martins, 1992, p. 130). Os resultados obtidos para ambas as regiões são de tal modo elevados que são já indicadores de que não pode tratar-se de uma vogal simples.

Relacionando os resultados apurados para a duração com as trajetórias formânticas de F_1 e de F_2 , poderemos dizer que, no Alentejo, à vogal [E] poderá ter sido adicionada uma vogal alta, próxima das características de [i], visto os valores de F_1 e de F_2 se situarem na gama dos que, normalmente, são atribuídos à vogal [i].

Relativamente à primeira parte da sequência vocálica, se atentarmos nos valores médios apurados para F_1 (cerca de 500 Hz) e de F_2 (aproximadamente, 2000 Hz), poderemos dizer que se trata da vogal [E], facto que é confirmado pelos valores de referência apontados para a variante central do PE (respectivamente, 500 Hz e 1900 Hz, segundo Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126).

Conjugando estes dois parâmetros - duração e formantes - poderemos dizer que, no Alentejo, ocorre a paragoge da vogal [i] que, ao ser adicionada à vogal [E], forma o ditongo [Ej], sendo esta realização, em estudos anteriores, apresentada como típica dos dialectos meridionais (Boléo e Silva, 1961 (1974), Maia (1975), Segura da Cruz (1991)).

Na região do Minho, a vogal [E] apresentou também valores médios de duração muito elevados. O resultado revelou-se inesperado e permitiu equacionar a possibilidade de essa sequência não poder ser constituída por uma vogal simples, devido ao valor médio de duração apurado que, recorde-se, foi de 253,67 milissegundos. Se, por outro lado, atentarmos nos valores médios de F_1 , para a vogal [E], na sua parte final, verificamos que estes se situaram próximos dos 500 Hz, valor de referência também apurado para a vogal [6], na variante central do PE (Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126), o mesmo acontecendo para F_2 . Neste caso, os valores por nós obtidos situaram-se em torno dos 1700 Hz, próximos dos propostos para essa mesma vogal, no dialecto padrão da língua portuguesa europeia, que rondam os 1600 Hz (Delgado-Martins, 1973, cit. por Mateus *et. al.* 2005, p. 126).

Concluindo, podemos afirmar, que no Minho, na parte final das palavras terminadas em [E], há uma tendência para o abaixamento e para a centralização do segmento vocálico, originando o aparecimento de uma vogal com características próximas de [6]. A associação destes dois segmentos resulta no encontro vocálico [E6].

Esta análise relativa aos dados recolhidos para a região do Minho vai ao encontro dos estudos que referem a presença de vogais paragógicas, nos dialectos setentrionais (Boléo e Silva, 1961 (1974); Cintra, 1971 (1983); Paiva, 2005; Vázquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971, (1980)). Contudo, nestes trabalhos, considera-se que o contexto potenciador dessa adição é aquele em que a palavra termina num ditongo decrescente e, normalmente, refere-se a paragoge vocálica de [@]. No presente

estudo, verifica-se que há também outro contexto potenciador deste tipo de fenómeno e que a vogal adicionada, com base no que acima se referiu, também poderá ser outra: no nosso caso, [6].

A Figura 38 ilustra os dois fenómenos fonéticos que acabámos de discutir: a existência de vogais paragógicas, adicionadas à vogal [E], quer no Alentejo, quer no Minho:

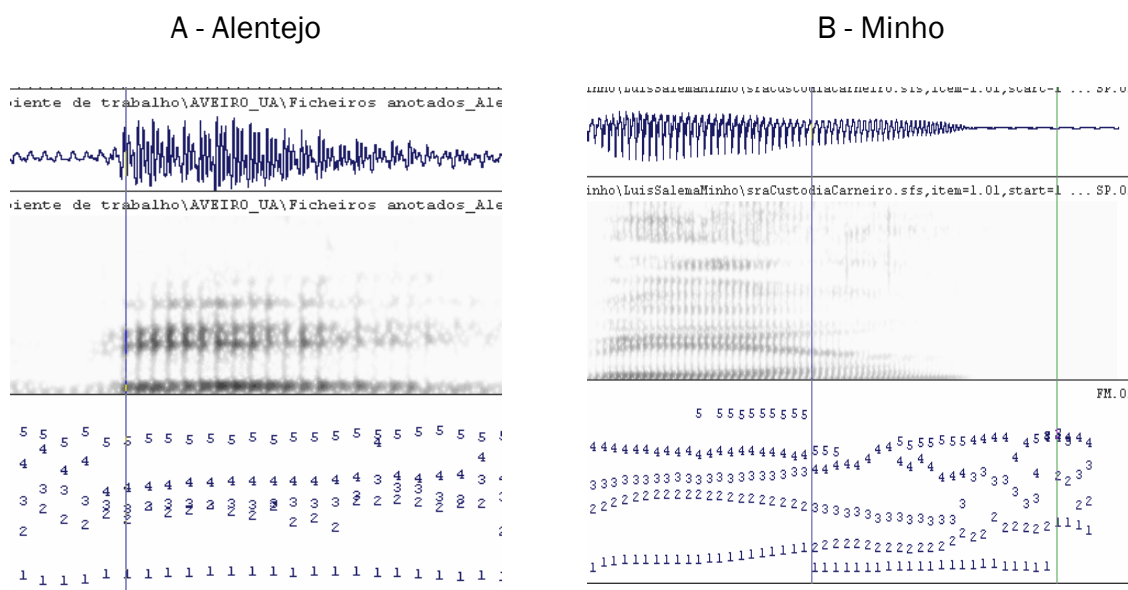


Figura 38: Sequência final das realizações da palavra *bebé*, produzidas por um informante de cada uma das regiões.

6. Conclusões

Tendo em conta os procedimentos experimentais adoptados ao longo deste capítulo e os resultados obtidos, é possível concluir que existem, de facto, características mensuráveis que justificam a existência da variação linguística, no PE falado no território de Portugal Continental.

Os valores da duração podem não ser suficientes para documentar a existência de variação porque a variabilidade inter-locutores, neste parâmetro, nem sempre permite tirar conclusões seguras. No entanto, se aliarmos à duração os valores de F_1 e de F_2 e se observarmos as trajectórias destas formantes, ao longo do tempo, ficamos

na posse de um conjunto de dados que possibilita a obtenção de conclusões mais fundamentadas.

Assim, o ditongo, no Alentejo, tende a ganhar as características próprias da vogal [e] enquanto que a vogal [E] aparece ditongada, devido à paragoge de [j], resultando no ditongo [Ej]. No Minho, verifica-se a manutenção do ditongo [ej]. Para além disso, a maior duração atribuída à vogal [E] decorre de um fenómeno de paragoge, como acontece no Alentejo, mas com características distintas, visto que os valores formânticos, para este caso, se aproximam dos da vogal [6], não originado, por isso, um ditongo ²⁹.

Concluindo, as sequências vocálicas estudadas podem desempenhar um papel importante na categorização das duas variantes do PE, pois os parâmetros analisados comprovam a existência de variação, quer na produção do ditongo [6j], quer na produção da vogal [E].

²⁹ Etimologicamente, a palavra ditongo (do grego «diphthongos»), significa «que tem dois tons; que consiste em som duplo» (Machado, 1977, p. 348). Contudo, a palavra sofreu uma evolução semântica e a definição de ditongo é, hoje, mais complexa. Um ditongo é «uma sequência vocálica, no interior de uma única sílaba, formada por uma vogal e uma semivogal, ou por uma semivogal e uma vogal, em que a vogal constitui o núcleo de sílaba. Do ponto de vista fonético, a dependência da semivogal em relação ao núcleo silábico é assinalada acusticamente por um movimento contínuo rápido de transição dos formantes» (definição disponível em www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm). Tendo em conta esta definição e a análise espectral, a sequência vocálica [E6] não pode constituir um ditongo, pois nessa produção não ocorre o tal «movimento contínuo rápido de transição de formantes». Para além disso, nenhum dos elementos que constitui a sequência é uma semivogal. Se, do ponto de vista etimológico, estamos, de facto, perante um encontro de dois tons, de acordo com os critérios utilizados para a definição de ditongo, a referida sequência não reúne todas as condições para o ser.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

1. Síntese do trabalho realizado

A consciência de que uma língua falada é uma realidade em constante mutação fez com que a Linguística abandonasse, progressivamente, a dimensão prescritiva e adoptasse um ponto de vista descritivo. À ideia de prescrição estava ligado o conceito de «falar correctamente uma língua» e, por isso, eram silenciados todos os desvios à norma. Durante muitos anos, o estudo das línguas assentou nessas variedades tidas como socialmente mais prestigiantes, que eram sinónimo de correcção, devendo, por isso, ser adoptadas por todos os falantes, em detrimento das variedades regionais, que pareciam pôr em causa a «pureza» e o valor da língua. Paulatinamente, os linguistas começaram a olhar para a variação como um fenómeno inevitável, testemunho da riqueza e da vitalidade de um idioma. Longe de ser banida, a variação linguística deve ser estudada, descrita e preservada. A multiplicidade de abordagens, o cruzamento de saberes e o aparecimento de novos métodos de análise, sobretudo com o advento da Informática, trouxeram ao estudo e à descrição das línguas um leque de possibilidades que ainda não se abriu por completo.

Apesar da grande homogeneidade que caracteriza a língua portuguesa, na sua variante europeia, a variação regional é comumente aceite e reconhecida, com maior ou menor facilidade, pelos falantes. A presença ou a ausência de determinados fenómenos fonéticos permitem distinguir, por exemplo, um falante do Norte de um outro, originário do Sul do país. No entanto, a vitalidade, a sobrevivência e o âmbito geográfico das diferentes variantes dialectais não têm sido objecto de estudos aprofundados no campo da Fonética Experimental. As novas possibilidades de análise, com o recurso, hoje mais facilitado, ao tratamento computacional, podem lançar uma nova luz sobre a abordagem da variação regional do PE, quer na área da produção, quer na da percepção da fala.

Após um enquadramento teórico e conceptual, baseado em vários estudos de dialectologia realizados em Portugal, o presente trabalho pretendeu dar um contributo

para o estudo da variação regional do PE falado no território do continente, quer no âmbito da percepção da fala, através da categorização dos dialectos, quer no da produção, através de gravações *in loco*, em duas regiões do país (Minho e Alentejo), e no estudo acústico do material recolhido.

A pesquisa realizada iniciou-se com uma revisão bibliográfica que permitiu conhecer diferentes propostas de classificação dialectal e os fenómenos fonéticos que as legitimam. De seguida, fez-se uma selecção dos fenómenos que surgem referidos, com maior frequência, nos estudos dos diferentes autores, tendo em vista a elaboração dos testes perceptuais.

Para a realização dos testes, seleccionaram-se *ítems* linguísticos que permitissem ilustrar seis fenómenos fonéticos seleccionados para o estudo da variação regional do PE. Os *ítems* seleccionados faziam parte de um *corpus* já gravado, que apresentava uma cobertura regional que ia ao encontro do estudo que se pretendia efectuar. Foram, então, elaborados um teste de identificação e um de discriminação, aplicados a ouvintes com perfis diferenciados. Os resultados obtidos nestas provas permitiram seleccionar duas regiões dialectais para a realização de uma pesquisa centrada na duração e nos valores formânticos.

Para que fosse possível realizar este trabalho experimental, centrou-se a investigação na produção de duas sequências vocálicas, desenhou-se um corpus específico e procedeu-se à sua gravação nas regiões do Minho e do Alentejo. Por fim, procedeu-se à análise do material de fala recolhido, com a preocupação de verificar de que forma os parâmetros e os fenómenos seleccionados comprovam a existência de variação, entre as duas regiões.

2. Principais resultados e conclusões

O trabalho realizado permitiu concluir que nem sempre é fácil determinar, com exactidão, a origem geográfica de um falante. Contudo, os indivíduos tendem a reconhecer a existência de fenómenos de variação, ora porque conseguem detectar afastamentos na pronúncia das palavras, relativamente à variante que falam, ora porque reconhecem semelhanças nessa pronúncia. Tendo em conta os dois testes de percepção aplicados, a região da Beira Litoral surgiu como uma das menos marcadas,

parecendo estar foneticamente mais próxima da variante central do PE. Talvez por isso, o dialecto desta região foi aquele que obteve percentagens de identificação e de discriminação correctas mais elevadas, tendo sido identificado pela ausência da presença de variantes, quando comparado com os dialectos de outras regiões. Como já se referiu, a ausência de determinados fenómenos também pode ser importante para a identificação de uma região dialectal, estabelecendo-se essa identificação através de uma relação de contraste, pela negativa, ou seja, como o ouvinte não identifica nenhuma marca estereotipada na produção do falante, exclui as regiões em que tal fenómeno seria de esperar e opta por uma região em que tal fenómeno não acontece. Na bibliografia consultada, a caracterização de uma determinada região dialectal é sempre feita à custa de um número mais ou menos significativo de traços, como se verifica na revisão bibliográfica efectuada no primeiro capítulo desta dissertação. No entanto, a ausência desses traços também pode ser importante para a identificação de uma determinada região, como parecem comprovar os resultados obtidos nos testes perceptuais que se realizaram.

A monotongação do ditongo [6j] revelou-se o fenómeno mais produtivo para o reconhecimento da variação linguística, nos testes aplicados. Os estudos acústicos realizados atestam a tendência para a presença dessa monotongação, na região do Alentejo, e para a manutenção do ditongo, na região do Minho. Os valores da duração e das primeira e segunda formantes permitem concluir que essa tendência para a manutenção do ditongo, no Norte, e para a sua redução, no Sul, desde sempre descritas, mantêm a sua vitalidade e assumem-se como importantes marcas regionais, convocadas aquando da realização de uma tarefa de categorização dialectal.

A análise efectuada permitiu, ainda, considerar a existência de um fenómeno de ditongação, com a vogal [E], em sílaba final acentuada, na região do Alentejo. Ao contrário do que é próprio dos dialectos meridionais, que tendem a monotongar determinadas sequências, assiste-se a um fenómeno de ditongação de uma vogal, comportamento mais frequente nos dialectos setentrionais. Esta variação da vogal [E], no contexto já descrito, parece apresentar um acentuado cariz regional, se atentarmos, mais uma vez, nos valores da duração e nos valores formânticos. No Minho, a mesma vogal apareceu com valores de duração ainda maiores do que os que foram constatados para o Alentejo, resultantes não de um alongamento desse

segmento, mas sim da aposição de um outro tipo vocálico, a vogal [6]. Este fenómeno deverá ser estudado com maior profundidade, em trabalhos futuros.

A metodologia seguida, no decurso desta dissertação, pretendeu conciliar as conclusões retiradas de uma tarefa de índole perceptual com a realização de um estudo acústico, assente em material gravado no terreno. As opções tomadas são, certamente, discutíveis e foram algumas das que se ofereciam como possíveis. As conclusões obtidas estão longe de poder ser generalizadas, constituindo, sem dúvida, resultados preliminares.

3. Sugestões de continuação

A constituição de *corpora* específicos para a realização de testes perceptuais que objectivem a categorização dialectal poderá originar resultados díspares dos aqui apresentados. Para se avaliar, com exactidão, a percepção que os falantes nativos ou estrangeiros do PE têm da variação regional, é necessário aplicar os testes a um maior número de informantes. No recrutamento dos mesmos, deverá ser tida em conta a sua história residencial, o seu contacto com as diferentes variantes regionais e a sua formação académica. Com um *corpus* específico, um maior número de falantes e de ouvintes, os resultados obtidos permitirão conclusões mais sólidas.

No campo da produção, para que o estudo da variação possa ser mais completo, não se poderá estudar apenas a vitalidade e a importância de um único fenómeno fonético. Seguindo uma metodologia semelhante à que aqui foi descrita ou outra, bastante diversa, é possível verificar a presença ou a ausência de vários fenómenos, numa determinada região e, assim, contribuir para um maior conhecimento da variação regional do PE, não só no território de Portugal Continental, mas também nos arquipélagos dos Açores e da Madeira, que não foram contemplados, pelas razões enunciadas no início desta dissertação. Só assim será possível aquilatar a pertinência e a sobrevivência dos fenómenos fonéticos referidos ao longo deste trabalho ou de outros que se venham a julgar pertinentes.

Apesar das suas limitações, este foi, quanto é do nosso conhecimento, um dos primeiros trabalhos centrados na categorização perceptual das variantes dialectais do PE, que procurou aliar as vertentes da produção e da percepção da fala. Fica aberto o

caminho para que seja possível analisar quais as variantes dialectais que se encontram em processo de expansão e de retracção e quais os fenómenos fonéticos que intervêm nesses processos.

Ao longo deste trabalho, a procura de respostas para um problema, levantou novas questões, novos tópicos que merecem um olhar mais atento. E é assim, como um começo, que gostaríamos que fosse visto o presente estudo, pois só dessa maneira é que se poderá entender a consecução do seu objectivo maior: obter um conhecimento mais pormenorizado da variação linguística do PE falado nas diferentes regiões do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Citadas:

- Aitchison, Jean (1993). *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Lisboa: Europa-América.
- Alvar, Manuel (1961). Hacia los Conceptos de Lengua, Dialecto e Hablas. In *Nueva Revista de Filología Hispânica*. 15. pp. 51-60.
- Andrade, Amália (1992). Ainda as vogais de Sagres. Estudo fonético da distinção recuado/não recuado. *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística- Lisboa*. Associação Portuguesa de Linguística, pp. 37-58.
- Azevedo, Milton M. (2005). *Portuguese – A Linguistic Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Baptista, Cândida da Saudade Costa (1967). *O Falar da Escusa*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Boléo, M. Paiva (1974). *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica – vol I – Dialectologia e História da Língua*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Boléo, M. Paiva e M. H. S. Silva (1961). O Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental. In *Boletim de Filologia*. XX, pp. 85-112 (Comunicação feita ao IX Congresso Internacional de Linguística Românica, Lisboa, 1959). Republicado em *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica – vol I – Dialectologia e História da Língua*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1961). *Monsanto. Etnografia e Linguagem*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Carreiro, Maria Eduarda Ventura (1948). *Monografia Linguística de Nisa*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Casteleiro, João Malaca (1975). Aspectos do Português Falado no Interior do País. In *Boletim de Filologia*. Tomo XXIV. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. pp. 57-73.
- Castro, Ivo (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chambers, Jack K. e Peter Trudgill (1988) *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.

- Cintra, Luís Filipe Lindley (1983). Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. In *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, pp. 35-54.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. In *Boletim de Filologia*, XXII, 81-116. Republicado em *Estudos de dialectologia portuguesa*, 1983. Lisboa: Sá da Costa Editora, pp. 117-164.
- Clopper, Cynthia G. e David B. Pisoni (2005). Perception of Dialect Variation. In David B. Pisoni e Robert E. Remez. In *The Handbook of Speech Perception*. Malden: Blackwell Publishing.
- Clopper, Cynthia G. (2004). *Linguistic Experience and the Perceptual Classification of Dialect Variation*. In http://ling.northwestern.edu/~cci623/clopper_thesis.pdf. (cit. em 12 de Abril de 2006).
- Clopper, Cynthia G. e David B. Pisoni (2004). Effects of Talker Variability on Perceptual Learning of Dialects. In *Language and Speech*, 47 (3), pp. 207-239.
- Cunha, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra (1994). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa. (10ª edição).
- Delgado-Martins, Maria Raquel (1992). *Ouvir Falar: Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho.
- Dubois, Jean et al. (1978). *Dicionário de Linguística*. Rio de Janeiro: Cultrix.
- Faria, I. H., C., Gouveia, E. Pedro e I. Duarte (orgs.) (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. Caps. 10 e 11.
- Ferreira, Manuela Barros et al. (1996). Variação linguística: perspectiva dialectológica. In Isabel Hub Faria et al. (orgs.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 479-502.
- Fromkin, Victoria e Robert Rodman (1993). *Introdução à Linguagem*. Coimbra: Almedina.
- Iordan, Iorgu (1982). *Introdução à Linguística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste de Gulbenkian.

- Kerswill, Paul e Ann Williams (2002). Dialect recognition and speech community focusing in new and old towns in England: the effects of dialect levelling, demography and social networks. In Daniel Long e Dennis Preston (eds.) *A Handbook of Perceptual Dialectology*, Vol. 2. Amsterdam: Benjamins, pp. 178–207 (disponível em <http://www.ling.lancs.ac.uk/staff/kerswill/pkpubs/KerswillWilliams2002DialectRecognition.pdf>. [cit. em 27 de Julho de 2006]).
- Ladefoged, Peter (2003). *Phonetic Data Analysis - An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Malden: Blackwell Publishing.
- Lai, Jean-Pierre (ed.) (2005). *Project AMPER- Atlas multimédia prosodique de l'Espace roman - Géolinguistique*, Hors série n.º 3, Grenoble: Université Stendhal – Grenoble 3.
- Machado, José Pedro (1977). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – II volume*, Lisboa: Livros Horizonte (3ª ed.).
- Maia, Clarinda de A. (1975). Os Falares do Algarve. Inovação e Conversação. In *Revista Portuguesa de Filologia*. Vol. XVII. Tomos I e II. Coimbra.
- Maingueneau, Dominique (1997). *Introdução à Linguística*. Lisboa: Gradiva.
- Mateus, Maria Helena Mira e Alina Villalva (2006). *O Essencial sobre Linguística*, Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena Mira; Isabel Falé e Maria João Freitas (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, Maria Helena Mira e Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.) (2005) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho (5ª ed. revista e aumentada).
- Mateus, Maria Helena Mira (2003). Dialectos e variedades do Português. In Maria Helena Mira Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho (5ª ed. revista e aumentada), p. 39-51.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (1994). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho (4ª ed.).
- Mateus, Maria Helena Mira, Amália Andrade, Maria do Céu Viana e Alina Villalva (1991). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Miguel, Maria Augusta Cavaco (2006). Vogais nasais e nasalizadas: uma falsa questão? In Maria Clara Rolão Bernardo e Helena Mateus Montenegro (org.). *I Encontro de Estudos Dialectológicos - Actas*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Mota, Maria Antónia (2001). Variação e diversidade linguística em Portugal. In Maria Helena Mira Mateus (coord.) *Mais Línguas, Mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*. Lisboa: Colibri, pp. 27-34.
- Moutinho, Lurdes de Castro; Rosa Lúcia Coimbra; António Teixeira e Mário Pereira (2005). Variação entoacional em três áreas dialectais de Portugal Continental. In Jean-Pierre Lai (ed.), *Project AMPER Atlas multimédia prosodique de l'Espace roman - Géolinguistique*, Hors série n.º 3, pp. 19-37.
- Moutinho, Lurdes de Castro et al. (2004). Variação entoacional inter e intra regional no Português europeu, *Actas do II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia*, Maranhão, Brasil (disponível em www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/files/publicacoes/2CIFF_noprelo.pdf. [cit. em 25 de Julho de 2006]).
- Moutinho, Lurdes de Castro et al., (2001). Atlas prosódico multimédia: curvas de uma trajectória. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Coimbra*. Associação Portuguesa de Linguística, pp. 387-391.
- Nielsen, Daniel e Jennifer Hay (2006). *Perceptions of Regional Dialects in New Zealand*. disponível em <http://www.ling.canterbury.ac.nz/jen/documents/nielsen-hay.pdf> . (cit. em 27 de Julho de 2006).
- Paiva, Silvana Marta Pinho (2005). *Síntese por Concatenação de Variantes Regionais: Falar do Porto*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Peres, João Andrade e Telmo Mória (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Rodrigues, Maria Celeste Matias (2003). *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- Rua, Carla Marina Amorim Tavares (2005). *Ditongos Oraís no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Saussure, Ferdinand de (1978). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

- Segura da Cruz, Maria Luísa (1991). *O Falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Segura da Cruz, Maria Luísa (1989). La palatilisación de [u] dans le Barlavento Algarvio. In *Espaces Romans*. Grenoble: Université de Stendhal. Grenoble III.
- Segura da Cruz, Maria Luísa (1987). *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação (Provas de acesso à categoria de investigador auxiliar). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Teixeira, António et al. (2003). *Novo Corpus Acústico para Estudo das Vogais Nasais do Português Europeu Contemplando Variedades Regionais e Contextuais* (Relatório Técnico nº FAPL 1/2003, Projecto Phonetics Applied to Speech Processing: The Portuguese Nasals, PCTI P/PLP/36427/99). Aveiro: CLC/IEETA - Universidade de Aveiro.
- Teixeira, António (2000). *Síntese Articulatória das Vogais Nasais do Português Europeu*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Teixeira, António e Francisco Vaz (2000). *A Suite of Tcl/Tk Programs for Perceptual Tests* (Relatório Técnico nº SAP 2/2000, Projecto Síntese Articulatória do Português, P/PLP/11222/1998). Aveiro: IEETA – Universidade de Aveiro.
- Teixeira, José (2006). Modelos semânticos e variação diatópica. In Maria Clara Rolão Bernardo e Helena Mateus Montenegro (org.). *I Encontro de Estudos Dialectológicos - Actas*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Teysier, Paul (2001). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa (8ª ed.).
- Vasconcellos, J. L. de (1901). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Thèse pour le Doctorat de l'Université de Paris, Faculté de Lettres, Paris; Ed. crítica M. A. Valle Cintra (1987). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/INIC (3ª ed.).
- Vasconcellos, J. L. de (1985). *Opúsculos* (Dialectologia). Org. por Maria Adelaide Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vázquez Cuesta, Pilar e Maria Albertina Mendes da Luz (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*. Trad. de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos (1980). Lisboa: Edições 70.

Outras fontes consultadas:

- Baylon, Christian e Paul Fabre (1979). *Iniciação à Linguística*. Coimbra: Almedina.
- Bernardo, Maria Clara Rolão e Helena Mateus Montenegro (2003). *O Falar Micaelense: Fonética e Léxico*, s.l.: João Azevedo Editor.
- Boléo, M. de Paiva (1952). *O Estudo dos Dialectos e Falares Portugueses*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Castro, Ivo (2004). *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo*. Lisboa: Colibri.
- Chambers, Jack K.; Peter Trudgill e Natalie Schilling-Estes (2004). *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden: Blackwell Publishing.
- Delgado-Martins, Maria Raquel (2002). *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Caminho.
- Ducrot, Oswald e Tzvetan Todorov (1982) *Dicionário de Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Fonseca, Fernando Venâncio Peixoto da (1985). *O Português entre as Línguas do Mundo (Situação. História. Variedades)*. Coimbra: Almedina.
- Halle, M. (1984). Fonética. *Enciclopédia Einaudi. Vol. 2: Linguagem e Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. pp. 132-155.
- Hora, Dermeval e Fabiana de Souza Silva (1999) Processo de Monotongação em João Pessoa. In *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Aveiro, Vol. 2*. Associação Portuguesa de Linguística.
- Ladefoged, Peter (2003). *Phonetic Data Analysis - An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Malden: Blackwell Publishing.
- Lai, Jean-Pierre (ed.) (2005). *Project AMPER- Atlas multimédia prosodique de l'Espace roman - Géolinguistique*, Hors série n.º 3, Grenoble: Université Stendhal – Grenoble 3.
- Mateus, Maria Helena Mira (org.) (2002). *As línguas da Península Ibérica*. Arrábida, 2001. Lisboa: Edições Colibri.
- Mateus, Maria Helena Mira (coord.) (2001). *Mais Línguas, Mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*. Lisboa: Colibri.
- Morais Barbosa, J. (1994). *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.

- Moutinho, Lurdes de Castro e Jean-Pierre Zerling (2002-2003). Os ditongos Orais em Português - Estudo Acústico Preliminar. In *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, nº 19/20, pp. 157-177.
- Moutinho, Lurdes de Castro (2000). *Uma Introdução ao Estudo da Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Plátano Editora.
- Pisoni, David B. e Robert E. Remez (2005). *The Handbook of Speech Perception*. Malden: Blackwell Publishing.
- Tchougounnikov, Serguei (2004). Sur la genèse de la notion de dialecte dans la pensée linguistique russe: dialectes et problèmes des formes organiques. In *Langage & Société*, nº 110, Dezembro de 2004, pp. 53-63.

ANEXOS

1. ALFABETO SAMPA PARA O PORTUGUÊS

Consoantes

Símbolo	Palavra	Transcrição fonética
---------	---------	----------------------

Oclusivas

p	pai	[paj]
b	barco	[ˈbarku]
t	tenho	[ˈtɐ̃ʁu]
d	doce	[ˈdos@]
k	com	[ko~]
g	grande	[ˈgrɐ̃d@]

Fricativas

f	falo	[ˈfalɐ]
v	verde	[ˈverd@]
s	céu	[sɐw]
z	casa	[ˈkazɐ]
ʃ	chapéu	[ʃapɐw]
ʒ	jóia	[ˈʒojɐ]

Nasais

m	mar	[mar]
n	nada	[ˈnadɐ]
ɲ	vinho	[ˈviɲu]

Líquidas

Laterais

l	lanche	[ˈlɐ̃s@]
ʎ	trabalho	[trɐ̃ˈbalu]

ALFABETO SAMPA PARA O PORTUGUÊS (continuação)

Símbolo	Palavra	Transcrição fonética
Vibrantes		
r	caro	[ˈkaru]
R	rua	[ˈRuɐ]

Vogais e semi-vogais (ou glides)

Vogais orais

i	livro	[ˈlivru]
e	fazer	[fɐˈzer]
E	belo	[ˈbElu]
a	falo	[ˈfalu]
ɐ	madeira	[mɐˈdɐjɐ]
O	olhos	[ˈOLuS]
o	lobo	[ˈlobu]
u	futuro	[fuˈturu]
@	felizes	[f@ˈliz@S]

Vogais nasais

i~	fim	[fi~]
e~	emprego	[e~ˈpreɣu]
ɐ~	irmã	[irˈmɐ~]
o~	bom	[bo~]
u~	um	[u~]

Semi-vogais (ou glides)

w	mau	[maw]
j	mais	[majS]

2. LISTA DE PALAVRAS DO CORPVS «FONÉTICA APLICADA AO PROCESSAMENTO DA FALA: AS NASAIS DO PORTUGUÊS».

t 01 i 01	pantufa
t 01 i 02	tampa
t 01 i 03	estante
t 01 i 04	tanque
t 01 i 05	campo
t 01 i 06	pente
t 01 i 07	penca
t 01 i 08	oitenta
t 01 i 09	quente
t 01 i 10	pintor
t 01 i 11	tinto
t 01 i 12	quinta
t 01 i 13	ponte
t 01 i 14	compras
t 01 i 15	conta
t 01 i 16	conquistador
t 01 i 17	cumprimentar

t 02 i 01	bambu
t 02 i 02	bandeira
t 02 i 03	gamba
t 02 i 04	propaganda
t 02 i 05	ganga
t 02 i 06	cabendo
t 02 i 07	bengala
t 02 i 08	podendo
t 02 i 09	bimbo
t 02 i 10	bingo
t 02 i 11	guindaste
t 02 i 12	bombeiro
t 02 i 13	redondo
t 02 i 14	candongueiro
t 02 i 15	gôndola
t 02 i 16	gongo
t 02 i 17	bumba
t 02 i 18	segunda

t 03 i 01	pandeireta
t 03 i 02	tambor
t 03 i 03	tango
t 03 i 04	cambalhota
t 03 i 05	candeeiro
t 03 i 06	canguru
t 03 i 07	setembro
t 03 i 08	estendal
t 03 i 09	pimba
t 03 i 10	pinguim
t 03 i 11	pombo
t 03 i 12	comboio
t 03 i 13	condão
t 03 i 14	rotunda
t 03 i 15	secundário

t 04 i 01	banco
t 04 i 02	estudante
t 04 i 03	gigante
t 04 i 04	rebentar
t 04 i 05	dente
t 04 i 06	pedinte
t 04 i 07	seguinte
t 04 i 08	mastodonte
t 04 i 09	pergunta

t 05 i 01	fanfarra
t 05 i 02	chanfrado
t 05 i 03	avançar
t 05 i 04	ascensor
t 05 i 05	gengiva
t 05 i 06	vencimento
t 05 i 07	ginjinha
t 05 i 08	cinzento
t 05 i 09	província
t 05 i 10	afonso
t 05 i 11	sonso
t 05 i 12	zozzo
t 05 i 13	funchal
t 05 i 14	jejum
t 05 i 15	fungicida

t 06 i 01	amamos
t 06 i 02	amámos
t 06 i 03	manta
t 06 i 04	mancha
t 06 i 05	membrana
t 06 i 06	mentiroso
t 06 i 07	mensal
t 06 i 08	domingo
t 06 i 09	península
t 06 i 10	ninfa
t 06 i 11	conosco
t 06 i 12	monte
t 06 i 13	monge
t 06 i 14	mundo
t 06 i 15	anúncio

t 07 i 01	champô
t 07 i 02	sandes
t 07 i 03	jantar
t 07 i 04	penso
t 07 i 05	agenda
t 07 i 06	benfita
t 07 i 07	gente
t 07 i 08	pincel
t 07 i 09	cinto
t 07 i 10	vindima
t 07 i 11	vinte
t 07 i 12	esponja
t 07 i 13	sombra
t 07 i 14	assunto
t 07 i 15	fundo

t 08 i 01	lâmpada
t 08 i 02	rampa
t 08 i 03	lenço
t 08 i 04	renda
t 08 i 05	cilindro
t 08 i 06	limpar
t 08 i 07	lomba
t 08 i 08	roncar
t 08 i 09	lumbago

t 09 i 01	pato
t 09 i 02	pacote
t 09 i 03	tapete
t 09 i 04	capacete
t 09 i 05	capacete
t 09 i 06	baba
t 09 i 07	gaguejar
t 09 i 08	peca
t 09 i 09	pateta
t 09 i 10	degrau
t 09 i 11	tipo
t 09 i 12	tito
t 09 i 13	guida
t 09 i 14	hipopótamo
t 09 i 15	pote
t 09 i 16	totoloto
t 09 i 17	copo
t 09 i 18	bigode
t 09 i 19	cupido
t 09 i 20	buda
t 09 i 21	narigudo
t 09 i 22	pintor
t 09 i 23	conquistador
t 09 i 24	tambor
t 09 i 25	mentiroso
t 09 i 26	connosco
t 09 i 27	totoloto
t 09 i 28	tapete
t 09 i 29	capacete
t 09 i 30	ampulheta

t 10 i 01	ampulheta
t 10 i 02	lã
t 10 i 03	encontro
t 10 i 04	entrada
t 10 i 05	importante
t 10 i 06	rim
t 10 i 07	onze
t 10 i 08	umbigo
t 10 i 09	atum

t 11 i 01	lã azul
t 11 i 02	tom adequado
t 11 i 03	fim anunciado
t 11 i 04	fim esperado
t 11 i 05	com manteiga
t 11 i 06	com naturalidade
t 11 i 07	tom natural
t 11 i 08	lã antiga
t 11 i 09	som ambiente
t 11 i 10	manhã anterior
t 11 i 11	a antiguidade

t 12 i 01	mãe
t 12 i 02	também
t 12 i 03	põe
t 12 i 04	muito
t 12 i 05	coincidente
t 12 i 06	quando
t 12 i 07	fiando

3. TABELA ELABORADA PARA A SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS REFERENTES AOS ESTÍMULOS NECESSÁRIOS À CONCEPÇÃO DO TESTE DE DISCRIMINAÇÃO

fenómeno	vogais_nasais				
palavra	pente	T01I06	repetição	ficheiro	
1	minho	als	r1	alsT01I06r1.wav	minho als vogais_nasais
2	minho	ald	r1	aldT01I06r1.wav	minho ald vogais_nasais
3	trás-os-montes	dro	r1	droT01I06r1.wav	trás-os-montes dro vogais_nasais
4	beira-litoral	prq	r1	prqT01I06r1.wav	beira-litoral prq vogais_nasais
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT01I06r1.wav	beira-interior jrd vogais_nasais
6	alentejo	jqm	r1	jqmT01I06r1.wav	alentejo jqm vogais_nasais
7	algarve	jlm	r1	jlmT01I06r1.wav	algarve jlm vogais_nasais

fenómeno	vogal_média				
palavra	capacete	T09I04			
1	trás-os-montes	dro	r1	droT09I04r1.wav	trás-os-montes dro vogal_média
2	trás-os-montes	apc	r1	apcT09I04r1.wav	trás-os-montes apc vogal_média
3	minho	als	r1	alsT09I04r1.wav	minho als vogal_média
4	beira-litoral	prq	r1	prqT09I04r1.wav	beira-litoral prq vogal_média
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT09I04r1.wav	beira-interior jrd vogal_média
6	alentejo	jqm	r1	jqmT09I04r1.wav	alentejo jqm vogal_média
7	algarve	jlm	r1	jlmT09I04r1.wav	algarve jlm vogal_média

fenómeno	paragoge				
palavra	limpar	T08I06			
1	beira-litoral	prq	r1	prqT08I06r1.wav	beira-litoral prq paragoge
2	beira-litoral	clr	r1	clrT08I06r1.wav	beira-litoral clr paragoge
3	trás-os-montes	dro	r1	droT08I06r1.wav	trás-os-montes dro paragoge
4	minho	als	r1	alsT08I06r1.wav	minho als paragoge
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT08I06r1.wav	beira-interior jrd paragoge
6	alentejo	jqm	r1	jqmT08I06r1.wav	alentejo jqm paragoge
7	algarve	jlm	r1	jlmT08I06r1.wav	algarve jlm paragoge

fenómeno	fricativa				
palavra	província	T05I09			
1	beira-interior	jrd	r1	jrdT05I09r1.wav	beira-interior jrd fricativa
2	beira-interior	jlz	r1	jlzT05I09r1.wav	beira-interior jlz fricativa
3	minho	als	r1	alsT05I09r1.wav	minho als fricativa
4	trás-os-montes	dro	r1	droT05I09r1.wav	trás-os-montes dro fricativa
5	beira-litoral	prq	r1	prqT05I09r1.wav	beira-litoral prq fricativa
6	alentejo	jqm	r1	jqmT05I09r1.wav	alentejo jqm fricativa
7	algarve	jlm	r1	jlmT05I09r1.wav	algarve jlm fricativa

fenómeno	ditongo				
palavra	pandeireta	T03I01			
1	alentejo	jqm	r1	jqmT03I01r1.wav	alentejo jqm ditongo
2	alentejo	jsd	r1	jsdT03I01r1.wav	alentejo jsd ditongo
3	minho	als	r1	alsT03I01r1.wav	minho als ditongo
4	trás-os-montes	dro	r1	droT03I01r1.wav	trás-os-montes dro ditongo
5	beira-litoral	prq	r1	prqT03I01r1.wav	beira-litoral prq ditongo
6	beira-interior	jrd	r1	jrdT03I01r1.wav	beira-interior jrd ditongo

	7	algarve	jlm	r1	jlmT03I01r1.wav	algarve jlm ditongo
fenómeno		b/v				
palavra		vinte	T07I11			
	1	algarve	jlm	r1	jlmT07I11r1.wav	algarve jlm b/v
	2	algarve	apm	r1	apmT07I11r1.wav	algarve apm b/v
	3	minho	als	r1	alsT07I11r1.wav	minho als b/v
	4	trás-os-montes	dro	r1	droT07I11r1.wav	trás-os-montes dro b/v
	5	beira-litoral	prq	r1	prqT07I11r1.wav	beira-litoral prq b/v
	6	beira-interior	jrd	r1	jrdT07I11r1.wav	beira-interior jrd b/v
	7	alentejo	jqm	r1	jqmT07I11r1.wav	alentejo jqm b/v
fenómeno		vogais_nasais				
palavra		ponte	T01I13	repetição	ficheiro	
	1	minho	als	r1	alsT01I13r1.wav	minho als vogais_nasais
	2	trás-os-montes	apc	r1	apcT01I13r1.wav	trás-os-montes apc vogais_nasais
	3	trás-os-montes	dro	r1	droT01I13r1.wav	trás-os-montes dro vogais_nasais
	4	beira-litoral	prq	r1	prqT01I13r1.wav	beira-litoral prq vogais_nasais
	5	beira-interior	jrd	r1	jrdT01I13r1.wav	beira-interior jrd vogais_nasais
	6	alentejo	jqm	r1	jqmT01I13r1.wav	alentejo jqm vogais_nasais
	7	algarve	jlm	r1	jlmT01I13r1.wav	algarve jlm vogais_nasais
fenómeno		vogal_média				
palavra		mentiroso	T09I25			
	1	minho	als	r1	alsT09I25r1.wav	minho als vogal_média
	2	trás-os-montes	dro	r1	droT09I25r1.wav	trás-os-montes dro vogal_média
	3	beira-litoral	clr	r1	clrT09I25r1.wav	beira-litoral clr vogal_média
	4	beira-litoral	prq	r1	prqT09I25r1.wav	beira-litoral prq vogal_média
	5	beira-interior	jrd	r1	jrdT09I25r1.wav	beira-interior jrd vogal_média
	6	alentejo	jqm	r1	jqmT09I25r1.wav	alentejo jqm vogal_média
	7	algarve	jlm	r1	jlmT09I25r1.wav	algarve jlm vogal_média
fenómeno		paragoge				
palavra		pintor	T01I10			
	1	minho	als	r1	alsT01I10r1.wav	minho als paragoge
	2	trás-os-montes	dro	r1	droT01I10r1.wav	trás-os-montes dro paragoge
	3	beira-litoral	prq	r1	prqT01I10r1.wav	beira-litoral prq paragoge
	4	beira-interior	jrd	r1	jrdT01I10r1.wav	beira-interior jrd paragoge
	5	beira-interior	jlz	r1	jlzT01I10r1.wav	beira-interior jlz paragoge
	6	alentejo	jqm	r1	jqmT01I10r1.wav	alentejo jqm paragoge
	7	algarve	jlm	r1	jlmT01I10r1.wav	algarve jlm paragoge
fenómeno		fricativa				
palavra		segunda	T02I18			
	1	minho	als	r1	alsT02I18r1.wav	minho als fricativa
	2	trás-os-montes	dro	r1	droT02I18r1.wav	trás-os-montes dro fricativa
	3	beira-litoral	prq	r1	prqT02I18r1.wav	beira-litoral prq fricativa
	4	beira-interior	jrd	r1	jrdT02I18r1.wav	beira-interior jrd fricativa
	5	alentejo	jsd	r1	jsdT02I18r1.wav	alentejo jsd fricativa
	6	alentejo	jqm	r1	jqmT02I18r1.wav	alentejo jqm fricativa
	7	algarve	jlm	r1	jlmT02I18r1.wav	algarve jlm fricativa

fenómeno		ditongo			
palavra	bandeira	T02I02			
1	minho	als	r1	alsT02I02r1.wav	minho als ditongo
2	trás-os-montes	dro	r1	droT02I02r1.wav	trás-os-montes dro ditongo
3	beira-litoral	prq	r1	prqT02I02r1.wav	beira-litoral prq ditongo
4	beira-interior	jrd	r1	jrdT02I02r1.wav	beira-interior jrd ditongo
5	alentejo	jqm	r1	jqmT02I02r1.wav	alentejo jqm ditongo
6	algarve	jlm	r1	jlmT02I02r1.wav	algarve jlm ditongo
7	algarve	apm	r1	apmT02I02r1.wav	algarve apm ditongo
fenómeno		b/v			
palavra	vindima	T07I10			
1	minho	als	r1	alsT07I10r1.wav	minho als b/v
2	minho	ald	r1	aldT07I10r1.wav	minho ald b/v
3	trás-os-montes	dro	r1	droT07I10r1.wav	trás-os-montes dro b/v
4	beira-litoral	prq	r1	prqT07I10r1.wav	beira-litoral prq b/v
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT07I10r1.wav	beira-interior jrd b/v
6	alentejo	jqm	r1	jqmT07I10r1.wav	alentejo jqm b/v
7	algarve	jlm	r1	jlmT07I10r1.wav	algarve jlm b/v
fenómeno		vogais_nasais			
palavra	campo	T01I05	repetição	ficheiro	
1	minho	als	r1	alsT01I05r1.wav	minho als vogais_nasais
2	trás-os-montes	dro	r1	droT01I05r1.wav	trás-os-montes dro vogais_nasais
3	beira-litoral	clr	r1	clrT01I05r1.wav	beira-litoral clr vogais_nasais
4	beira-litoral	prq	r1	prqT01I05r1.wav	beira-litoral prq vogais_nasais
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT01I05r1.wav	beira-interior jrd vogais_nasais
6	alentejo	jqm	r1	jqmT01I05r1.wav	alentejo jqm vogais_nasais
7	algarve	jlm	r1	jlmT01I05r1.wav	algarve jlm vogais_nasais
fenómeno		vogal_média			
palavra	tambor	T09I24			
1	minho	als	r1	alsT09I24r1.wav	minho als vogal_média
2	trás-os-montes	dro	r1	droT09I24r1.wav	trás-os-montes dro vogal_média
3	beira-litoral	prq	r1	prqT09I24r1.wav	beira-litoral prq vogal_média
4	beira-interior	jlz	r1	jlzT09I24r1.wav	beira-interior jlz vogal_média
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT09I24r1.wav	beira-interior jrd vogal_média
6	alentejo	jqm	r1	jqmT09I24r1.wav	alentejo jqm vogal_média
7	algarve	jlm	r1	jlmT09I24r1.wav	algarve jlm vogal_média
fenómeno		paragoge			
palavra	pincel	T07I08			
1	minho	als	r1	alsT07I08r1.wav	minho als paragoge
2	trás-os-montes	dro	r1	droT07I08r1.wav	trás-os-montes dro paragoge
3	beira-litoral	prq	r1	prqT07I08r1.wav	beira-litoral prq paragoge
4	beira-interior	jrd	r1	jrdT07I08r1.wav	beira-interior jrd paragoge
5	alentejo	jqm	r1	jqmT07I08r1.wav	alentejo jqm paragoge
6	alentejo	jsd	r1	jsdT07I08r1.wav	alentejo jsd paragoge
7	algarve	jlm	r1	jlmT07I08r1.wav	algarve jlm paragoge

fenómeno	fricativa				
palavra	cinzento	T05I08			
1	minho	als	r1	alsT05I08r1.wav	minho als fricativa
2	trás-os-montes	dro	r1	droT05I08r1.wav	trás-os-montes dro fricativa
3	beira-litoral	prq	r1	prqT05I08r1.wav	beira-litoral prq fricativa
4	beira-interior	jrd	r1	jrdT05I08r1.wav	beira-interior jrd fricativa
5	alentejo	jqm	r1	jqmT05I08r1.wav	alentejo jqm fricativa
6	algarve	jlm	r1	jlmT05I08r1.wav	algarve jlm fricativa
7	algarve	apm	r1	apmT05I08r1.wav	algarve apm fricativa
fenómeno	ditongo				
palavra	bombeiro	T02I12			
1	minho	als	r1	alsT02I12r1.wav	minho als ditongo
2	minho	ald	r1	aldT02I12r1.wav	minho ald ditongo
3	trás-os-montes	dro	r1	droT02I12r1.wav	trás-os-montes dro ditongo
4	beira-litoral	prq	r1	prqT02I12r1.wav	beira-litoral prq ditongo
5	beira-interior	jrd	r1	jrdT02I12r1.wav	beira-interior jrd ditongo
6	alentejo	jqm	r1	jqmT02I12r1.wav	alentejo jqm ditongo
7	algarve	jlm	r1	jlmT02I12r1.wav	algarve jlm ditongo
fenómeno	b/v				
palavra	banco	t04i01			
1	minho	als	r1	alst04I01r1.wav	minho als b/v
2	trás-os-montes	apc	r1	apct04I01r1.wav	trás-os-montes apc b/v
3	trás-os-montes	dro	r1	drot04I01r1.wav	trás-os-montes dro b/v
4	beira-litoral	prq	r1	prqt04I01r1.wav	beira-litoral prq b/v
5	beira-interior	jrd	r1	jrdt04I01r1.wav	beira-interior jrd b/v
6	alentejo	jqm	r1	jqmt04I01r1.wav	alentejo jqm b/v
7	algarve	jlm	r1	jlmT04I01r1.wav	algarve jlm b/v